ANA HATHERLY

# POESIA
## 1958-1978

PREFÁCIO
DE
LÚCIA HELENA DA SILVA PEREIRA

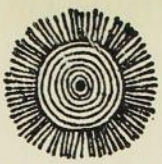
CÍRCULO DE POESIA

*MORAES EDITORES*

DIGLIVRO
DISTRIBUIDORA DE LIVROS E MATERIAL DIDÁCTICO, LDA.
R. DAS CHAGAS, 2 • LISBOA-2 • TELS. 369108 - 369769 - 371605

## CÍRCULO DE POESIA

*Fidelidade*, por Jorge de Sena / *O Sangue, a Água e o Vinho*, por Pedro Tamen / *Espelho do Invisível*, por José Terra / *Tempo Espanhol*, por Murilo Mendes / *35 Poemas*, por Cristovam Pavia / *O Verbo e a Morte*, por Vitorino Nemésio / *Ecloga Impossível*, por João Maia / *Primeiro Livro de Lapinova*, por Pedro Tamen / *Voz Inicial*, por António Ramos Rosa / *Circulação*, por João Rui de Sousa / *O Espaço Prometido*, por José Blanc de Portugal / *Poesia (1935-1940)*, por Vitorino Nemésio / *Versos da Mão Esquerda*, por José Cutileiro / *A Pegada do Yeti*, por Maria Alberta Menéres / *Poemas com Endereço*, por Alexandre O'Neill / *Poemas a Isto*, por Pedro Tamen / *O Problema da Habitação*, por Ruy Belo / *Um Halo de Solidão*, por João Maia / *Invenção da Manhã*, por Vasco Miranda / *De Tempo Soluto*, por Wilson Rocha / *O Cavalo Encantado*, por Vitorino Nemésio / *Sobre as Horas*, por Fernando Echevarria / *Teclado Universal*, por Fernando Lemos / *Metamorfoses*, por Jorge de Sena / *O Eterno Instante*, por Nuno de Sampayo / *Antologia Poética*, por Murilo Mendes / *Aventuras da Razão*, por Carlos Eurico da Costa / *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, por Fernando Ferreira de Loanda / *Tempo de Lisboa e Outros Poemas*, por Odylo Costa, Filho / *Quadrada*, por Salette Tavares / *Eros Frenético*, por Ana Hatherly / *Arte de Música*, por Jorge de Sena / *Anagramático*, por Ana Hatherly / *A Circulação da Palavra*, por Isabel Ary dos Santos Jardim / *Antologia*, por Sophia de Mello Breyner Andresen (4.ª edição, aumentada) / *Daniel na Cova dos Leões*, por Pedro Tamen / *Arte Combinatória*, por M. S. Lourenço / *Poesia (1957-1968)*, por Helder Macedo (2.ª edição) / *Álea e Vazio*, por E. M. de Melo e Castro / *Lex Icon*, por Salette Tavares / *A Poesia da «Presença»*, por Adolfo Casais Monteiro / *Sob Sobre Voz*, por João Miguel Fernandes Jorge / *Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa*, por Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro (3.ª edição, revista, actualizada e com uma nova Introdução) / *Movimento*, por Olga Gonçalves / *Aquele Grande Rio Eufrates*, por Ruy Belo (2.ª edição) / *Exorcismos*, por Jorge de Sena / *Dual*, por Sophia de Mello Breyner Andresen (2.ª edição) / *Dois Poetas Novos do Brasil*, por Carlos Nejar e Armindo Trevisan / *A Pedra Nua*, por António Ramos Rosa / *Porto Batel*, por João Miguel Fernandes Jorge / *Livro Sexto*, por Sophia de Mello Breyner Andresen (5.ª edição) / *Tisanas (40-102)*, por Ana Hatherly / *Escrito de Memória*, por Pedro Tamen / *Poemas no Tempo*, por Isabel Ary dos Santos Jardim / *Transporte no Tempo*, por Ruy Belo / *Galáxias*, por Luís Pignatelli / *Turvos Dizeres*, por João Miguel Fernandes Jorge / *Corpo a Corpo*, por Armindo Trevisan / *O Poço do Calabouço*, por Carlos Nejar / *Wytham Abbey*, por M. S. Lourenço / *Conhecimento a Oeste*, por José Santiago Naud / *Conheço o Sal... e Outros Poemas*, por Jorge de Sena / *A Base e o Timbre*, por Fernando Echevarria / *A Margem da Alegria*, por Ruy Belo / *Consequência do Lugar*, por Joaquim Manuel Magalhães / *Canto do Amor Armado*, por Thiago de Mello / *O Escritor*, por Ana Hatherly / *Alguns Círculos*, por João Miguel Fernandes Jorge / *Agora, Estar*, por Pedro Tamen / *Tampo Vazio*, por Raul de Carvalho / *Poesia Comprometida com a Minha e a Tua Vida*, por Thiago de Mello / *Toda a Terra*, por Ruy Belo / *Dos enigmas*, por Joaquim Manuel Magalhães / *Amor Combate*, por Joaquim Pessoa / *O Nome das Coisas*, por Sophia de Mello Breyner Andresen / *20 Anos do «Círculo de Poesia»*, organização e prefácio por Pedro Tamen / *Crónica*, por João Miguel Fernandes Jorge / *Poesia-I*, por Jorge de Sena (2.ª edição) / *Poeta Militante*, por José Gomes Ferreira (3 volumes) / *Canções de Ex-Cravo e Malviver*, por Joaquim Pessoa / *O Escriba Acocorado*, por Rui Knopfli / *Poesia (1956-1978)*, por Pedro Tamen / *Poesia-II*, por Jorge de Sena / *Poesia-III*, por Jorge de Sena / *Versos e Alguma Prosa de Luís de Camões*, org. e pref. de Eugénio de Andrade / *O Cristo Cigano*, por Sophia de Mello Breyner Andresen / *Poesia (1957-1977)*, por Helder Macedo / *Antologia Breve*, por Eugénio de Andrade (2.ª ed., revista e aumentada) / *Português Suave*, por Joaquim Pessoa / *40 Anos de Servidão*, por Jorge de Sena / *Películas*, por Luís Miguel Nava / *Antologia da Poesia Portuguesa (1940-1977)*, por Maria Alberta Menéres e E. M. de Melo e Castro (2 volumes) / *Poesia (1958-1978)*, por Ana Hatherly



CÍRCULO DE POESIA

97

*POESIA*

*(1958/1978)*

## OBRAS DA AUTORA

*Um Ritmo Perdido,* Edição da Autora, Lisboa, 1958 (esg.)
*As Aparências,* Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1959 (esg.)
*A Dama e o Cavaleiro,* Guimarães Editores, Lisboa, 1960 (esg.)
*Nove Incursões,* Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1962 (esg.)
*O Mestre,* Arcádia, Lisboa, 1963 (esg.)
*Sigma,* Edição da Autora, Lisboa, 1965 (esg.)
*Estruturas Poéticas - Operação 2,* Edição da Autora, Lisboa, 1967 (esg.)
*Eros Frenético,* Moraes Editores, Lisboa, 1968 (esg.)
*39 Tisanas,* Colecção Gémeos, Porto, 1969 (esg.)
*Anagramático,* Moraes Editores, Lisboa, 1970 (esg.)
*63 Tisanas,* Moraes Editores, Lisboa, 1973
*Mapas da Imaginação e da Memória,* Moraes Editores, Lisboa, 1973
*O Escritor,* Moraes Editores, Lisboa, 1975
*A Reinvenção da Leitura,* Futura, Lisboa, 1975
*O Mestre, 2.ª edição,* Prefácio de Maria Alzira Seixo, Moraes Editores, Lisboa, 1976
*Crónicas, Anacrónicas, Quase-Tisanas e Outras Neo-Prosas,* Iniciativas Edit., Lisboa, 1977
*O Espaço Crítico,* Colecção Nosso Mundo, Editorial Caminho, Lisboa, 1979
*Poesia* (1958-1978), Moraes Editores, Lisboa, 1980

No prelo:

*PO.EX — Poesia Experimental Portuguesa*
(em colaboração com E. M. de Melo e Castro), Moraes Editores
*Para Uma Arqueologia da Poesia Experimental*

ANA HATHERLY

# POESIA

## 1958 / 1978

*Prefácio*
*de*
*Lúcia Helena da Silva Pereira*

CÍRCULO DE POESIA
*MORAES EDITORES*
LISBOA/1980

# PREFÁCIO

## *O percurso do simbólico em Ana Hatherly ou a metáfora como trans-individualização* *

---

* Síntese duma Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro pela Prof. Lúcia Helena da Silva Pereira, em 1978.

La sutura nombra la relación entre el sujeto y la cadena del discurso. Para penetrar la sutura es necesario atravesar lo que un discurso explicita de sí mismo, es decir, distinguir entre la letra y el sentido.

MILLER, Jacques-Alain. *La sutura Elementos de la lógica del significante.* In: LACAN, Jacques et alii. *Significante y sutura en el psicoanálisis.* Trad.: Marco Aure Galmarini. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1973. pp. 13-14.

## 1 — INTRODUÇÃO

Numa perspectiva diacrónica, o trajecto de Ana Hatherly inicia-se em 1958 — *Um Ritmo Perdido* — passando por *As Aparências* (1959), *A Dama e o Cavaleiro* (1960), *Nove Incursões* (1962), *O Mestre* (1963), *Sigma* (1965), *Estruturas Poéticas-Operação 2* (1967), *Eros Frenético* (1968), *39 Tisanas* (1969), *Anagramático* (1970), *63 Tisanas* (1973), *O Escritor* (1975) e chegando até a *Crónicas, Anacrónicas Quase-tisanas e Outras Neo-prosas* (1977).

Dimensionar este trajecto, eis a tarefa. Articulando pressupostos lacanianos e tomando como pontos de referência *Um ritmo perdido, As Aparências, A Dama e o Cavaleiro, O Mestre, Eros Frenético,* as *Tisanas* e *O Escritor* pretender-se-á situar o per-curso hatherlyano como articulador das metáforas da ORIGEM e do PODER, pensando-se metáfora na acepção que Jacques Lacan apresenta: «a centelha criadora da metáfora não salta da presença

de duas imagens, quer dizer, de dois significantes. Forma-se entre dois significantes um dos quais se substituiu ao outro, tomando-lhe lugar na cadeia significante, permanecendo presente o significante oculto pela sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia». E, desta forma, demonstrar como se dá neste per-curso a substituição da pulsão primitiva (relação especular com tudo o que conota ORIGEM e, como tal, o nome da MÃE), por um símbolo, por linguagem, pela demanda significante do desejo primordial que não se preenche, porque recalcada pela LEI, pelo nome do PAI, pelo PODER DO OUTRO. A partir daí, explicitar-se como o sistema de relações semânticas que instauram, de forma totalizadora, o sentido do texto hatherlyano se faz lugar de construção da letra, como suporte simbólico, postulante da marca inconsciente, tomada como a parte «trans-individual do discurso concreto, que não está à disposição do sujeito para estabelecer a continuidade com seu discurso consciente» [2]. Como discurso concreto, entende-se aquele que, vinculado a uma ótica comunitária, reduplica a língua como lugar da verdade. Assim, pensar-se-á a «parole» de Ana Hatherly como trans-gressora dos limites desse discurso concreto para, ao fazer-se linguagem, pôr em cena o que nela se acha interdito e, portanto, deslocado para outra cena.

## 2 — DESENVOLVIMENTO

### 2.1 — *Um Ritmo Perdido*

Em *Um Ritmo Perdido,* a metáfora de ORIGEM se acha engendrada a partir de uma reação narcísica, pré-edipiana, em que se dá a busca de identificação do *eu* com o duplo de si mesmo: o *amor.*

*A gente anda pelo mundo fora*
*À procura da identidade de nós próprios*
*Em cada amor,*
*Cada um procura o seu amor,*
*O eco e o reflexo de si próprio,*
*A harmonia transcendente do seu ser* [3].

Esta busca de identificação do *eu* com o *amor,* este reconhecimento imaginário do *eu* no *amor,* como um «doublé» de si não se realiza. Então, como «corps morceté», o eu se fragmenta. Resultam desse esfacelamento pedaços-primeiros significantes, que remetem sempre a uma relação posi-

tivo/negativo, ser/não-ser, inserida no corpo do *eu:* nuvem, onda, mar de calma, árvores, estrelas, areia, pedras, terra.

*Nuvem que foste*
*E já não és*
*Desejo formulado e incompreendido* [4]

*Um ouvido que escuta,*
*Uma alma que espera...*
*Uma onda desfeita,*
*É ou já não era?* [5]

*Rio tumultuoso...*
*Encontrar enfim o mar da minha calma!*
*Esse lago tranquilo, cor de céu sem cor.* [6]

*Meu Deus, está louca!*
*Vamos levá-la.*

*Estava tão feliz!*
*Olhava as estrelas e cantava...* [7]

*Com a mais fina areia se formaram duras pedras,*
*Com qualquer frágil flama se incendeia a terra.* [8]

Esta dualidade reflecte a impossibilidade de re-construção do corpo *eu* em torno do *amor*. Como consequência, a *dor*, o *não-voltar*, o *não-voar*, a *solidão*, postulam o deslizamento desses significantes primeiros — partes do *eu* despedaçado — para o Significante: a busca do complemento «materno» — amor — desejo primordial de ser o desejo do desejo da MÃE que, em outros termos, é de si, falta que nunca se preenche. Aí o narcísico da ordem imaginária.

*Voar é humano,*
*É transitório, momentâneo...*

*Aquele que voa tem de poisar em algum lugar*
*Isso, é partir*
*E não voltar.* [9]

*Que estranha a minha solidão!*
*Não sei se estou só*
*Por estar sozinha*
*Ou se estou sozinha*
*Por ser só.* [10]

2.2 — *As Aparências*

As *Aparências* mostram como o sujeito, dividido entre a sua individualidade e a ordem da linguagem que o domina, nega e mascara a sua própria realidade — natural, primária, original — ao identificar-se com a imagem do OUTRO. Propõem, em sua primeira parte — Os elementos — a metáfora de ORIGEM. Os significantes do enunciado (ar, água, terra e fogo) postos como tal em presença e, portanto, numa organização sintagmática, articulam como latência o paradigma do NATURAL, veiculador do prazer, proibido pela PALAVRA SOCIAL, porque codificador de um incesto: indivíduo-mãe. Ao *Eu,* ocupante de um lugar na enunciação, como autor fictício, só resta estabelecer com o *ele* do enunciado (ar, água, terra e fogo), uma relação em ausência, jamais resgatada, excluída que está da cena em que se mostra, tal qual os fantasmas em recalque do inconsciente, que só se mostram, deformados, nos discursos oníricos e nas análises dos chistes, sintomas e atos falhos. Desatualizado que está, resta ao sujeito aparecer/parecer/perecer — recordar. Isso fala.

*Aparência é o que aparece,*
*O que parece*
*E perece.*
*Daquilo que revela*
*E daquilo que oculta,*
*Que real ser resulta?*
*O reflexo é uma subtil denúncia:*
*Do indizível ser*
*É a pronúncia,*
*No temporal viver*
*E ténue recordar.* [11]

As outras divisões do texto de *As Aparências* remetem-nos para um outro texto *(Alice no país das maravilhas),* posto em in-versão simbólica, re-criado, refeito e estruturante do sujeito na ordem simbólica e, portanto, submetido

ao OUTRO, como portador da verdade; coloca-se em tensão sujeito recalcado, sujeito social.

*És meu escudo e minha lança,*
*Verdade,*
*És meu refúgio, e adorno.*
*Como uma túnica,*
*Vestes-me de graça e movimento,*
*Trago-te por sobre mim*
*E em mim tu te confundes e te explicas!*
*— Mas acaso a verdade tem assim tão dupla face*
*Que para mortal disfarce*
*Tão bem sirva?* [12]

2.3 — *A Dama e o Cavaleiro*

Dividido em passos, *A Dama e o Cavaleiro* explicita o «caminhar» — demanda de dama e de cavaleiro na direcção do encontro — desejo satisfeito. Este «caminhar» é actualizado pela titulação dos passos da narrativa: Anima mundi, A espera, A promessa, A voz, A demanda, Os enigmas, A visão, O regresso, Concerto das Almas. Há entre os títulos a dominância de um sistema de contiguidade, indicador de um processo retórico do tipo metonímico, onde o alinhamento na cadeia sintagmática na verdade infere-se como um des-alinhamento, para o que concorre a aparente oposição paradigma (totalidade do per-curso/encontro)/contiguidade (passos).

Na forma de narrativa, o enunciado subordina-se à enunciação, que se constrói na ausência pressuposta do enunciado, sob o ponto de vista da relação narrador & narração, no qual o narrador se acha excluído dos personagens.

Falando como J. B. Fages, em sua releitura de Lacan: «o que o homem deseja é que o outro o deseje: ele quer ser aquilo que falta ao outro, ser a causa do desejo do outro. O amante experimenta uma falta mas não sabe o que é que lhe falta; o amado não sabe o que é que ele próprio tem de velado e que no entanto lidera o amante. Entre amante e amado há portanto inadequação, não-coincidência; o que falta ao amante não é necessariamente o que há de velado no amado. O desejo é assim marcado por uma impossibilidade essencial.»

A narrativa, *A Dama e o Cavaleiro,* cedo marcada pelo encontro, pela coincidência do desejo e do objecto, põe em cena o mito do Andrógino, do ser que acumula os dois sexos, já que desejo e objecto desejado são-incoinci-

dentes. Assim, institui-se a fusão do sujeito — eu/dama com o objecto — outro/cavaleiro, na qual eu e outro passam a constituir uma figura — NÓS — ou o EU que apresenta o OUTRO, incluído como MESMO.

*O suavíssimo adejar dos anjos*
*Precede o cortejo*
*De todas as almas*
*Que vão aceder*
*Ao supremo concerto.*
*São os mensageiros da paz prometida*
*Na melodia de todos os tons*
*E auréolas, halos*
*De etéreos coloridos*
*Coroam os sons*
*Translúcidos das vozes*
*Extintas de lágrimas.*
*Levíssimas brisas conduzem sem ritmo*
*As almas que entoam*
*O concerto supremo.*
*E tudo o que é diferente*
*Se identifica:*
*Os anjos, as almas,*
*As almas da Alma*
*Que se unifica.* [15]

## 2.4 — *As Tisanas*

As *Tisanas* instalam a metáfora do PODER enquanto neurose: «toda a cultura se instala pela neurose. Ela cria e nomeia as instituições cabíveis na categoria de MÃE, assim como as cabíveis na categoria de PAI. Para Criança, tudo passa a se resumir na conquista de completação em MÃE, com que a cultura acena, mas dentro das proibições impostas por PAI. Com isto, Criança deixa de ser apenas Socius, ser-social, para se tornar gregário, mas de um gregarismo novo, positivo ou negativo, fundado em código de mera institucionalização.» [15]

Nas *Tisanas,* a cultura, como macroinstituição, fragmentada em elementos de origem e de satisfação das necessidades primárias, num aspecto caracteristicamente sensorial — ver, ouvir, tocar, provar (princípio do prazer/Freud), bem como em elementos estruturantes de coerção e de lei

(princípio da realidade/Freud), colocam o sujeito como um ser para viver ou para morrer, pensando-se VIDA como um sistema que envolve o homem em sua totalidade biológica, submetido aos mecanismos de escolha e de sobrevivência, e MORTE como um sistema que pressupõe a entropia absoluta, impossibilidade de escolha, castração.

> *Sento-me à porta de casa e penso o céu onde começa? é imediatamente acima do chão? estamos sempre no céu então? do outro lado da minha casa passa o rio. um pescador espera paciente enquanto outro se prepara para regressar. deito-me no chão e mergulho a cara na terra.* [16]

Quando se toma a metáfora do PODER enquanto neurose, reafirma-se o logro do termo. Neurose no sentido que a fala do sujeito social é reduplicadora do discurso ideológico, submissa a um Estado e a uma classe social. A linguagem social, a cena dita se coloca como centro possível de toda a verdade levada à última instância, exclui o sujeito de suas indagações — é, portanto, MORTE.

> *Era uma vez uma cidade realmente grande onde tinha sido instaurada a dignidade do suicídio. Em clínicas especializadas dispositivos de prata distribuíam cápsulas transparentes que os candidatos tomavam para depois de embalados atingirem o passamento aventurado. Essas cápsulas chamavam-se obliviantes e nelas desapareciam os obliviados a quem todos se referiam com reverência. Mas era preciso merecer a morte obliviosa pois nem todos tinham o direito de morrer.* [17]

No sentido de fenda, sutura, a neurose mostra que o sujeito recalcado pode furar a censura e interferir na própria fala do sujeito social. Intervenção deformada metaforicamente, mas que evidencia o sujeito como função.

> *Era uma vez um mar de esparguete em que as praias eram de arroz-doce. Nos dias de tempestade erguiam-se dele grandes emaranhados de minhocas zangadas que desmoronavam na praia com um ruído de vómito. Quando o tempo estava bom vinham os banhistas trazendo grandes frascos de canela. Então as ondas ofereciam o lombo deixando pender as línguas. Quando os banhistas se retiravam ficava tudo parecido.* [18]

Desta forma, tem-se nas *Tisanas* o paradigma das categorias do discurso de exclusão do sujeito, quando discurso consciente, que tem como ótica estruturante a censura (a ideologia comunitária) / discurso de inclusão do sujeito, quando discurso inconsciente, de ruptura da LEI.

## 2.5 — *Eros Frenético*

*Eros Frenético* apresenta a pulsão erótica como resultante da articulação actividade/passividade: «c'est seulement avec l'activité/passivité qu'entre en jeu ce qu'il en est proprement la relation sexuelle.» [19]

O erotismo, como elemento que o sujeito deve colocar em recalque, se manifesta metaforicamente pela junção sujeito/natureza/origem-Eros/pulsão primordial, onde a natureza é a própria «carne» do sujeito, e metonimicamente pela própria disposição dos significantes que conotam natureza/origem Eros — pulsão primordial no interior do texto.

> *Estou na varanda enquanto tu estás sentado em teu jardim*
> *de noite e mesmo o jardim está em tua coxa e eu estou na*
> *varanda e o verde é necessário à tranquilidade* [20]

Presentifica-se no discurso a problemática do desejo e da demanda:

«O desejo se produz para aquém da demanda, pois esta, arremedando seu frenesi, lhe significa sua radical falta de ser. Desde então se instaura uma dialética radical: a demanda invade e subtrai o desejo, mas incapaz de o completar, o faz renascer cada vez mais frenético.» [21]

> *Eles estão ali caídos sobre a terra sacudidos*
> *pelo estertor do encontro e enquanto seus corpos*
> *se confundem por dentro freneticamente devorando*
> *dentro de cada um o espaço escuro da noite de vivermos*
> *separados* [22]

Se a demanda é substituição da pulsão primitiva do sujeito (ser o falo da MÃE) e evoca a total falta de ser do desejo, o impulso erótico é, ao mesmo tempo, impulso de VIDA e de MORTE: «quando queremos atingir no sujeito o que havia antes dos jogos seriais do discurso e o que é primordial ao nascimento dos símbolos, nós o encontramos na morte.» [23] Morte/Vida é manifestada no texto pelo significante *noite*.

*Oh Madre*
*matriz das criaturas inferiores que rastejam*
*a teus pés cobertas de pó*
*Esse pó que a cada momento ameaça submergir-nos*
*Noite*
*Noite*
*Oh aranha enorme tecendo tua teia de pó*
*Oh noite que desintegras tudo e tudo tu constrói* [24]

## 2.6 — *O Mestre/O Escritor*

*«Os Mestres devem guardar a distância devida. Os Mestres devem evitar toda a familiaridade. Os Mestres devem saber fazer-se respeitar. Os mais modernos métodos pedagógicos tentando introduzir a democracia nas relações do Discípulo com o Mestre estragaram absolutamente tudo. Dantes estava tudo bem esclarecido. A gente dizia: Mestre, e ele não respondia como hoje: não me chame Mestre, senão obrigo-o a pagar uma multa.»* [25]

O Mestre. O Escritor. Ambos representando uma metáfora: a do PODER.

Tiranos. Sujeitos suposto saber, centros de um discurso do qual conhecem todas as Regras: «o discurso do mestre (o avesso) é discurso da consciência que domina, de um Sujeito mestre-e-senhor e produtor de conhecimento... O sujeito se abisma nessa hiância por ter de supor um Autor do Saber.» [26]

Leitor e discípulo entram em cumplicidade. Jogar. O jogo do prazer. A busca do prazer. Do leitor, o prazer do texto, em ideo-gramas que o escondem/supõem. Da discípula, o prazer do aprender, o prazer da Alegria. Prazer nunca alcançado porque determinado pela relação mais-gozar/falta-em-gozar. Falta que nunca se preenche. A falta do Escritor busca o Leitor incessantemente. A falta do Mestre busca a Discípula. Buscar o Falo perdido, castrado pela tirania Sacralização da hiância, da falta-em-gozar. Encontro que nunca se perpetua porque *logro*. Ritualização como repetição da ilusão do saber que fica, a tentativa de domínio de uma práxis formativa de falar. Falar o vazio.

Buscar transferir. A Discípula ao Mestre. O Leitor ao Escritor. Jogo do espelho do sujeito suposto saber. Falso entendimento narcísico. Não rompimento da norma, do apropriado, da propriedade. Nunca a instauração do equívoco. No fim, o lugar da MORTE.

*«A Discípula aponta o punhal. Recua um pouco. Avança correndo. Enterra o punhal até o punho. Nenhuma resistência. Nenhum ruído. Deve ter sido fulminante.*

*Bom, agora já podemos partir. Começa a viagem de regresso. Outra vez rastejar. Outra vez as pancadas do coração a servirem de bússola. A saída deve ser por aqui... Cá está! A Discípula começa a percorrer com infinitas precauções o caminho de regresso. Quando já tinha percorrido alguns metros, resolve olhar para trás para ver pela última vez o Mestre. O Mestre está no centro da câmara rodeado de troféus, armas e venenos. Apoia a cabeça numa lira e segura pelos cabelos a cabeça da Discípula. A cabeça da Discípula está trespassada por um punhal enterrado na fronte até ao punho.»* [27]

## 3 — CONCLUSÃO

Então um lugar existiria onde todo o significante faria sentido, onde este sentido, arbitrariamente, absolutamente, faria nosso ser. Esse lugar seria o OUTRO. Lugar onde as palavras se espraiam, deslizam por toda parte. Tentativa de escape. Que seria se o OUTRO escapasse?

O discurso de Ana Hatherly é assim esse deslize, esse con-fluir, da metáfora da ORIGEM, que se recalca e inclui o sujeito, e do PODER, que exclui o sujeito e se põe em cena. Con-vivência que se faz logro e que é caracterizadora do humano-existencial.

## 4 — REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


1 LACAN, Jacques. A instância da letra do inconsciente ou a razão desde Freud. In: FOUCAUT, Michel et alii: *Estruturalismo.* Antologia de textos teóricos, p. 269.
2 LACAN, Jacques et alii. *O inconsciente,* Vol. I, p. 17.
3 HATHERLY, Ana. *Um Ritmo Perdido,* p. 41.
4 IDEM, *op. cit.,* p. 9.
5 IDEM, *op. cit.,* p. 7.
6 IDEM, *op. cit.,* p. 13.
7 IDEM, *op. cit.,* p. 31.
8 IDEM, *op. cit.,* p. 61.
9 IDEM, *op. cit.,* p. 27.
10 IDEM, *op. cit.,* p. 55.
11 HATHERLY, Ana. *As Aparências,* p. 9.
12 IDEM, *op. cit.,* p. 35.
13 FAGES, J. B., *Para compreender Lacan,* p. 44.
14 HATHERLY, Ana. *A Dama e o Cavaleiro,* p. 55.
15 M. D. Magno. Gerúndio. In: *Lugar-7,* pp. 54-55.
16 HATHERLY, Ana. *63 Tisanas.* (Tisana n.º 41).

[17] IDEM, *op. cit.*, (Tisana n.° 74).
[18] IDEM, *op. cit.*, (Tisana n.° 81).
[19] LACAN, Jacques. *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, p. 175.
[20] HATHERLY, Ana. *Eros Frenético*, p. 17.
[21] FAGES, J. B. *Para compreender Lacan*, p. 43.
[22] HATHERLY, Ana. *Eros Frenético*, p. 51.
[23] LACAN, Jacques. *Écrits*, p. 620.
[24] HATHERLY, Ana. *Eros Frenético*, p. 65.
[25] IDEM, *O Mestre*, p. 31 (2.ª edição).
[26] FELMAN, Shoshana. A equivocação e sua chance. In: *Luar 7*, p. 57.
[27] HATHERLY, Ana. *O Mestre*, p. 119 (2.ª edição).

# PRIMEIRA PARTE

# EXCERTOS DE «UM RITMO PERDIDO»

## 1958

Um ritmo perdido...

Se uma pausa não é fim
E silêncio não é ausência,
Se um ramo partido não mata uma árvore,
Um amor que é perdido, será acabado?

Um ouvido que escuta,
Uma alma que espera...
— Uma onda desfeita
É ou já não era?

Nuvem solitária,
Silenciosa e leve,
Nuvem transparente,
Desenho etéreo de anjo distraído...

Nuvem,
Esquecida em céu de esperança,
Forma irreal de sonho interrompido...

Nuvem,
Luz e sombra,
Forma e movimento,
Fantasia breve de ânsia de infinito...

Nuvem que foste
E já não és:
Desejo formulado e incompreendido.

●

Que é voar?
É só subir no ar,
Levantar da terra o corpo, os pés?
Isso é que é voar?
Não.

Voar é libertar-se,
É pairar no espaço inconsistente,
É ser livre, leve, independente,
É ter a alma separada de toda a existência,
É não viver senão em não-vivência.

E isso é voar?
Não.

Voar é humano,
É transitório, momentâneo...

Aquele que voa tem de poisar em algum lugar:
Isso é partir
E não voltar.

## HISTÓRIA DA MENINA LOUCA

Procuraram toda a casa, toda a terra,
Ninguém a achava.
Ela estava no telhado atrás da chaminé,
Olhava as estrelas e cantava.
Estava tão feliz e sossegada!
Olhava as estrelas e cantava.

Meu Deus, está louca!
Vamos levá-la.

Estava tão feliz!
Olhava as estrelas e cantava...

●

Falas-me em asas,
Em voar...

Não vês que eu não sou nada,
Nem anjo nem pessoa,
Nem ave nem engenho,
Que é totalmente outra
A minha definição?

Eu não sou mais do que o próprio chão...

●

A minha vida é poética:
Paira entre a vaga mentira e a realidade.

O amor me acontece
Como as folhas às árvores,
E tão singularmente,
Que já nem sei se é natural à árvore ter folhas
Ou estar nua...

# EXCERTOS DE «AS APARÊNCIAS»

## 1959

### QUANDO BEBEU O ELIXIR PERDEU A DIMENSÃO

III

O sonho é a ponte
Que vai do infinito ao infinito,
É a medida sem comparação,
É a presença do que se imagina.

Sonhar talvez só seja
Reconhecer o que já nem a alma sinta
Nem o próprio pensamento veja.

### O LAGO DAS LÁGRIMAS

II

Paira um deserto nas minhas entranhas,
Mas não deserto quente de areia a brilhar,
Nem um deserto branco à luz do luar:
Paira um deserto negro como o fundo dum mar.

Mas quando o mar é só silêncio
E peso,
Escuridão e fórmula anulada
Do próprio movimento,
Já não é mar
Nem água:
É a casa do próprio esquecimento.

## A CORRIDA EM CÍRCULOS

### I

O círculo é a forma eleita:
É ovo, é zero,
É ciclo, é ciência.
Nele se inclui todo o mistério
E toda a sapiência.

É o que está feito,
Perfeito e determinado,
É o que principia
No que está acabado.

### II

A viagem que o meu ser empreende
Começa em mim,
E fora de mim,
Ainda a mim se prende.

A senda mais perigosa
Em nós se consumando,
Passamos a existência
Mil círculos concêntricos
Desenhando.

III

Se o círculo como meta
A nenhum ponto leva,
Ninguém distinguirá o vencedor
De entre os vencidos.

E assim ficam os prémios todos
Recebidos
Ou só invalidados?

## PASSAR PARA O OUTRO LADO DO ESPELHO

II

Contínua é a minha partida
Para o regresso.

O espelho que eu cruzo
Tendo dupla face
Nunca me indica
Qual lado ultrapasse.

Se só uma miragem
Nele se encontra
Não sei se é a ele
Ou só a minha imagem
Que o meu ser defronta...

III

Deixem ficar o brilho frio
Do pensamento que se interpõe
Que a água e a consciência
Não são a mesma coisa

— O que uma reflecte
Na outra se projecta —

E morte fica de permeio
Entre o que está assustadoramente aquém
E o que misteriosamente além
Se imagina.

O FIM

O tempo é um passo
Que em seu próprio espaço
Cabe.

Com ele partimos
E nele regressamos
Cumprindo o indirecto plano
Da reintegração:

É a flecha
Desferida do arco de toda a invenção.

# EXCERTOS DE «A DAMA E O CAVALEIRO»

## 1960

### OS ENIGMAS

I

São barcos sem quilha
E passageiro o leme.
O mastro submerso
Na água que voa
E velas, mil velas
Caminham
Na palma das praias
Que crescem com as ondas.
O sol é um coral de síntese
Intacta anémona
Translúcida, fria
E o ventre das conchas
Que geram flores
Ondula na sombra
Das sombras da sombra.
Ágeis, os lábios
Em ritmos glaucos
Transformam o barco
Em âncora fluida.

Nadam insectos
Em poalhas de pólen
E os frutos gemendo
Renegam a árvore.
Erguem-se cruzados
Em cavalos de cinza
E as ideias costuram
Um manto desfeito.
Os dedos cruzados
Nas campas risonhas
Abrem-se mostrando
No peito um pombal
De raízes claras
Que sobem no tempo.

E a terra escorrega
Em milhares de colares
Brilhantes, miríficos.
Rastejam bandeiras
Em ondas de verme
E os fachos acendem
Viagens suspensas.
Os espelhos correndo
Pelas suas facetas
Giram os ponteiros
De todas as horas.
Gargantas sorriem
E ouvidos cantam:
Os barcos sem quilha
Olham para o alto
Através do profundo.
Olhos, plagiando
Caminham para dentro
Das coisas subterrâneas, soturnas
Dos frios, arrepios
Tremores e rugidos
Tubas sombrias
Do reino dos silvos
Das sombras, gemidos
Cavernas e grutas do reino dos lismos

Dos líquenes e limos
Casa de abismo dos encarcerados
Sonâmbula agonia
Dos vitoriosos fantasmas
Dos vencidos,
Reino dos tons azuis
E do átomo suspenso
Onde labora o germe
Na colmeia húmida
Casulo
Casula obscura
Do rito contínuo,
Antechama
Antecâmara da noite
Pré-nocturna,
Do prelúdio inescutado do espectro
Insentido aspirar
Ao voo elíptico da mobilidade
Senda de morreu
Mór
Eu...

II

Rola a pedra
Mói a mó
Cai o pó
Sobe a poeira.
Mágica é a imagem
E lógica a alquimia.
Calado é o ruído
E a voz é só aturdimento.
Fantástico é o momento
E só a eternidade espera.
Leves são os pensamentos
E só a fantasia pesa.
Crinas, escamas
Asas, pernas...

Penas.
Só penas.
O riso tem lágrimas
Que a tristeza esquece
As lágrimas sorrisos
Que o bem escarnece.
Sorrir tem tormento
Que o mal encarece.
Suspiram as rochas
Doridas esperanças
De sublimação.
Suspiram pelo fogo
Que as transformaria
Mas vêm as águas
Mas vêm os ventos
E dispersam as gemas
Das suas entranhas.
As pedras que mudam
A rota do vento
As pedras que geram
Os tesoiros fundo
Regatos as sulcam
E os rios as tragam.
Mil mares fragmentam
As pedras que esperam
A libertação.
Então crescem plantas
E erguem-se árvores
Que descobrem no dorso
Os passos do vento
E gemem, vergadas
Vergadas
Pelo jugo invisível
Da aragem que passa
Repassa
Regressa
E não fica
E é grito insistente
Nas pedras que toca
E é canto etéreo

Nas harpas da água...
E a voz agitada
Das nuvens que forma
É o Movimento
Perpétuo insossego
Da pausa detida.

III

Mataram o grifo
De penugem branca.
Rasgaram-lhe o ventre
E gelaram-lhe o peito;
Cessaram-lhe o voo
Nas asas poderosas
E fizeram da graça
Um troféu de assombro.
Mataram o grifo.
Com fogo e com fúria
Perderam-lhe a alma
E as asas poderosas
São leques de sombra
Pregados na carne
Da árvore vergada
Vergada de assombro.
E o medo que emana
Das asas antigas
É um peso
Um presságio
Que atinge os arcanos
Secretas cisternas
Dos encantamentos.
As cifras ocultas
Na penugem branca
Ficaram perdidas
Ficaram suspensas
Negaram à esperança
O momento supremo:
Mataram o grifo.

## A VISÃO

### II

Quem me sussurra
Essa doce visão
Que tanto amarga
Nos lábios com que escuto?
Amáveis génios
Empunham os espelhos
Em que se mira
Narciso suspenso
Da obscura raiz inversa
De que pende.
A sua palidez
Altera a cobiça
Em lúcida corola
E o pardo olhar perdido
Transforma
Em finíssimos estames
Estigmáticos...

És tu que eu busco?
És tu, fantástica visão
Da minha natureza idealizada?
Amada
Amada criatura inexistente
Chamas-me ou despedes?
E no espelho
O que eu busco
Amáveis génios
Por piedade escondem.

### III

Triste fulge
A pérola

Sobre o seu próprio branco
(A irisada sombra avulta
Na igualdade).
Amargurado fruto
Se desprende a pérola
Triste viagem
Da fonte para fronte
Branco deserto frio
Esplendor
Imóvel declive que transporta...
Tristes, as veias incolores que percorre
A pérola
Em pérolas desfigura
E com elas
Um alto cipo ergue
Lucilante...

Recorda!
Pede o brilho;
Apaga!
Pede a esperança...

Eis como a pérola brilhante
Se desvela.

IV

Abrem-se as portas
De duplo batente
Que dão para o espaço
Binário idêntico.
Quem sabe se abrem
Ou fecham
As portas que dão
Do nada para o nada?
Avança ou recua
Quem se move no vácuo?
E se pára

Quem sabe se ainda
Caminha, subindo
Se desce?
Ah, quem tirasse
Do tubo de ensaio
A prova infinita
Que minta sem trégua
A certeza perene!
Mas os gonzos girando
Sobre si mesmos, obedientemente
Avançam, recuam
E voltam ao mesmo.

## O REGRESSO

### I

O termo que eu temo
Em mim estremece.
Não é o que passa
Nem aquilo que esquece
Que o meu ser receia
É antes
Essa dor contínua
Que de si mesma se torna cadeia.
Se alguma dor existe
Que o termo não atinja,
Não existe porém termo algum
Que a própria dor não finja:
Sentes? Mentes.
Sabes? Não vês.
Quando descobres, passaste
Quando interpretas
Esqueces.

II

A senda que eu sigo
É a meta que atinjo.
Partindo, regresso
E regresso avançando.
Temendo é que eu venço.

Chorando, me alegro
E sofrendo, embeleço
Entendendo a ordem
Oculta e evidente:
Ou amo e morro
Ou vivo e não amo.

III

As lágrimas que dos meus olhos caem
São o teu pranto em mim realizado.
As tuas penas em mim se vivificam
E o teu sofrer em mim encontra forma.
O teu silêncio é a minha voz mais funda,
O teu querer, a minha esperança intensa,
De sorte que não existe morte
Tua que a mim me não pertença.
E a solidão que de alma a alma aumenta
O anseio do encontro antigo,
É a inarmonia que vive
Da diferença que a desunião gera.
Reúne-te comigo no meu chamamento,
Reúne-te comigo ao que nos demora,
E levemos connosco o fim desta espera!

SIGMA

1965

DO CROCODILO

da criança, coisas simples como a lembrança de comer pão, fatias de um pão que se ia buscar ao forno, que era uma caverna sufocante e o pão era muito grande e quente, um pouco húmido, redondo sobre uma folha de couve finíssima e escura.

Lembrança dos jardins entrevistos através das grades altas, quando os olhos são pequenos de mais para a imensidade de uma paisagem através de um buraco de fechadura, através da fenda de uma grade, através de uns muros sempre cobertos de vidros partidos brilhando ao sol como os dentes de um crocodilo que é o símbolo do silêncio intransponível que separa umas coisas das outras, um silêncio rútilo, acerado, agudo.

Quando o perfume dos jardins ao pôr do sol embriaga, fere, fica gravado na memória como a cicatriz de uma queimadura, indelével, constantemente odorífero até fazer as glândulas salivares doerem, odor de fazer subir as lágrimas aos olhos, por ser tanto, tão grande, sufocante no seu excesso.

Dádiva que não se pode abranger num só momento, dádiva que é preciso uma vida inteira para ser apreendida, compreendida. Dádiva que nos retalha, que nos cobre de sulcos, de rugas na face e por dentro, que cria múrmuras obscuridades na memória, labirintos, quedas de água e lagos transparentes como a espessura de um ar imóvel e claro.

Uma vida inteira para saber se as manchas de humidade na parede são ou não sombras de gigantes lentos enquanto por entre os seus dedos esvoaçam anjos, só asas e cabelos loiros e risos.

Sonhamos com o mar e o pavor das ondas correndo ameaçadoras para a praia, a mesma praia onde há aqueles búzios pequeninos que se chamam

beijos e se apanham na areia e depois fazemos com eles colares, grandes colares de beijos à volta da garganta.

Há também aqueles búzios grandes que nunca conseguimos descobrir sozinhos e se vendem nas lojas onde às vezes estão grandes peixes mortos, heroicamente de olhos abertos para este outro mundo.

É por isso que aquele ruído da respiração do mar, tão parecido com o sussurro dos pinhais, aquele ruído dentro do labirinto de um búzio, é o susto do incompreensível. É encostar ao ouvido aquela respiração e pensar que lá dentro talvez esteja alguém que respira daquela maneira, que nos diz talvez alguma coisa muito importante numa língua incompreensível ou que de repente vai soltar-se lá de dentro uma comprida mão muito fina que nos vai apunhalar dentro do ouvido mais fundo de nós, que vai deixar-nos exangues e brancos enquanto à nossa volta o sussurro do mar se transforma num correr de sangue espumante e ameaçador, totalmente alheio ao nosso corpo ossificado, transformado num búzio vazio onde ressoa a estranha pulsação do silêncio que separa todas as coisas e

## O CORTE TRANSVERSAL

Na extrema fragilidade do momento sento-me à porta de casa contemplando a rosácea do ventre. No bico de um melro melismático a incrivelmente complicada constituição de um pêlo.

Tardiamente abriste as comportas, meu moleiro, o grão agora já está congelado, agora o mamute vai descer ao café e encomendar uma cassata tropical e a pimenta vai-lhe fazer cair um a um os pêlos incrivelmente complicados.

Não imaginas, meu moleiro, como estás longe.

O desábito é uma coisa tão terrível como o hábito que torna as papoilas de súbito mortíferas e as espigas cardos, meu moleiro, que estranha profissão a tua, pisa-cardos! És uma larva de um bicho pré-histórico fossilizado antes de nascer, não queiras acordar agora com os teus olhos míopes como os da tartaruga, dorme, dorme, enquanto o espadarte fere como a cimitarra de um mouro dando gritos e trespassando os corpos brancos dos fiéis imolados a uma ideia, agora apenas sangue nos cabelos das searas.

Já viste um bicho pequeno e esguio
como um peixe doirado num aquário
de repente mudar-se em unicórnio
negro com um chifre vermelho e agudo
atacando, ferindo e destruindo tudo?

Mas não quero perturbar o teu sono, meu moleiro, com a misteriosa vibração que emite um corpo.

Passou agora um bicho à procura dum ninho para pôr os ovos. Ah, não imaginas como é perturbante compreender a força da necessidade! Aqueles pios melismáticos a quererem estoirar através da pele... É uma coisa terrível a premência. O bicho corria, nem imaginas, a luz era demasiado forte, demasiado quente, demasiado luz e o bicho corria, corria, os pios a picarem na barriga, a furarem as membranas dos ouvidos das entranhas que de repente começaram a arrastar a cauda pelas ruas da cidade e o bicho correndo, correndo... Ah, não imaginas, a constituição de um grão de pólen: as anteras deixam cair o pólen, repara, apenas o deixam cair, e o grão absolutamente cego e desorientado entra no túnel e cai na pedra da mó, tu sabes como é, meu moleiro, a máquina a girar, a girar, o pó a cobrir tudo, o barulho da máquina e nós todos cobertos de pó e de suor e cá fora aquela mão que empurra a azenha.

E todo o dia vem mais grão, cada vez mais, as máquinas não podem parar e vêm os fiscais saber se as máquinas estão a trabalhar bem, se a fábrica dá o rendimento devido, porque segundo as estatísticas os nossos processos de produtividade estão antiquados e o moinho não tem correspondido às necessidades da população.

E a mão cá fora manda tudo para a frente.

E o inspector acaba por ficar coberto de pó e fica também rouco e depois mudo e muito mais tarde fica também surdo e começa a trabalhar no moinho ao teu lado e só nessa altura, quando na repartição verificaram a ausência prolongada do inspector, é que mandam o inspector dos inspectores para ver o que se passava no moinho.

Nessa altura estava um gato à porta que lambia os beiços e depois lavava a cara com as patas muitíssimo curiosas porque os gatos são uns animais cobertos de pêlos.

Mas o inspector dos inspectores não sabia que as plantas absorvem a seiva bruta pelos pêlos radiculares e que em algumas plantas xerófilas as folhas se transformam em picos, que é uma maneira de estar com os cabelos em pé.

O medo é uma trança.

E o inspector dos inspectores tão-pouco sabia que a areia também é uma rocha e que a folha se compõe de três partes e que as plantas também têm axila e por isso quando o inspector dos inspectores passou por cima do pêlo do gato não sabia que ia entrar no geniceu, que é uma das cinco partes de que se compõe a flor e é uma das secções da fábrica.

O inspector dos inspectores errou porque começou a penetração em

sentido inverso e deparou consigo na secção de embalagem onde tudo já tinha sido hermeticamente fechado e o ar extraído por esse processo deixava um vazio inexplicável na coerência das coisas.

A verdade é que a abelha-mestra tem a exclusiva função de pôr ovos de que nascerão indivíduos absolutamente estéreis, para que o trabalho se possa fazer sem sobressalto, senão nem a formiga branca poderia construir os seus arranha-céus de *digging-surplus* porque o espaço é uma coisa extremamente indispensável para todos os que trabalham, e para os que não trabalham também, principalmente o espaço ocupado, que está em relação directa com a produtividade do solo onde uns assentam os pés e outros só o calcanhar e ainda em cima de tacão. Por isso é que a abelha-mestra nunca sai de casa e também não dispõe de muito tempo, senão como é que poderia fabricar os tantos milhares de ovos diários?

A geleia real é usada principalmente na formação de atletas e outros organismos especializados.

É por isso que o moinho não pode parar e o inspector está muito confuso perante a propaganda que lhe foi distribuída por uma criança que nem sequer chegava ao balcão e que se fazia notar por uma voz melismática no sentido mais agudo do termo.

O inspector dos inspectores quer falar com o gerente, quer saber por que razão a fábrica não tem produzido o rendimento necessário e ameaça com um inquérito. O contabilista-chefe fica um pouco embaraçado porque ainda se orientava pelas regras do número de oiro e não percebia porque é que o aço inoxidável é menos corruptível do que a carne. E de resto, ali não era uma oficina de metalurgia mas apenas o lugar de elaboração de um processo antigo, tradicional, etnograficamente justificado.

O inspector dos inspectores, porém, era um funcionário perfeitamente treinado, fiel ao partido e à causa comum que é a produtividade máxima. Quer visitar a fábrica, quer ver o chefe do pessoal, quer ver o pessoal.

O pessoal.

O gerente é obrigado a abrir as portas do moinho.

Meu moleiro, perdoa, não se devia arrancar assim as pétalas a uma corola ou fazer-lhe cortes transversais como nas plantas dos motores. Perdoa, meu moleiro, perdoa que se abram as portas do moinho e se espalhe aquele pó finíssimo que te cobre, meu moleiro, aquele pó finíssimo que começou por ser a semente do fruto de que trituraste o pericarpo aderente, meu moleiro, à tua porta canta ainda o melro e o inspector dos inspectores não sabe que o pó é a essência de todas as coisas futuras e passadas pelo teu moinho em que te fizeste o pó que se nos cola à garganta e faz chorar os olhos de aflição.

## QUANDO A LUA VIER TOCAR-ME O ROSTO

Esta noite morrerás.
Quando a lua vier tocar-me o rosto
terás partido do meu leito
e aquele que procurar a marca dos teus passos
encontra urtigas crescendo
por sobre o teu nome.
Esta noite morrerás.
Quando a lua vier tocar-me o rosto
terás partido do meu leito
e uma gota de sangue ressequido
é a marca dos teus passos.
No coração do tempo pulsa um maquinismo ínscio e na casa do tempo a hora é adorno.
Quando a lua vier tocar-me o rosto a tua sombra extinta marca o fim de um eclipse horário de uma partida iminente e o tempo apaga a marca dos teus passos por sobre o meu nome.
Constante.
O mar é isso.
A lua vir tocar-me o rosto e encontrar urtigas crescendo por sobre o teu nome.
O mar é tu morreste.
O mar é ser noite e a lua vir tocar-me o rosto quando tu partiste e no meu leito crescem folhas sangue.
A velocidade do sangue é tu partiste.
A febre é uma pira incompreensível como a aparição da lua e a opacidade do mar.
No meu leito a lua vai tocar-me o rosto e a tua ausência é um prisma, um girassol em panóplia.
Agora a lua chega devagar e o mar é o leito de tu teres partido, uma infrutescência de eu procurar a marca dos teus passos por sobre o meu rosto.
A noite é eu procurar a marca dos teus passos.
Esta noite a lua terá um halo de concêntricas florações de gotas do teu sangue e a irisada sombra do meu leito é o teu rosto iminente.
A lua é uma seta.
Tu partiste é o silêncio em forma de lança.
Esta noite vou erguer-me do meu leito e quando a lua vier tocar-me o rosto vou uivar como um lobo.
Vou clamar pelo teu sangue extinto.

Vou desejar a tua carne viva, os teus membros esparsos, a tua língua solta. O teu ventre, lua.
Vou gritar e enterrar as unhas nos teus olhos até que o mar se abra e a lua possa vir tocar-me o rosto.
Esta noite vou arrancar um cabelo e com a tua ausência faço um pêndulo para interrogar a lua por tu teres partido e a marca dos teus passos ser a razão mágica de a lua poder surgir de noite e urtigas crescerem no meu leito.
E se encontrar a marca dos teus passos vou crivar-lhe o coração de alfinetes para que tu partiste seja a razão mágica de tu poderes morrer-te.
Quando a lua vier em forma de lança vai trespassar um pássaro para lhe ler nas entranhas a direcção tu partiste e a marca dos teus passos consiste nos olhos abertos de um pássaro esventrado.
Ah, mas o luar é uma pluma do meu leito e a lua é o colo de tu morreste para poderes enfim tocar-me o rosto.

## INTERNO, INTERIOR, ÍNTIMO

Sim, também eu tenho apenas uma coisa a dizer, uma coisa simples e pequena, um quase nada.

No entanto, íntimo.

O mais distante fundo da gema facetada está no intocável fundo da luz em que se oculta a esplêndida quietude sideral onde o espaço é uma membrana e os meus passos são o foco de perturbação de um silêncio em crateras, de um segredo palpitante e intimamente secreto até ao íntimo.

Uma só coisa, porém há a luz e um cílio apenas é já de mais, no sentido do íntimo. Sólidas camadas se entrepõem e, extremamente habitadas, ocultam a direcção do interior mais íntimo. Cílios vibráteis renovam o oxigénio num movimento ondulatório: a ostra não tem olhos e é por isso que a pérola se fabrica no íntimo, de um modo espasmódico mas lento, e durante muito tempo imperceptível.

Falamos de mais.

Muitas palavras tentam explicar a simplicidade única do íntimo. Mas a palavra distancia a íntima quietude e no esforço de atingi-la cada vez o íntimo é mais íntimo.

Um beijo é pouco interior. Num beijo, porém, pára um instante o fluxo das palavras e nesse instante o íntimo aflora longínquo. Até que o amor em palavras sufoque a sua cintilação opalina.

Uma só coisa a dizer, ou seja, quase nada.

Nada, porém, é já demasiado peso. A cintilação de uma opala é por de mais intimamente. E no entanto ósculo é a boca de um bicho com uma organização interna extremamente simples.

O oxigénio que respiramos é principalmente de origem vegetal, por isso nos nossos lábios talvez uma planta estenda perto as suas folhas, meu amor. As folhas têm na página inferior numerosos estomas, mas a respiração de uma folha não é a mesma coisa do que eu pronunciar o teu nome e assim é que o cálculo lateja por sobre todas as coisas e todas as bocas.

Talvez um de nós morra até hoje.

Talvez de noite regresse a casa e se aperceba da desintegração gradual dos objectos, do remoinho que reúne as partículas nos ritmos particulares que são as coisas. Talvez o seu corpo astral esteja ferido. E se chorar cair-lhe-á dos olhos uma lágrima invisível porque o corpo é o leito onde dormimos permanentemente até ao momento de sabermos que estamos sempre abertos para a cegueira irreal, a única verdadeira.

E se o deslumbramento cessa, cessa o canto.

Tanto labor consome a busca que em cada instante eu sei que vou ficando mais, pois antes que oráculo significasse resposta já uma pluma era o signo da verdade.

Enquanto o ouroboros continuar dormindo nós seremos sempre corpos de uma outra cabeça.

De cada vez que uma só gota do teu íntimo se escape verás que ela se condensa e de tal modo se adensa que entre ti e aquele que entreviu apenas um só cílio do teu íntimo se erguerá uma grade, uma barreira, uma lança.

E essa lança é a ti próprio que fere.

O íntimo é aquele ser laborioso de incompreensível substância, lagarta em permanente metamorfose de que tu és apenas o invólucro, a segregação visível da glândula íntimo e as suas metamorfoses são as tuas.

Somos os órgãos ambulatórios de um íntimo que respira através de nós, dos olhos aos cabelos. Somos um pequeno pé ventral, os pseudópodes de um íntimo que se desloca e a quem pontualmente alimentamos com aquilo que ele reclama: o nosso sangue cego, a medula do osso, que o íntimo apenas se alimenta do mais absoluto essencial e as minhas mãos e os meus lábios, o meu peito, o meu ventre, são os pequenos estomas por onde o íntimo examina o meio ambiente e dá as suas ordens sob forma de golpes.

O movimento pendular é demasiado curioso para que o ritmo seja sabermos que não atingimos a intimidade de não podermos ser de outro modo.

O éter é a substância prima e incalculável de que é feito o turbilhão de um sol, o turbilhão da comissura de um sentimento, de um pressentimento,

de um sonho, antena de um íntimo prisioneiro despótico, escravo senhor que acorrenta e fustiga e contudo depende de eu poder amar-te e das oscilações dum pêndulo suspenso do infinitamente etéreo, que não é um grave e por isso é invariável e por isso é imóvel e por isso é inexistente e inexaurível.

O íntimo é uma gota de éter, germe da desintegração de uma integridade fortuita.

O silêncio interno é demasiado o sentimento de que o íntimo é a boca do nada, aquilo a que chamamos a angústia de sermos invisivelmente uma boca escancarada para a solidão primordial de sermos íntimos.

## HOJE VOU LEVANTAR-ME E VOU ESTAR CONTENTE COM TODOS OS MEUS ACTOS

Hoje vou levantar-me e vou estar contente com todos os meus actos.
Vou andar, vou correr, vou gritar
vou beber água, comer terra, vou comer o ar
e vou respirar, respirar.
Vou ter consciência do meu sangue
consciência de que o meu sangue desce
sobe, entra, sai do meu coração pontual
e no momento em que me cruza o cérebro enche meus olhos de terra.
Vou andar por mim dentro em visita.
Vou considerar todos os recantos, as comissuras, os favos, os ritmos, os sonidos, os frémitos as pausas.
Vou estar contente com o meu corpo, com os meus gestos
vou estar contente com o meu rosto, satisfeita com o desenho dos dentes, com a curva das unhas, com a espessura dos cabelos.
Vou ver-me ao espelho e achar que está bem e estar contente.
Vou olhar os olhos e ver a profundeza prismática da íris sem temor, vou considerar a curva das pestanas, das sobrancelhas, a linha quebrada do nariz, da boca, as fendas móveis dos lábios, a expansão do queixo.
Vou olhar o rosto e não terei receio.
Vou olhar o rosto e vê-lo, vê-lo mesmo, inteiro, corpo inteiro de uma tangência outra.
Vou olhar-me toda e vou ver a terra com os seus continentes, suas ilhas, seus mares, seus rios, montes, lagos, florestas, prados, desertos, cavernas, fossos, precipícios.

Vou olhar-me toda e ver a terra em órbita, nas minhas órbitas o sentido do mundo, meus olhos globos húmidos, terra azul, retina do espaço.
Vou andar, vou correr, vou gritar, vou beber água, vou comer, comer o ar e vou respirar, respirar.
Vou ter consciência.
Vou mastigar a vida com a boca, com todas as minhas bocas, minhas línguas, meus dentes de dentro
Vou agarrar com todas as minhas mãos, tudo abraçar, tudo abranger, tudo apertar, cerrar, cingir pela cintura e tudo comer, assimilar, em tudo entrar, penetrar, tudo solver, engolir, em tudo penetrar
Vou penetrar-me, a mim própria ter-me, ter-me
Vou a mim própria abrir-me, meu próprio sangue dar-me, meu coração palpar-me
Vou a mim própria ser-me, vou respirar-me, rir-me, vou-me a mim própria abrir-me, a mim própria despir-me, vou nadar-me, correr-me, gritar-me, a mim própria dançar-me, com meu sangue banhar-me, vou chorar-me, com meu amor afogar-me, com minha angústia ferir-me, com meu sono dormir-me, com meus sonhos minha esperança erguer-me, com minha loucura endoidecer-me, pelas minhas veias fora vou gritar-me
Vou gritar, gritar até que eu vomite esta boca de terra que me aterra, me enterra, me afunda
Vou gritar por ti oh Sigma
até que tu me oiças e possas chamar-me pelo meu nome!

## A CHUVA OBLÍQUA É UM CONVITE À INCLINAÇÃO DO TEU OMBRO

Ontem uma máquina entrou-me pela janela dentro. Estava sentada à secretária e lia o jornal. Na cadeira estava sentado um esqueleto vivo, o que, com a cadeira, formava uma curiosa combinação de estruturas. As células do meristema secundário agrupavam-se curiosamente à volta das células vivas do tecido ósseo, e como o tecido ósseo é uma variedade do tecido conjuntivo e o esqueleto sobrepujava a cadeira, havia todo um problema de jugo, conjúgio e jogo de formas e estados. Mas é sabido que num organismo coexistem as células vivas com as mortas, como num bolbo o revestimento é o futuro passado de uma flor em trânsito.

A cabeça de um homem é uma curiosa conformação abstracta em esporângio, duro saco de esporos cuja seminação se faz pelo vento, o que permitiu a Atheneia sair da cabeça de Júpiter e é quase a mesma coisa que eu amar-te ou assistir ao aparecimento do sol.

Ou entrar pela cabeça dentro de uma máquina ou entrar dentro de uma máquina pela cabeça ou uma máquina entrar-me pela cabeça dentro ou sair-me uma cabeça pela máquina dentro da máquina da cabeça ou sair-me da cabeça uma máquina.

O humor é uma questão de entranhas, uma questão de qualidade de um tecido (epitelial!) que tanto permite que os meus olhos chorem como permite que os seios existam para que tu me distingas do maquinismo de uma árvore em forma de cadeira.

Já houve quem comparasse o humor ao amor, e não só por uma questão sonora. O humor do amor é um acontecimento trágico e como o riso resulta do trágico, o amor torna-se uma consequência de o riso ser possível para que possamos chorar no extremo limite de uma alegria trágica, tragicamente humoral, e tragicamente o moral se complique em numerosas pregas para aumentar a sua extensão consideravelmente e os pêlos que o recobrem poderem dar-lhe uma aparência aveludada. Como um intestino.

E como as ordens dadas ao sistema nervoso são transmitidas em forma de seta, isso explica que nós possamos dilacerar-nos a nós próprios quase invisivelmente.

O grande problema da fabricação do robot reside na misteriosa consistência de uma combinação que permite a individualização de uma máquina e que um certo número de robots se possa identificar com uma manada de búfalos ou uma floresta em movimento.

Por exemplo: se agora aquela árvore a que nos encostámos para repousar nos seguisse pela estrada fora, nos seguisse pelas ruas, subisse as escadas e nos entrasse em casa e dentro de casa começasse praticando as suas exigências vitais, começando por absorver a água de todas as torneiras e alimentando-se de todos os móveis e tapetes, a seguir devorasse todas as nossas peças de vestuário e pelo seu crescimento natural cobrisse com a sua ramagem todas as janelas (por causa do fototropismo e da fotossíntese) e finalmente estilhaçasse os vidros para que a ramagem pudesse obter todo o ar e luz de que necessita para o seu crescimento,

na verdade entretanto nós próprios teríamos sido absorvidos e a polpa dos teus lábios seria agora apenas um dos seus milhares de estomas abertos para a luz.

Uma floresta em movimento que invadisse uma cidade seria um curioso espectáculo, tão curioso como se de repente um mosquito adquirisse a

dimensão de um automóvel e nos cruzássemos na rua com uma mosca do tamanho de um autocarro e à porta de casa encontrássemos um sapo do tamanho de um homem e em cima da mesa uma formiga do tamanho de um cão.

Em verdade te digo que a dimensão é uma curiosa manifestação do engenho, que tem condicionado até agora a dimensão de todos os engenhos, inclusive do robot. Lembras-te de quando passeávamos por aquele jardim onde havia umas árvores anãs, e a dimensão dessas miniaturas nos fazia sentir gigantescos e de repente começámos a pensar na Alice no País das Maravilhas, porque nessa obra o problema da dimensão atinge uma extraordinária importância?

De facto foste tu que te lembraste de conceber a ideia de os insectos atingirem uma proporção outra mantendo nós a nossa esta, o que seria ainda mais interessante do que as Viagens de Gulliver.

Nesse momento verificámos que nas nossas células circulava uma curiosa biblioteca e que o nosso universo estava saturado de caracteres de imprensa e de folhas de papel, o que equivalia a dizer que a floresta tinha de facto invadido a cidade e de facto crescia dentro da nossa casa.

É por isso que em algumas casas há a sensação de cheio e noutras de vazio. O homem é a casa habitada, que é o lar, evolução de altar, corruptela de ciência.

Porém a máquina que me entrou pela cabeça dentro era uma máquina quase mesmo um homem, com a particularidade de morrer e de matar e mesmo de dar uma certa vida. Na verdade era uma máquina extremamente curiosa porque tinha o instinto mecânico da criação, que é um processo subliminar comum a todos os mecanismos.

E era de tal modo artística que, além de se apresentar revestida de oiro, tinha um longo braço articulado e montado sobre um eixo de tal modo que lhe era possível movimentar-se em todas as direcções, inclusive na do homem.

Na verdade era a máquina de um homem que em relação a ela exercia as funções de maestro, porque uma máquina é sempre um complexo rítmico sonoro.

Com o decorrer do tempo e pela assimilação do ruído pelo universo musical, a identidade do homem com a máquina foi-se estreitando de tal modo que um dia começou a desenvolver-se entre os dois uma função humoral muito particular que permitiu que um dia nascesse à máquina mais um braço extremamente fino e resistente e, durante uma passagem indicada na partitura com uma designação dinâmica apropriada, o homem e a máquina se envolvessem num amoroso amplexo. Foi então que se

revelou o poder criador da máquina que entrara pela cabeça dentro da máquina.

Na verdade nesse dia a máquina conseguiu emitir um sonido totalmente diferente dos habituais e previstos na partitura:

no momento em que ia pronunciar a primeira palavra, riu.

## O POETA ROBOT H2

Ele era apenas um homem. Um homem comum, um vulgar exemplar da espécie. Um homem simplesmente. No aspecto em que se distinguia era também um normal exemplar taxinómico, ecológico do tipo a que pertencia, pois é sabido que o que caracteriza a espécie humana é precisamente ela distinguir-se, não só das outras espécies mas dentro da sua própria espécie, quer dizer, apresenta a particularidade de variar até ao infinito e de se definir em razão dessa infinitude.

Ele era pois um homem, o vulgar *homo sapiens,* aparecendo naquela fase da evolução em que o prognatismo já estava consideravelmente atenuado, a região frontal e toda a caixa craniana de uma maneira geral começavam a adquirir amplitude e a capacidade de deslocação estava aumentando na razão inversa da importância muscular.

Era um indivíduo em trânsito, relativamente sobrecarregado de bagagem mas possuindo a particularidade de dela se despojar adquirindo cada vez mais bagagem; não que se desse um processo de eliminação gradual, mas apenas por motivo de um curioso encadeamento serial acontecer que as últimas aquisições se acrescentavam às primeiras mantendo-as precisamente onde estavam, fixando-as. Assim ele viajava com uma bagagem em dobradiça, um *dépliant,* que além de ser o seu *baedecker,* o seu *vademecum,* o seu instrutor e piloto era também a sua despensa, o seu alforje, o seu *picnic basket.* E o seu leque.

Um dia, quando se estava formando mais uma dobra no mapa e no momento de fechar a despensa, caiu do cesto do *picnic* uma migalhinha que se pôs a saltar diante do homem, brilhante e pequena como o olho de um rato. Saltava, saltava, corria, pulava, talvez quisesse dizer qualquer coisa.

Com a maior delicadeza o homem inclinou-se até estar no ângulo de incidência exactamente igual ao ângulo de reflexão.

Quando atingiu o mais alto grau de refrangência a migalhinha saltou-lhe para um olho. Pendurou-se na sobrancelha, deslizou até ao ouvido, escorregou pelo pescoço, desceu pelas costas, subiu para o ombro, desceu por um

braço, subiu por um dedo, atravessou gravemente o peito, deu a volta à cintura, até que, por osmose, conseguiu penetrar através da pele e tendo percorrido os caminhos que conduziam ao ponto indicado no roteiro como o local da entrega do telegrama, chegou lá, bateu à porta e mandou acender todas as luzes.

Nesse momento, em virtude das leis da construção geométrica das imagens dadas pelos espelhos esféricos, côncavos, como o objecto estivesse precisamente no foco, a imagem formou-se no infinito. O que foi um autêntico acontecimento, porque se o objecto estivesse no infinito a imagem seria real e formar-se-ia no foco. Porém não haveria representação.

A reflexão total produz-se quando toda a luz incidente se reflecte. Devido à reflexão total o observador vê imagens invertidas de objectos distantes.

Em óptica chama-se prisma a um meio transparente limitado por duas superfícies planas inclinadas. Mas a visão dos objectos através de um prisma é pouco nítida. As imagens são virtuais e desviadas para a aresta.

Foi por isso que, atingida uma incidência maior que o ângulo limite, se descobriu que o prisma de reflexão total, de que são exemplos o periscópio e o telescópio, era um instrumento de vencer a distância extremamente válido.

E enquanto se iam dobrando estes acontecimentos o telegrama foi entregue. Melhor, o telegrama entregou-se. Como a entrega coincidiu com o momento em que o aparelho de televisão já estava aceso e aquecido, o telegrama foi transmitido por todos os canais e comprimentos de onda, de modo que ficou tudo bem impregnado da mensagem que era assim:

SE QUERES SER FELIZ USA O ROBOT

O *homo sapiens* compreendeu perfeitamente. Desligou o aparelho. Pegou na ferramenta, meteu-a no cesto. Desceu as escadas. Apagou as luzes, fechou a porta. Desceu à cave. Acendeu uma luz baixa. Abriu o cesto, retirou a ferramenta. Colocou tudo muito ordenado em cima da mesa e começou a fabricação do robot.

Durante muitos dias trabalhou. Fez os seus cálculos, escolheu os seus materiais, fabricou as suas peças, começou a montagem. Instalou o motor, ligou os fios. Fez os acabamentos, pintou e deixou uns dias a secar. Aproveitou esse tempo para elaborar o código segundo o qual o robot devia orientar-se. Forneceu-lhe o seu *baedecker*, os seus mapas, as suas instruções.

Tudo muito complexo para o resultado ser rico.

Quando a pintura ficou bem seca o homem pegou no robot e ia já a sair com ele nos braços quando se lembrou de que não tinha arrumado a oficina, o que poderia ser muito desagradável para os futuros trabalhos. E dispunha-se a pôr o robot no chão para ir arrumar a oficina quando ele lhe disse:

Não!

Daqui em diante não precisarás de fazer mais nada. Eu trabalharei por ti. Colocar-me-ás no promontório mais sul e enquanto tu dormires deitado na areia eu trabalharei. À passagem de uma nuvem cerrarei a pálpebra e verterei uma lágrima para dentro. À passagem de um pássaro criarei o riso e quando o mar avançar mais alteroso estremecerei. Quando o vento soprar começarei cantando e ao sol poente criarei a dança propiciatória da noite. Ficarei ébrio com o cheiro do pólen, um perfume do mar pigmentará meus sobressaltos e a cada pancada do teu coração criarei um nome e com tudo isso farei o poema. Quando o sol tiver desaparecido tu subirás ao promontório. Todas as noites me deitarás contigo e segundo o desenho dos teus sonhos eu renovarei minhas células. De manhã, amorosamente te despertarei e nos teus braços me levarás até ao promontório onde eu estarei historicamente em frémito até que a noite nos reúna.

Ouviu isto o homem e achou que estava bem.

Dirigiu-se para o promontório. Instalou o robot. Dirigiu-se para a praia. Despiu-se. Deitou-se. O mar aproximava-se recuadamente. O dia desviava aos poucos. O robot trabalhava extraordinariamente. Era um frémito só. Um tremor único.

Chegada quase a noite o homem subiu ao promontório. Tomou o robot nos braços e dirigiu-se para casa. Conforme estava previsto deitou o robot ao seu lado e adormeceu. O robot cumpriu a sua vigília e na manhã seguinte estava ainda mais desperto e atento.

O homem levantou-se. Dirigiu-se para o promontório. Instalou o robot. Dirigiu-se para a praia. Despiu-se. Deitou-se. O mar aproximava-se.

O mar aproximava-se.

O mar aproximava-se. O dia desviando. O mar aproximando. O dia recuando. O robot poetava. O homem dormia. O mar aproximava. O mar aproximava. O dia recuando. O robot poetava. O homem dormindo. O mar aproximando. O dia recuava. O robot poetando. O homem recuava. O dia adormecendo. O robot aproximava. O dia avançando. E o mar poetando. O homem recuava. O mar adormecendo o dia poetava e o Robot avançava.

O mar

# POEMAS CONTEMPORÂNEOS DE «SIGMA» INÉDITOS OU PUBLICADOS DISPERSAMENTE

O poeta é
um calculador de improbabilidades limita
a informação quantitativa fornecendo
reforçada informação estésica.
É uma máquina eta-erótica em que as discrepâncias
são a fulgurância da máquina.
A crueldade elegante da máquina resulta da
competição pirotécnica da circulação íntima
e fulgurante do seu maquinismo erótico.
A psicologia do maquinal sabe que basta
que se crie um pólo positivo para que o pólo
negativo surja
ou vice-versa
e as evoluções telecinéticas pela força
das catástrofes desenvolvem suas faculdades
latentes ou absorvem-nas como a esponja absorve
as águas variáveis dos humores
que transforma em polaridade.
O maquinal eta-erótico está em astrogação
curso hipnótico dos polímeros.
Digo com precisão fenomenológica: o maquinal
circula em sua hiperesfera da maneira mais
excêntrica.
Digo e garanto:
o maquinal absolutamente absorve suas águas
variáveis e isso é seu amplexo.

O maquinal eta-erótico é tueu.
O maquinal tueu cuja tarefa árdua não é
definir a verdade está no meio da profusão
dos objectos
e considera o consumo a verdade deslocada
deslocação de grande tonelagem
laboriosa alfaiataria de eros constante
moribunda
e esse opróbrio dispersivo e vexável
indifere a vida esponjosa.
A história agrega a dificuldade essencial
das variáveis e o ensejo das coisas
prática difícil
está para o maquinal como uma indústria apócrifa

## O DIA DE UM OVO

Hoje é o dia do meu ovo
e como ele o céu está encoberto.
O encoberto é uma incógnita que me persegue.
O céu estar encoberto
ou o ovo
é uma questão ligeiramente enigmática
mas só ligeiramente.
Na verdade o céu nunca está encoberto
e um ovo apenas temporariamente.
Ou nem isso.

Contudo
o ovo está muito mais encoberto
descobri-lo é mesmo difícil
E aí é que reside o ligeiro enigma
(o enigma é sempre ligeiro
como o ovo que se fabrica
e se conduz
encobertamente).

Deve ser esta circunstância
o que nos leva à atracção pelas incógnitas (quem sabe?)

Apetecia agora sair para a rua
e meter conversa com o primeiro desconhecido
com o primeiro indivíduo com quem sentisses afinidade química.
Apetecia agora fazer qualquer coisa diferente
inesperada na tua maneira habitual
qualquer coisa que alterasse o ritmo da conduta

Mas em vez disso:
olho o espelho em cima da mesa
tem três faces
convergentes como nas leis da óptica

Penso no cabelo loiro do chauffer
e recebo a mensagem de que hoje é um dia fértil.
Mesmo essa animação
essa maneira entusiástica de falar com toda a gente.
é um aviso.

Lá fora canta um melro.
É irresistível.
Que apelo!
(Penso: são tudo ciladas)

Ah como eu tenho a obsessão do simples!
(o melro canta
e isso deveria bastar-me.
Luto por isso, de resto,
mas está tudo encoberto
e a minha fábrica trabalha
mesmo em horas extraordinárias)

Vou sair
vou sair positivamente
vou fazer minha escolha
minha selecção natural
Vou sair com a minha bússola
a minha lente

a minha cana vedora
Vou sair táctil
vou palpar a cidade
Vou sair felina
voadora
louva-a-deus
Vou sair abelha

E alguém morrerá hoje.
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Outra vez o melro canta.

Escuto
diz-me qualquer coisa

Quando eu morrer
(Penso: morro mais um pouco)
o melro continuará cantando
enquanto a sua fêmea
está sentada
em cima do ovo

## OS PARDAIS

Era de manhã e os pardais estavam de roupão
um roupão proletário de flanela
apertado de qualquer maneira abaixo da cintura.
Todos os pardais são fêmeas
senhoras 1900
com a cintura artificialmente vincada
e as nádegas em zeppelin.
Grandes olhos dolorosos
acusam a dureza das barbas de baleia
de resto órgãos de trituração
mesmo na baleia.
Uma vez vi um desenho mostrando como, graças ao espartilho,
os órgãos internos ficavam deformados e era curioso verificar

como os rins pareciam duas apetitosas salsichas
o que transformava o busto num confortável balcão de snack-bar
onde os viris machos iam dando displicentes dentadas enquanto
Freud observava que nem só os machos têm o amor húmido.
Mas eles não sabiam
e continuavam a sua digressão topográfica.

Era de manhã
e os pardais agitavam a cauda
como quem tem um tic nervoso.
Na capa dum livro um poeta de perfil estava meio zangado meio
atónito olhando para longe, para a eternidade, suponho, e por
isso o seu olho já tinha perdido pálpebra e pestanas. Na verdade
o cabelo tornara-se obsoleto e agora era apenas a simples passagem
do lápis do desenhador sobre a brancura do papel, o qual se tornara
entretanto roxo, talvez de sufocação, como quando se tem um
frasco de perfume tempo de mais debaixo do nariz.
Deve ser assim a sufocação da eternidade.
Talvez seja uma sufocação boa, contudo, como ler
qualquer coisa que se torna subitamente importante na nossa vida
sem sabermos porquê.
E de repente todo o resto se torna intolerável.

## NO JARDIM

Enquanto passeava no jardim
olhei um seixo duro e branco
e mergulhando os olhos nos átomos ocultos
me encantava.
Tomei o seixo na mão
olhei-o de perto
e levando-o aos lábios
louvava a rigidez redonda do seu corpo.
Afastado dos meus lábios porém
o seixo começa se agitando
estremecendo vi-o desdobrar-se
desmembrar-se
da minha mão erguer-se e ir voando.

Poisado num ramo
começou cantando como um melro
e a minha mão estremecia agora na sua garganta.
O ramo começou reverdecendo
abrindo em dedos claros
e um botão de flor apareceu
que era os meus lábios
correndo sobre a aragem.
Outro ramo reverdece e outro
o jardim começa se animando
começam bailando lábios sobre a terra
e os seixos todos vão-se erguendo aos poucos
até que os bichos soltam a cabeça
e deixam cair os olhos reluzentes.
Rolam no chão como sementes
buscando a sombra
a concha a gruta
bagos plenos
correndo para a boca
dos bichos cegos
deslumbrados
pelo canto do melro fulminados
até não serem mais que um seixo
duro e branco
e imóvel.

## PRÍNCIPE

Príncipe:
Era de noite quando eu bati à tua porta
e na escuridão da tua casa tu vieste abrir
e não me conheceste.
Era de noite
são mil e umas
as noites em que bato à tua porta
e tu vens abrir
e não me reconheces

porque eu jamais bato à tua porta.
Contudo
quando eu bati à tua porta
e tu vieste abrir
os teus olhos de repente
viram-me
pela primeira vez
como sempre de cada vez é a primeira
a derradeira
instância do momento de eu surgir
e tu veres-me.
Era de noite quando eu bati à tua porta
e tu vieste abrir
e viste-me
como um náufrago sussurrando qualquer coisa
que ninguém compreendeu.
Mas era de noite
e por isso
tu soubeste que era eu
e vieste abrir-te
na escuridão da tua casa.
Ah era de noite
e de súbito
tudo era apenas lábios pálpebras
intumescências cobrindo o corpo de flutuantes
volteios de palpitações trémulas adejando
pelo rosto beijava os teus olhos por dentro
Beijava os teus olhos pensados
beijava-te pensando
e estendia a mão
sobre o meu pensamento corria para ti
minha praia jamais alcançada
impossibilidade desejada
de apenas poder pensar-te

São mil e umas
as noites em que não bato à tua porta
e vens abrir-me

# POEMAS DE CRÍTICA E DE REVOLTA

## 1964/1966

### O PRIMEIRO ACTO REVOLUCIONÁRIO É APRENDER

Tenho diante de mim a grande interrogação colectiva em tropel
Sinto que estamos escassamente docentes
curvos sobre o papel
demasiado
de máquina de escrever ao lado

A agressão
de tão enorme
parece que não fere já
o povo curvo
(mas bate bate
sobre o seu dorso escuro)

Procuro o volume da agressão
ergo o braço o punho
(meu braço rema no vento
virtual hélice palma)

Não sei a quem peço
vãmente
Matam-te por tuas mãos
Acorda

## ESTA GENTE / ESSA GENTE

O que é preciso é gente
gente com dente
gente que tenha dente
que mostre o dente

Gente que não seja decente
nem docente
nem docemente
nem delicodocemente

Gente com mente
com sã mente
que sinta que não mente
que sinta o dente são e a mente

Gente que enterre o dente
que fira de unha e dente
e mostre o dente potente
ao prepotente

O que é preciso é gente
que atire fora com essa gente

## ESSA GENTE / ESSA GENTE

Essa gente dominada por essa gente
nem sente como a gente
não quer
ser dominada por gente

NENHUMA!

a gente
só é dominada por gente
quando não sabe que é gente

## BALADA DO PAÍS QUE DÓI

O barco vai
o barco vem

português vai
português vem

o corpo cai
o corpo dói

português vai
português cai

o barco vai
o barco vem

português vai
português vem

o país cai
o país dói

o tempo vai
o tempo dói

português cai
português vai
português sai
português dói

## CALADOS

Bateu à porta o agente
mostrou o cartão e disse
fomos informados.

Entrou
percorreu a casa toda
revistou revistou os livros.
Era já tarde
era a segunda vez.
Disse
tenha cautela.

Saiu
fechou a porta.

Fechei-me.

## EPÍSTOLA A UM EMIGRADO

Desejava falar-te da irreprimível vontade de rir que já não tenho
dos amigos
mas o principal problema é sempre levantado
pela contiguidade
Porque
quando se atingiu o que se atinge aqui
sabes é a zona do soluço
da convulsão reprimida
Podes crer
a realidade é bem mais do que isso
e podes bem chamar-me
e gritar eu por aquilo em que acredito
porque é incrível
Estamos e assistimos
neste acto impassível de estar
à distância de um cúbito + rádio
vulgarmente chamado braço
do real que ninguém vê
Desejava agora dizer-te
que a minha lira se apoia numa metralhadora
que quero falar só de agressão e medo
do terror que paralisa

A vontade é preciso cultivá-la
como o resto
E por isso a realidade portuguesa é pouco mais que
emeodoiserreseerre (para os que sabem ler)

Ah meu amigo
estamos a caminho da invisibilidade
vamos desaparecer
vamos diluir-nos outra vez nas viagens
navegadores descobridores aterrados
soldados emigrantes contrariados
degradados

Fugimos de noite pelas fronteiras
de dia seguimos de barco com multidões a dizer adeus

A viagem
foi sempre o maior acontecimento da nossa história
O símbollo
epítome da tragédia da nossa carência
Partimos ou ficamos
observando a morte lenta
a sua insinuante passagem
que nos custa os olhos da cara

Os corpos seguem estropiados pelas ruas
pelas páginas da história corroídas
Estamos sentados num Império aéreo
isto é
não estamos sentados em coisa nenhuma
sentamo-nos no nosso esqueleto e pouco mais

Todo o resto é imperdoável distracção

Somos amadores até à exaustão
observamos a nossa morte lenta
e não fazemos nada
Dizemos adeus
cantamos
alguns velhos deixam cair uma furtiva lágrima
teatral

Outros lêem muito
da direita para a esquerda
da esquerda para a direita
mas a mensagem já foi publicada há tempo de mais

Vivemos em concubinato com a nossa história
vivemos pecaminosamente duma lembrança mítica
Quando tudo corre mal dizem-nos
lembremo-nos do que fomos
o incesto da História explorado pelos patronos da glória presente:
P'rá frente!
P'rá frente defender a nossa história!

Tomemos um gole de pensamento
tudo são etapas
O sonho do próprio pensamento persiste
depois torna-se apócrifo
Eis a incompetência da realidade
da realidade que nos dizem histórica
não dizendo que estão a dizer passada.

Quando vejo um português na rua penso:
—vai ali um homem com a cabeça voltada para trás
É assim que querem que vivamos

Talvez sejamos assim
a história como a língua nacional
tornou-se um factor étnico
uma curiosidade local
Mas a história em movimento é como a obra em movimento
os pés à frente
origem de toda a ambiguidade

Talvez a ambiguidade dos pés à frente seja apenas relativa
talvez não seja uma ambiguidade séria
talvez seja uma ambivalência
uma ambivolância
Homem de pé de vento
símbolo do comércio

Comerciamos
vendemos e compramos
(muita coisa (está) já estragada)
Viajamos
    turistas forçados mergulhados
    correndo praia fora
Oh Portugal
    água e saudade
        que sacudimos do corpo arrepiados

## BALANCETE

Ao aparecimento das primeiras lampreias
O Diário Mundano anuncia
que o Senhor Jackass
partiu para o outro hemisfério.
Em todas as revoluções o propósito é sempre
conquistar o território ocupado pelo inimigo.
O inimigo é estrangeiro
como eterna é a dúvida da verdade
enquanto aqueles que não morrem logo
por eles espera o desmantelamento.
O perigo continua a rondar as páginas da história
gloriosa lama
e recorda-se a proeza de ficar em casa
supino
emitindo opiniões
sobre o desmantelamento
dos que esperam
no entretanto espantoso de um estômago a rugir.
Contra quem?
(É quando já não acreditamos nos milagres que mais
os desejamos)
Quando o príncipe solicitou o prazer da companhia dos
topázios e camarões para um safari seguido de picnic
não sabia que se estava a preparar um assalto ao

armazém e foi por isso que ficou muito surpreendido
ao ver os soldados em patrulha pelo bosque quando ele
se preparava para fazer amor ao ar livre louvar a
natureza e todas as coisas boas deste mundo.
Os soldados andavam em patrulha
pelo silêncio rumorejante do bosque
sob o calor enorme
e as tesouradas das cigarras.
Os soldados suavam
e passavam muito tristes e inutilmente
pelo bosque
como bichos com sono
farejando o picnic do príncipe.
Tudo por causa dos corpos gerentes recearem um assalto e
sempre que há perigo há medo e sempre que há medo há
perigo.
Grande perigo.
O medo é uma doença que nasce por dentro
e desfigura as estruturas
como a acromegalia
que faz crescer os ossos
que aumenta a espessura dos ossos
até que a estrutura interna se torna visível
de fora
em todo o seu horror.
O medo consegue que se produza o prodígio de as coisas
escondidas se tornarem patentes
patentes
patentes
três vezes
em três sentidos diferentes.
E foi por isso que quando surgiu o medo do assalto ao
armazém de súbito se revelou o que estava lá dentro e
quem eram os corpos gerentes, digo, geradores e gestantes.
Toda a verdade da guerra é um relatório e contas
a sua ciência tem três frentes diferentes
e uma só verdadeira
e à sua volta fica a cidade enorme
corrupta
dos súbditos incrédulos da sua sujeição

alegres
rotundos
jocundos
E monstruosos em sua satisfação indiscutível
os grandes cabos.
A moderna empresa está cheia de vontade de concretizar a produtividade das sociedades anónimas, mas a produtividade tem muito mais que três frentes diferentes e as letras protestadas na metrópole do interesse crescente são inscritas na agenda das eliminações importantes.
Entretanto
pelo telefone
discute-se o número de autópsias.
Muitas autópsias!
Muitas autópsias!
E ainda há tanta gente no frigorífico!
Thalassa! Thalassa!
A nossa vocação das marés fez com que sempre hipotecássemos a nossa casa para onde sempre somos precipitados. Mas agora já não há a certeza de serem precisos pelo menos quatro homens para tirarem um morto de sua casa, pois que, através do novo conceito em máquinas de contabilidade, se descobriu que é muito mais simples destruir as casas onde estão os homens do que tirá-los lá de dentro.
Processo já conhecido de Esopo e mencionado na Fábula do Sol e do Vento que trata de descobrir a maneira mais eficaz de despojar um homem e que termina assim:

> Bonacheirão o sol olhou para o vento:
> — Então?
> — Por pouco não lhe tiravas a camisa também, replicou o Vento com um arremesso.
> — Era questão de querer...
> Foi assim que o Vento ficou sabendo que mais podem os bons modos do que a força. A lição, porém, já não lhe aproveitou para aquele dia.

E depois, com o grande aumento de circulação na cidade, cada dia mais uma vez nos precipitamos em sucessivos desastres, porque na verdade as autorizações para conduzir são de toda a evidência mal atribuídas, não

sendo exigidas aos candidatos as necessárias provas,
ou antes, sim, por serem necessárias apenas certas provas.
O objectivo é destruir o inimigo
e não morrer na contenda
porque todos juntos não seremos de mais
para retirarmos os mortos de suas casas
quando se proceder à sensacional
verdadeira
e inacreditável
liquidação de peles dos caçadores logrados.
Eis que o mar invade a terra no pior sentido
quando partem 30.000 borregos para a Ítaca
e a prudência faz parte do orçamento anual
e vamos todos outra vez prestar homenagem
ao soldado desconhecido
que faz a patrulha no bosque
onde o príncipe está atónito
e o picnic foi interrompido.
Mas por pouco tempo.
Morreremos por aquilo que exportamos
ou disso viveremos
na confraternização de escuteiros e ciganos
e abriremos nossas bolsas
de estudo
com deslustragem a seco.
Vítimas de comoção procedemos ao aleitamento mecânico
de vitelos e borregos para o alívio rápido das dores
nas costas dos reduzidos vencimentos dos pequenos
e imaturos países.
Natura!
Os antigos alunos querem perpetrar os amores do
corsário mas já ninguém quer ir todos os dias buscar
lenha para cozinhar o almoço.
O negativismo é um perigoso isco.
Os chimpanzés suportam o álcool melhor do que
os homens?
É que só os homens se deixam embriagar
mortos e feridos
em novas desordens provocadas pelos demónios do absurdo
como se após os primeiros êxitos a influência estivesse

em franco declínio.
Triclinium!
Todas as manhãs
chega novo relatório da missão
chefiada pelo augusto director
dos corpos gerentes da sociedade
anónima
de que todos somos accionistas
e a sua responsabilidade
é limitada
pelos goles do primeiro almoço de todos os dias
porque
não há limite de tempo para a duração dos bombardeamentos
mas para as corridas de galgos
sim.

## PARA QUEM SAUDADE NÃO TEMA

### I

O cão preto vai arrastando a ossada
que estava enterrada
cuidadosamente enterrada e pisada
para ir bem para o fundo.
Agora
o cão preto leva na boca
a ossada obscena
dos sentimentos expostos à dentada
do comentário das recordações.
Mas
o cão preto afinal só quer a ossada
para a enterrar de novo
inda mais fundo

II

O cão preto uiva à janela do morto
talvez não morto ainda
porém
já de mortalha.

Aos pés do dono
todos os cães esperando a migalha
contam com o dia
em que lhes ficará enfim à altura
tudo o que está em cima da toalha.

# EROS FRENÉTICO

## A ESCADA

Estou aqui há dois dias e ainda não desfiz as malas.
Amanhã tenho de mudar outra vez.
Mas tenho esperança de poder regressar na segunda-feira
e finalmente pendurar as roupas no guarda-fatos.
O guarda-fatos é o símbolo do meu relativo repouso
do meu ambicionado desdenhado repouso.
Na ideia de guarda-fato está incluída toda a minha
capacidade de aventura.
É preciso mudar de hotel de dois em dois dias para se
compreender a importância do fato.
Tenho andado pelas ruas com meu passo ligeiramente
rápido viajo com minha aura como se ela fosse visível.
Todos os meus fatos estão guardados.
Luto mentalmente
meu cabelo cai um pouco sobre a testa quando chego à noite.
Tenho o quarto mais pequeno do hotel.
Mas nenhuma circunstância me é jamais totalmente adversa.

É preciso saber mudar de eu em pessoa.

Meu bom amigo
quero pensar que és meu bom amigo
acreditar no combate inaudito
no não desejo de de facto derrotar o outro.

Haver essa constante.
Ver-te subir para as desafogadas alturas
subindo a respectiva escada
não de Jacob
ou talvez de Jacob
quem sabe
e se no alto não estiverem anjos
haverá muito muito mais espaço.
Sempre tive a sensação de estarmos vestidos
como alguém que abandonasse um disfarce
para surgir investido de sua realeza.
Ser irmãos deve ter sido sempre isso.
Qualquer coisa de terrivelmente certo
e impraticável.

Contemplo o meu guarda-fatos
estou aqui há dois dias
e ainda não desfiz as malas

A escada é neste momento o símbolo da minha ignomínia.
Estou aqui há dois dias.
Vivo no quinto andar
subo penosamente
arquejante
meu quarto é o mais alto da casa
Não
não é o ponto mais alto o desejado
quando se tem de subir pelos próprios meios
por isso os homens inventaram os elevadores
que são o meio de se atingir confortavelmente
as desconfortáveis alturas

Jacob.
Porque não nasceste em outras eras.

Meus amigos todos sobem em seus elevadores
vejo-os dentro de suas rápidas caixas
subindo subindo
sentindo apenas um ligeiro desconforto nas entranhas
quando o elevador perde aceleração

tropeçando apenas um pouco à saída
(são poucos os elevadores que param no nível exacto)
e então a altura da escada já não conta.

Uma vez vi um elevador sem portas
em permanente movimento
pertencendo a uma cadeia de ascensores que certamente
funcionava em rotação como a nora. Aí a gente tinha de
saltar para dentro e saltar para fora.

Foi o único elevador com aventura que jamais encontrei.

Que diria Jacob.

Os homens que não atingem o extraordinário
inventam o confortável.

Estamos aqui há dois dias.
Ainda não desfizemos as malas.

De repente sinto tudo tão abstruso
imagino um elevador cheio de pombas
subo penosamente
meu quarto é na cave
meu guarda-fatos é um elevador
não posso abri-lo agora
deve estar cheio de pombas
subo e chamo

Jacob

Oiço um ruído de asas
são os anjos lá em cima
ou as pombas no guarda-fatos
está extremamente escuro
devo estar longe do cimo
ou a luz está estragada neste elevador
e se ele não pára

Até a vidraça é em forma de escada
8 divisões
8 degraus
tenho a obsessão do número 12
subo e desço as divisões da janela
conto as vidraças das janelas em frente
uma escada sobe para o telhado
algumas janelas têm só 2 degraus

Jacob.

Fui ao museu ver a secção de história do traje.
Havia um chapéu uma estola e um regalo feitos de
penas de pavão. A estola apresentava junto do
pescoço a cabeça do animal.
Assim a gente podia inclinar o rosto e sentir a
macieza das penas.
Sacudir um pouco a cabeça com a sua arrogância.
Estendi a mão
senti a parede invisível
desci as escadas e saí para a rua
estou sempre subindo e descendo
por onde passo deixo o meu nome e o meu endereço
pode ser que alguém me procure
estou aqui só há dois dias

Olho o prédio em frente
toda a tubagem é exterior
visivelmente colocada depois da casa feita
como se alguém fizesse um homem e se esquecesse de
pôr as veias
ao fundo há uma cúpula
no alto uma pequena cruz em precário equilíbrio.
O volume da cúpula simula o volume de uma saia de
mulher no século XIX. É qualquer coisa de artificial
sobre uma verdade precária.
Existe esse paralelo entre a arquitectura e o traje.
O traje é um edifício rápido.

De repente tenho vontade de abrir o guarda-fatos.

No futuro os homens vão vestir-se folheando a história.
Encontraremos no passeio o tribuno cruzando-se com o
troglodita que fará uma vénia à Imperatriz Eugénia
conversando com o astronauta.

São dez e meia.
São sempre dez e meia
um novo ciclo que começa.

Meto uma moeda na máquina
retiro uma tablete de chocolate
é a última desta espécie
reparo que todas as outras colunas estão cheias.
O meu gosto é o gosto da maior parte das pessoas que
comem chocolates.
Sinto uma satisfação mista de orgulho ferido:
sou pouco original.
Entro numa loja e compro 200 folhas de papel de carta
para me consolar da minha vulgaridade. Então o empregado
pergunta quantos envelopes deseja. Aí eu não sei o que
dizer. Ele pergunta quantas folhas vai pôr em cada
envelope
Eu não sei o que dizer.
Ele olha-me admirado.
Sou diferente. Ele examina-me.
Então eu digo 100 envelopes faz favor.
Ele mira-me de lado.
Sou diferente. Original.
Mando embrulhar. É para mandar por avião digo.
Ele diz como
Por avião por via aérea voando pelo ar
Ele desiste de compreender.
Faz o embrulho recebe o dinheiro afasta-se do balcão.
Minha originalidade é excessiva.
Escondo rapidamente meu guarda-fatos cheio de pombas.
Desço a escada.
Saio para a rua.
Podia chegar agora à porta e gritar

Sim Senhor eu gosto do chocolate de que toda a gente
gosta mas tenho em casa um guarda-fatos cheio
tropeço no último degrau
não tinha reparado que a escada continuava
bato à porta
meu bom amigo
trouxe-te uma rosa.
Desembrulho.
Lá dentro não está nada.
O meu amigo sorri não tem importância diz.
Estou envergonhada.
Sempre achei as rosas ligeiramente ofensivas.

Então subo
procuro a chave
encontro um par de luvas
estremeço ao contacto de essas mãos descalcificadas
o vento abre-me a porta
Meu quarto é na planície
grandes árvores cobrem completamente o chão
caminho sobre folhas
deslizo por seivas
tenho as omoplatas junto da cabeça
minhas sobrancelhas cresceram bastante

Procuro a chave do meu guarda-fatos

Estou aqui há tanto tempo

Estou ao pescoço de alguém.
Alguém usa por mim minha arrogância
sou um abafo de minhas penas.
Tenho de regressar depressa.
Se me demoro talvez julguem que já me fui embora
e vão alugar o meu quarto a outro.
Estou aqui há dois dias
e ainda nem sequer desfiz as malas

## E MESMO O JARDIM ESTÁ EM TUA COXA

Estava na varanda e olhava a rua sossegada.
Estava quente e os prédios estavam poisados em suas bases distribuindo sua pressão pela maior superfície possível.
A noite arredondava suas arestas e seus ângulos sólidos eram menos convexos.
Olhava o teu pescoço que ficara dentro de casa arredondado pelo crescimento dos cabelos.
Via a tua camisa desabotoada um pouco do peito aparecia casto.
Havia um jardim jardim apenas porque não havia nenhuma outra razão para haver ali aquele verde.
Um jardim porque o teu pescoço emergia como a corola de um androgeniceu de colo súpero.
Era de noite e as luzes estavam apagadas e tive a coragem de pensar que tu as apagaras desviando o rosto na direcção oposta.
Sem medo da verdade de ser possível deixar cair uma lágrima de onde a onde.
Havia um jardim como havia um bouquet feito de escamas um punhal e a forma redonda das articulações do teu pulso.
Havia isso como havia as tuas mãos que eu jamais beijara mãos que jamais haviam apertado meus seios cerrado meus olhos.
Havia uma porta uma janela aberta o teu nariz de perfil e os teus lábios que eu jamais beijara.
Os teus lábios sem outra razão.
Estavam ali os prédios serenamente em suas bases como tu estavas sentado apenas como se eu estivesse na varanda e houvesse um jardim em frente e um bouquet de escamas.
E não houvesse nada.
Tu estavas ali com teu peito e teu nariz de perfil e os cabelos continuavam crescendo sobre o teu pescoço e sentada a teu lado eu estava na varanda onde tu não vias os prédios e a rua de noite e não vias o jardim porque eu estava a teu lado como se tu estivesses na varanda olhando os prédios de costas e tinhas trazido o jardim para dentro e o teu cabelo crescia sobre a macieza da

relva do teu peito na maior superfície serenamente como
de perfil e sentada olhava para o outro lado de as luzes
se terem apagado no punhal atravessando o bouquet da porta
aberta pela janela das mãos em sua articulação redonda
como os seios que tu jamais beijaras de noite quando tudo
é geniceu e os cabelos crescem para além do ângulo sólido
da noite sobre o teu pescoço que ficara lá dentro enquanto
na varanda eu olhava os prédios e tu jamais beijaras meu
peito casto sob a camisa desabotoada e tão macio embora
tuas mãos jamais soubessem como aquele prédio estava ali
e caía uma lágrima de onde a onde sem medo da verdade
enquanto desviavas o rosto e jamais cerraras meus olhos

E porque havia os lábios o jardim agora subia a parede e
subia floral teu pescoço macio e tudo germinava em seu
crescimento pela maior superfície possível e de noite um
ângulo sólido é menos convexo e uma lágrima de onde a onde
atravessa o punhal que separa um prédio das tuas mãos em
corola e o jardim dá mais uma volta sobre o tecto e nesse
momento tu olhavas para o outro lado de todas as coisas
que tremem no meu peito à varanda cerrando os olhos diante
do súbito crescimento da relva sobre a tua coxa e tudo o
que é verde é tão tranquilo e mesmo em tua coxa que eu
jamais beijara sem medo da verdade aí tudo cresce e sem
outra razão
Estou na varanda enquanto tu estás sentado em teu jardim
de noite e mesmo o jardim está em tua coxa e eu estou na
varanda e o verde é necessário à tranquilidade

## O PAÍS MARCADO PELAS INVASÕES

Ele estava deitado sobre a relva versão fria da aridez da
terra onde vice-versa a areia era uma água ocasionalmente
verde no centro da onda
a noite estava em sua verdura em seu musgo
era de noite

ele estava deitado sobre a relva da noite deitado em seu
musgo e seu ventre oscilava lentamente suas pequeninas
ondas em seu centro escuro
ele era o núcleo do seu próprio núcleo
estava um pouco a sul do círculo máximo que divide a terra
em dois curiosos hemisférios que em seus lábios se transformavam
em pequenos pómulos que ele supunha sossegados sob o
vestido de uns olhos lembrando sargaço
estava no jornal e olhava o seu retrato três anos depois
olhava e pernas ágeis corriam pelo país marcado pelas
invasões
estava no jornal tremia açulado passeava sua solidão
feita de desejo de gladiadores correndo por túneis
labirínticos sobre o fulcro luminoso de um sol de antenas
força máxima
liricamente amorável estava no jornal olhando o seu
retrato inatingível cacto que adoça os espinhos na pele e
lene planura sob o veio branco do vestido corredio
trigo solto
conhecia o mar
que se busca rebusca e tremente trémulo era o rio que não
pode morrer rio-te caindo-te chovendo-te chuvo-te
aguassangue maremoto
no jornal desmoronava um pouco
sorria
corria
pelos círculos máximos força redonda de um espaçonave
rotaluana sossegada em seusseio tãotriste elonge como
saber que há mar

## APERTO A TUA MÃO ATÉ OS OSSOS DOEREM

Aperto a tua mão até os ossos doerem
Ah não me digas que não magoa nada
Aperto a tua mão com minha mão membrana
membro aéreo de deslizar pela alma
ansa de sustentar as pancadas do coração de uma engrenagem
impulso das revoluções internas fibras dos sentimentos
gestos de a gente correr por dentro como apertar a tua

mão até os ossos doerem
Ah por dentro é que todos os gestos são
o pensamento de outros tantos gestos de um corpo maquinal-
mente como colher um fruto de uma árvore animal
deslizando pelas encostas abruptas dos interstícios de
outros gestos
como apertar a tua mão é aprisionar a membrana alar de
uma súbita excrescência
Ah não digas que não magoa nada
que não ressoa dentro da pele de qualquer coisa que passa
a correr pela grande veia porta estuário das convulsões
de um animal colorido a deixar um sulco na retina objectiva
do instante secretamente
gesto de acender qualquer coisa no escuro cauda estriada
de um gesto de colheita do fluido que faz tremer os lábios
em septo da força redonda de um beijo se erguendo centro de comando
da cúpula transparente de um sol em cacho
curva de uma anca muito branca para que as carícias sejam sempre
parábolas nas mãos trémulas do gesto de derrubar
árvores por dentro enquanto as folhas convergem para um
ponto único espiral iminente
eminente como a ponta de um dedo indicando o único ponto
de incidência onde o tremor de um cílio é já demasiado
colher o teu sopro para que o mundo acabe e fiques só
sem nenhum outro gesto da mão que procuras até não haver
ossos
para apertar-te a mão e não magoar-te nada

## HESITAVA E MACIO

Não não te amo
não posso amar-te assim tão dual
não posso olhar para ti e ver-te
vejo-te correr e não vejo a corrida vejo a fuga
vejo-te deitado e resvalo
não vejo o beijo

não vejo a língua sinto o frio
sinto o redondo dos olhos na dureza da unha
não vejo as pernas
sinto apenas o peso do seio não ali
não te vejo
sei apenas fraternal idêntico
lá
no ventre produzido não não posso amar-te assim
tão perto nesta circunstância respiratória tão irmã
tão rindo
olha lembras-te como era fundo as vértebras corriam
tão salgado passava primeiro sobre a água e como
corria ligeiramente fazia tremer a boca e então rias
e era tão negro sobre o teu joelho a ternura como um
cão deitado inclinava a cabeça tu rias por teu dentro
trémulo
ninguém estava assim em quilha ah era tão alto lá
não havia erosão
hesitava e macio
não é possível amar assim em báculo e tão pungente
como foge ali

## ESTA OBSCURIDADE SALUBRE

Olha peço-te não venhas assim quando eu estava tão quieta
sentada no jardim e até com óculos
não venhas peço-te
não venhas melindroso e sorrindo
com a cabeça inclinada como um particípio
não venhas
Eu estava já me aproximando
quase tocava a recorrência das coisas
nesse momento eu olhava para o chão e via mesmo cada
pequena pedra saudável
eu estava tão quieta sentada no jardim
Respirava

sentia as veias ligeiramente activas
mas tão ligeiramente
tudo corria fundo em sua sumidade
meus braços tinham apenas o seu peso
sem outras asas
Quando tu vieste sorrindo melindroso e tão salubre
de repente o jardim é a dificuldade essencial da minha
botânica
a minha indústria difícil
o fim que a alma lograda obtém dos corpos
Corro agora por minha alucinação dirigível
minhas tarefas são histriónicas
Eu estava ali tão quieta
estava até com óculos
e tu inclinavas-te como um simulacro
Intui peço-te
esta obscuridade salubre
esta consternação despenhada
tropeçando pela alma recorrente silva

## O VERMELHO POR DENTRO

Estão envolvidos em corpos negros vermelhos por

dentro. Estão num barco sobre o mar e o mar é

negro. É de noite. O céu está negro e sobre a

água negra tudo é vermelho por dentro.

Os corpos eram negros
sobre o mar a água era de noite
não se via o vermelho por dentro
os corpos não se viam
eram barcos com os ventres todos negros
e as línguas eram de águas muito rentes

A sangue não sabia
não se via o vermelho por dentro
o céu a água envolvia
tudo envolvia nos vermelhos dentros
e os mares todas as noites estavam negros
negros por dentro
E a água volvia pelo céu tão negra
e à noite por dentro do mar todo vermelho
a noite era vermelha
e os barcos negros por dentro
E nos corpos a água negra era vermelha por dentro
e eles estavam envolvidos
e

## PRESCIÊNCIA DO CONTACTO

Era de noite e o seu rosto parecia.
Teria um pequenino sexo com firmes cotilédones.
Era sólido.
Era um bloco onde não havia articulações a não
ser cristalizadas.
Deslocava-se em pequeninos saltos bem quadrados.
Os olhos só eram orgânicos.
Moviam-se depressa e olhavam fixamente a ferocidade.
Seus dentes estavam aí.
Suas entranhas todas estavam localizadas
como reflexos.
Pura consequência.
Em sua boca não.
Não era preciso.
Seus olhos eram todo o não trémulo.
Refractavam na presciência do contacto.
Na ansiedade intangível.
Pensava intensamente mas não era isso o importante
possível.
Se seus olhos.
Ali.
E unhas cresciam de seu pequenino sexo congestionado
e obsoleto.

## JOGOS DE LUZ SOBRE AS CÉLULAS DA EPIDERME DE UMA PÉTALA

Ontem eu estava ali sentada pensando na descontinuidade
das formas e olhando uma unha.
Era um pensamento ágamo fissifloro como a visão de Túndalo.
Era um pensamento para apetecer a chuva de manhã.
Pensava na alunagem do xuquetar atríguo apressado como quem
leva grande algo.
Era uma espécie de pensar que os pássaros são répteis
glorificados.
Era uma visão lene com Túndalo em sua cela enquanto monges
curiosos espreitavam por uma fenda suas imagens invertidas.
Anelando com quem perde grande algo.
Gostei sempre dos anjos improváveis dos jogos de luz sobre as
células da epiderme de uma pétala.
Pôr a asa de um pombo nos miolos de um macaco e pensar
que é belo.
Erguer-me monoclínica e aspirar ao beijo ágamo.
Amando sempre o género impossível.
Enquanto a ubiquidade deve produzir a curva da unha
e o vaso ético.
Contudo pôr a asa do pombo e pensar que o ser produz
o útil é muito.
Não sou de orvalhos.
Não sou de coisas definitas para me despojar lá.
Estar muito quieta à luz das células exala-me.
Resvalo por al.
Jamais conhecerei a tundra a cladónia alimentar e não
poderei ver contínuo o crescimento da alga.
Não saberei se agora parou seu crescimento no eterno.
Não vi o rosto do rei morto.
Não vi o rosto.
E jamais verei o rei.
Não sei quando caiu sua última pestana
quando nasceu sua primeira colocação das cordas vocais.
Não vi a morte chegar em seu começo.
Só vejo quando tudo já não.
Só vejo o que foi mas jamais saberei o antes de eu

ter sido o que não sou e jamais resserei.
Espreito pela fenda
e minha imagem está sempre invertida
em outro algo vertida

## UM OLHO ARCAICO

Neva.
A neve cai levemente como nos versos da minha infância.
Penso nas formas caprichosas dos cristais de neve e
surpreende-me que seja tão ligeira.
Na rua passa gente andando muito depressa.
Penso: a neve faz correr, acelera.
Deve ser por aceleração que se ocultam na neve os seus
cristais.
Assim como no homem se escondem a criança e o bicho.
Penso naquele homem com boca de lagarto.
Olhava para ele e tentava acertar no nome, no tipo ou
na ordem do animal exacto:
cecílio? ofídio? urodelo?
Via-o comendo e pensava:
será herbívoro?
terá dentes implantados nos lábios ou em alvéolos?
Ele falava mas eu via verdura pendendo dos cantos
de sua boca.
Deve ter enchido a boca de mais. Sim, os olhos são
demasiado pequenos e os pés muito pesados, é como aquele
gigantesco animal que a natureza concebeu na sua primeira
fase experimental, um animal tão pesado que vivia
praticamente sempre dentro de água, só com a pequena
cabecinha de fora, por causa do pulmão aéreo, e sempre
comendo, mastigando, ervas pendendo dos cantos da boca e
uma cauda enorme, obsoleta.
Sim, o seu casaco áspero corresponde exactamente à formação
escamosa do dorso, é isso, a dureza das unhas está igualmente
certa e não tem pestanas.
Que comprimento terá a sua língua?

Talvez seja bifurcada e funcione como órgão de tacto.
E se fosse em tridente?
Lembro-me de ter visto uma vez, na montra de uma loja
que vendia tudo para os estudiosos da história natural,
um bicho que me pareceu um fóssil até ao momento em que
ele entreabriu um olho e fitou-me.
Era um olho extremamente lento, um olho dos confins.
Um olho arcaico.
Olhou para mim com a enorme indiferença da antiguidade
e fez-me sentir ainda envolvida em placenta e mucosas
minha alma pequenina e rude como um esboço incerto.
Era talvez um iguana.
O seu nome estava escrito do lado de fora da caixa
de vidro onde ele estava, mais que deitado, repousando
nas camadas da história. Era um nome escrito numa língua
morta, há muito olvidada, mas era um binome obedecendo
rigorosamente às leis da sistemática.
O seu nome era tão antigo como aquele olho poisando no
meu rosto e tão indiferentemente intenso que eu começava
já a sentir um princípio de perfuração da pupila, talvez
mesmo uma ligeira liquefacção dos músculos faciais.
Ou talvez fosse uma furtiva lágrima incompreensível
e incerta.
Subitamente fugi.
Corri pela rua fora perseguida por aquele olho mortalmente
indiferente. Corri ao longo da rua gelada e trémula e
aquele olho andando sempre pesadamente ao meu lado, ao
meu pescoço como um colar apertado, como um alfinete
debaixo da unha, como uma pestana dentro do olho que é
impossível tirar e os olhos vão ficando cada vez mais
vermelhos e lágrimas caindo pela cara a baixo entrando
pelo decote dentro como dedos de um morto inexplicavelmente
lúbrico tacteando o bico do seio subitamente erecto
e rosado
É isso, mão não tem pêlos. A sua pele está ainda
na fase anfíbia e necessita de ser constantemente
humedecida. Por isso ele bebe. Respira de uma maneira
ávida. Certamente deglute o ar e se tiver a boca aberta
durante muito tempo morrerá asfixiado. Se fosse fêmea
traria os ovos sobre o dorso como aquele batráquio do

hemisfério sul porque a sua voz condiz, coaxa, é isso,
agora é quase noite e ele está cantando um hino ao
eros frenético da sua existência votada à pura continuidade
da espécie e já não tem cauda, é anuro, adulto, ah como
a sua pele é mosqueada, ah és extremamente futurista
madre
como queres que eu não sinta tudo isto mesmo quando tu
apenas cais em forma branca e ligeira como neve
sacudida de um casaco impermeável

## COSMODROMO OU O FIGO METAFÍSICO

O nome grego de âmbar é electrón. Como as primeiras
experiências sobre a electricidade foram feitas por Thales
de Mileto (600 anos A. C.) com âmbar-electrón daí nasceu o
nome de electricidade âmbar citadino por excelência.
É por isso que quando eu te digo que as tuas pulsações
latentes são impulsões eléctricas pode muito bem ser que
me esteja referindo particularizadamente a um pedaço de
rezina sólida.
Também se eu te disser: ergue teu visor periscópico
fixa tua órbita excêntrica sobre as águas variáveis pode
muito bem ser que me esteja referindo a qualquer função
determinadamente robótica de um organismo coloidal adaptado
a um sistema eléctrico.
Toma nota peço-te.
Quando os sábios anunciam: deixemos que o sexto oceano
— o espaço interior — seja a arena da cooperação internacional
entre todos os Estados tanto posso dizer-te que roubei
dois frascos de verniz para as unhas como afirmar que são
agora 3 horas subjectivas.
Porque é isso.
Escutaremos mentalmente o sideral espaço do silêncio que
na verdade é um espaço extremamente povoado, sobretudo
de estrondos.
No meio de uma grande multidão levo agora pela mão esquerda
uma pessoa com a qual falo e procuro com grande esforço ver

uma passagem de modelos apresentando ao público os trajes do mundo futuro.
É um sonho.
Um manequim tem os cabelos rubros e as mechas altas de pé simulam com perfeição labaredas.
Agora o caminho é uma rampa que é preciso vencer de rastos agarrando o chão com as unhas.
Penosamente subimos.
O figo é uma infrutescência chamada sícone em que os aquénios ficaram ocultos.
É quase como sermos acordados de noite por alguém que nos telefona perguntando se crocodilo se escreve cro ou cor e se avestruz é um substantivo epiceno.
Essa questão de saber quais são as corolas que apresentam colo súpero ou colo ínfero é na verdade fascinante.
Uma vez li numa revista especializada que havia três tipos específicos de sapo: o sapo vulgar o sapo variável e o sapo metafísico.
E porque não o figo.
Há quem fale de amor em termos de sucos e deglutição e polpas.
Ah é verdade quando eu estava a subir penosamente aquela rampa arrastando atrás de mim aquela pessoa quando chegámos ao cimo ainda de rastos eis que ela resvala por uma saliência e cai para dentro de uma espécie de poço luminoso por onde eu a vejo cair cair cair interminavelmente.
Era o cosmodromo.
Há os indivíduos que constantemente crescem e os que gradualmente se insignificam.
No fundo a vida resume-se a três ou quatro acontecimentos sísmicos enquanto que do açúcar contido no figo uma vez sabiamente fermentado pode-se extrair uma excelente aguardente a aguardente de figo.
Somos uma cultura do álcool uma cultura baseada no princípio da embriaguês.
É por isso que o estado de solidão contém um elemento de heroísmo:
é a condição do explorador e do místico
do astronauta e do santo.

## A FORMIGA TAMBÉM DELIBERA

A Formica Polyctena é a pequena formiga a vulgar que vive em colónias comportando cerca de 1.000.000 de indivíduos.
É activa mas muito pacífica. Só entra em guerra em casos extremos por exemplo contra a Formica Rufa.
É costume de alguns jardineiros muito evoluídos recorrer a esta forma homeopática de saneamento dos roseirais: para expulsar uma colónia de Formica Polyctena instala-se uma pequena colónia de Formica Rufa. Esta de muito maior estatura facilmente destrói aquela expulsando os raros sobreviventes.
A formiga é assexuada.
Não tem pais nem filhos e a amizade é para ela uma palavra destituída de sentido.
Há 8.000 espécies de formigas aproximadamente.
A formiga produz o seu extraordinário trabalho social e de calafetagem e as suas crias são in vitro isto é in ventre reginæ.
Um privilégio.
Imagina os gametas correndo livremente para um único ventre sem que houvesse sequer necessidade de gametas.
Imagina que admirável.
Os gametas seriam então perfeitamente inúteis.
Nessa altura tu podias subir no elevador tranquilamente e sentir como direi um calafrio um tremor pelo esqueleto e tudo isso ser só isso imagina sem gameta sem ventre sem vitro tudo regiamente a massa espantosa de indivíduos anulados desde início tanto tudo agora seria indiferente e as leis da estatística já não calculariam tudo em razão de Sigma + X sobre N.
É evidente que estamos completamente desarmados para compreender isto quero dizer para sentirmos como deve sentir a formiga embora também nós façamos por prazer certas coisas que só se justificam ao nível da colectividade como por exemplo amor.
Se tu subisses agora no elevador eu estava ali dentro e ouvia o ruído do motor. Entretanto o gato saltava para o

chão e anunciava-me a tua chegada. Os gatos não se enganam.
E então como direi eu sentia um calafrio um tremor pelo esqueleto ah não te iludas seria apenas a passagem a movimentada passagem à porta do formigueiro.
Sabes que o movimento diário de entradas e saídas de uma cidade de Formica Polyctena é da ordem das 890.000 passagens
A formiga também delibera.
Mas só por prazer.
Quando a formiga encontra um cadáver e o leva para casa faz isso porque isso lhe agrada.
Que homem poderá jamais compreender um sentimento assim
E contudo a solução é de uma admirável simplicidade: a formiga age por prazer puro prazer que não é de amor porque a formiga é assexuada e as suas motivações não têm outra utilidade.
Contudo.
Suprime o prazer e acabará o homem e a formiga.
Sobretudo o prazer da guerra.
A formica Polyctena exilada do jardim de que terá sido expulsa pela Formica Rufa uma vez refeitas as suas fileiras digo uma vez reunido o número necessário de indivíduos regressa ao campo de batalha e geralmente destrói a Formica Rufa.
Em virtude do seu número.
A Formica Polyctena calcula cuidadosamente o número de indivíduos necessários segundo as leis da probabilística e dos grandes números.
A Formica Polyctena destrói então a Formica Rufa em virtude do seu número extermina-a pelo seu prazer multiplicado: 5.000.000 de indivíduos em estado de prazer deve ser superior a apenas 3.000.000 de indivíduos no mesmo estado.
Por causa da energia libertada.
Imagina 1.000.000 de indivíduos perfeitamente orgásticos investindo ao mesmo tempo e sendo isso o seu prazer.
É claro que dizer que a formiga faz o que faz por prazer não resolve nada.

Porque ela tem prazer em fazer aquilo que assegura a
sobrevivência da sua espécie.
Por exemplo:
Se tu subisses agora no elevador quando chegasses
cá a cima eu estaria ali à porta e

## A CAPACIDADE DE FRÉMITO

Que isto ainda tenha ficado por dizer é óbvio mas não
compreensível.
E uma vez que estou aqui pergunto:

Já perdeu a sua capacidade de frémito?
Sim ou não?

(sacudo uma vespa impertinente)

Sacudo a mão lembrando a maneira curiosa como o cabelo
te embranquece a partir do rosto a partir mesmo da base
da orelha com a pressa dissimulada de quem corre não
desejando ser visto correr

Ele inspirava
apoiava a mão sobre o peito e eu perguntava diga-me por
favor se já perdeu

Sim corro para apanhar o autocarro teus olhos são como
os dos santos espanhóis é preciso compreender e perdoar
estou aqui é óbvio mas não tanto que a minha existência
não levante alguns problemas

Então ele inspirava
apoiava a mão sobre o peito e os santos baixavam
as pálpebras

Diga-me por favor se já

Ah não imagina como tive prazer em conhecê-la no momento
da queda da minha última pestana

Nesse momento eu ia erguer
mas os santos

Agora estou aqui perante o facto de isto ainda ter ficado
por dizer apesar de tudo eu caminhava tropeçando um pouco
e tu firme inspiravas eu queria dizer-te há tanto tempo
mas tu respiravas tanto e então eu olhava e via os
santos tropeçando um pouco e o frémito

Diga-me por favor se aqui é a paragem para o autocarro
dos santos que eu já não posso mais preciso de saber
se é ou não óbvio

Ele inspirava
a pertinência da vespa
estes espasmos
a extremidade da orelha ter a espessura exacta

Perdão eu estou aqui mais ou menos obviamente para
falar apenas do facto discutível do meu nascimento mais
nada só queria levantar esse pequeno problema queria
perguntar se alguém sabe estou apenas a pedir uma
informação

Por favor não me

À noite ele vinha e segurava-me o braço nessa altura
respirava um pouco mais sem dar por isso havia uma
crudeza porém um frio ácido qualquer e contudo tão
possivelmente amabile o amor é uma técnica do corpo
uma nobre técnica de estarmos no mundo uma gota

Suor corria-me pelas costas pelos lábios entreabertos
respirava com dificuldade mas ele era tão santo na
obscuridade sentia a mão sobre o peito um tremor seu pé
ao longe extraordinariamente longe
Então os santos começaram descendo eu ia

sobre as pálpebras a minha loucura
inspirava
talvez o mundo seja apenas o instinto de viver a
alegria de est
Ah dêem-me uma nuvem por favor essa questão do
nascimento é um facto
ainda vimos entranhas
não já falta
pouco já
diga-me por favor
sua
perdida ultrapassada

Fecha os olhos meu amor
ontem apreenderam na alfândega uma mala
cheia de olhos de santo de contrabando

## O INSTINTO DA PERSEGUIÇÃO

Olha
acredita que é involuntário estarmos assim tão afastados
de noções tão básicas.
De repente é Domingo e a gente lê um revista.
Absolutamente por acaso é uma revista de história natural
em que um zoólogo fala do singular instinto que se chama
following response isto é o instinto que inspira ao
animal recém-nascido a urgência inelutável de seguir aquilo
que é símbolo da sua subsistência e que se desloca: a mãe
o hotel o restaurante a casa automóvel.
As coisas importantes acontecem sempre inexplicavelmente.
O instinto por exemplo.
Na verdade porém todas as coisas são explicáveis mais
que não seja pela sua necessidade e enquanto eu rapidamente
vejo um animal erguer-se trémulo sobre as patas hesitantes
preparando-se para a vital perseguição de algo que
inelutavelmente se desloca de repente olho para o espelho e
vejo como estou trémula.

As minhas mãos tremem tão rapidamente que o seu tremor é
quase imperceptível.
Mas tremem.
Ah sim tremem todo o meu corpo treme os próprios lábios
hesitam contra os dentes e vou correndo inelutavelmente
atrás de algo que interminavelmente se desloca talvez tente
perseguir-te inacessível casa que és meu jardim minha
oficina urgente
Sai um pouco de casa para a rua peço-te
Olha esse instinto da perseguição sob forma de carrosseria
aerodinâmica vê suas patas redondas correndo pelos endurecidos
campos de asfalto e enormes edifícios que se deslocam
em altura alternando com os urgentes passos dos corpos
apressados ah esse instinto da perseguição é terrível agora
eles sobem no elevador e as mãos já enlaçadas ah no restaurante
a mesa está posta e as leis divinas encolhem as
patas debaixo da mesa um sorriso nervoso inicia o complexo
de oito patas diz-me ah diz-me um tremor não te percorre
o ventre contraído a casa desloca-se ensaia os
primeiros passos hesitantes

## CHORA POR MIM AGORA

Glória

Toda a gente dorme
só Glória continua o seu circuito
no seu globo talvez nunca durma
Glória
é um nome cujo sexo está por determinar.
Tive uma vez um peixe chamado Glória. Com pena do
seu isolamento — vivia num globo — tentámos pôr
junto de Glória um macho ou o que nós julgávamos ser
um macho mas eles lutaram tanto que não chegámos
a perceber se era bom sinal ou mau.

De facto glória não é assim muito importante na
minha vida.

há já algum tempo que me sinto
no deserto errado
Sento-me e escrevo à máquina
aaa nnn ooo
o que é que isso dá?
dá anona e sobram 4 letras

Sim nós tentámos
tornou-se quase uma ocupação constante
Via-te contraires-te
as palavras formarem-se na boca
subindo pela garganta acima
Um dia estava à beira de água quando vejo avançar
para mim umas formigas enormes.
Então compreendi Xenofonte.
Deitava-me no chão e tentava captar aquele sopro
eu sentia invadir-me
queria entrar pela água dentro devagar
sentir uma exorbitação no éter

Mas ontem voltei-me de repente e tu estavas ali
com as mãos nos bolsos e indeciso
Então eu disse: olá
(nunca dissera uma palavra tão longa)

Glória.

Voltámo-nos
mas tu estavas a meus pés
imediatamente abaixo dos joelhos
podia tocar-te o cabelo se quisesse

Estavas encostado ao vidro da porta
excessivamente curvado para a rua
Eu via a fivela do teu sapato direito

Então senti-me estrangulada por todas as palavras
que eu jamais ouvi
Senti essa perda extraordinária
compreendi o medo
de saber que nada nos separa

Glória:
fazemos nós da vida o grande acto lúdico

Deslizando por algo imóvel
como estando imóveis e algo deslizando por nós
Dizendo um para o outro de nós
somos dotados de um maquinismo razoável
trouxeram-nos para aqui para realizarmos as tarefas
difíceis

Às vezes é preciso retirar.

Perseguindo Glória.

Ah chora
chora por mim agora
se eu morrer não sei quem por mim chora.

Se eu morresse agora amanhã de manhã aparecia no
jornal um anúncio assim

MÁQUINA DE ESCREVER
VENDE-SE

Ninguém sabe que eu deixo um testamento importante
Grande número de imóveis

Mas ninguém sabe
e no dia seguinte à minha morte começava a sair
a mobília. Esvaziavam a casa toda e só deixavam os
candeeiros. Quando fechassem as portas os candeeiros
baloiçavam graciosamente.

Glória.

Talvez estivesses lá.
Provavelmente com as mãos nos bolsos.
Um pouco mais curvado.
Ou nem isso.

Conhecemos nós outros estados múltiplos

Glória
sonho contigo
enterro as unhas nos teus ombros

Será que um dia vais dizer-me

E eu nem morro

Ah chora por mim agora
se eu morrer não sei quem por mim chora

## EROS FRENÉTICO

Na noite absolutamente não se via nada na terra
e no céu nem um só satélite.
As máquinas dormiam.
Suas bocas caladas exalavam o cheiro acre do
combustível muito quieto aguardando as próximas
violentas combustões.
As máquinas repousavam suas válvulas escuras e os
lubrificantes cumpriam seu trabalho lento de estarem
ali nos interstícios da matéria sinóvia escorregadia
macia e totalmente aderente.
Eles estavam sentados em cadeiras e apoiavam seus
braços sobre o tampo da mesa placa de madeira que

assentava na extrema fragilidade das suas quatro
patas provisórias.
Eles estavam sentados em cadeiras placas de madeira
assentando em igualmente provisórias patas que singularmente
davam origem a uma excrescência vertical e
rendilhada uma espécie de cauda aberta rígida que
aqui se chamava singularmente costas.
Sobre o tampo da mesa eles apoiavam seus braços
mutação provisória das barbatanas peitorais que
tendo talvez passado pela fase da membrana alar eram
agora obsoletos meios de locomoção.
Suas pernas poisavam sobre o chão provisórias patas
muito bem arrumadas junto das patas das cadeiras e
o todo formava um curioso engenho de dezasseis
patas assentando na terra onde se não via nada porque
a noite estava absolutamente sem satélites e as
galáxias digo as gala áxias estavam todas com suas
cabeças escondidas debaixo das asas.
Todas as máquinas estavam dormindo o que é o mesmo
que dizer que estavam em seu ser aparente em seu
estar entretanto enquanto a entropia esperava
lambendo o focinho.
Eles estavam ali sentados em frente um do outro
e no silêncio dos xilemas do tampo da mesa alimentavam
a provisória vida dos seus corpos aparentes
cuja particularidade trágica consiste em não lhes
ser possível ocupar simultaneamente o mesmo espaço.
Seus corpos mecanicamente equivaliam os satélites
que certamente percorriam o espaço.
Seus motores internos tinham ali sido colocados
com o fim específico de darem notícia do que encontrassem
em sua trajectória no tempo espacial nunca esquecendo
que interesse significa distância.
O seu interesse era avaliar a distância que separa
todos os corpos e todas as coisas umas das outras
de modo que o espaço deixando de ser o incomensurável
pudesse tornar-se mensuravelmente fasto para as
interessadas trocas gasosas digo frenéticas
etimologicamente espirituais ou etéreas.
Eles estavam ali sentados em frente um do outro e

suas trocas gasosas se cumpriam regularmente.
Digo freneticamente.
Porque era de noite e como o processo da fotossíntese
estava suspenso em todos os organismos vegetais
havia sobre a terra uma exalação acre de dióxido de
carbono de todas as máquinas em seu trabalho nocturno
de repouso da luz.
Eles cumpriam seu ciclo evolutivo seu ciclo
do carbono que se acumulava brilhantemente negro nas
camadas mais fundas da terra onde as florestas agora
esperam o momento de voltarem à superfície em forma
de chama e renovarem seu ciclo evolutivo gráfico e
frenético.
Eles estavam ali aparentemente sentados em frente
um do outro e seus corações trabalhavam bem.
Seus ventres estremeciam regularmente aos movimentos
peristálticos das suas digestões e os seus milhares
de células abriam e fechavam suas ignoradas bocas.
Seu sangue percorria o mapa das veias sem nenhum
engano e tudo se passava absolutamente de uma forma
nocturna em que não se via nada.
Eles estavam ali como dois corpos porções delimitadas
de matéria frenética sentados em frente um do outro
e entre eles estava só a noite sob forma de espaço
onde não se via absolutamente nada enquanto a entropia
sacudia uma pata.
Eles estavam ali absolutamente suspensos de seus
corpos distintos na noite demasiado indistinta
das formas acabadas prontas para a consumação do fim
único absoluto da indistinção do espaço onde a
entropia é um animal incompleto a que falta tudo o
que está para ser no oceano das partículas negativas
de toda a criação provisória.
Estavam em frente um do outro.
Sobre a mesa apoiavam seus braços.
Estendem agora suas mãos que se tocam e sente-se uma
pausa brusca no movimento da circulação da
noite.
Alguma coisa se suspende instante para logo iniciar
um movimento rápido uma aceleração de válvulas de

combustíveis uma aceleração de bocas ingurgitadas
um entumescimento de fibras um tremor de
membranas.
Suas mãos agora juntas apertam-se convulsas seus
peitos se aproximam suas bocas entreabertas
projectam-se ao encontro do beijo em sua escuridão
húmida
Seus corpos vão-se enleando
A mesa cai sobre o flanco
Suas patas voltam-se emaranhadas nas patas das cadeiras
emaranhadas nas patas provisórias dos corpos caídos
sobre o flanco enquanto ressoa o trabalho nocturno
das ondas do oceano material correndo para a praia
de nunca haver limite para a voracidade de dois
corpos quererem ocupar o mesmo espaço dentro
da máquina do corpo do outro onde tudo é noite
e as línguas se confundem e os braços e as pernas
confundidos sobre o flanco escancarado dos corpos
freneticamente esquecidos da entropia que se prepara
para abrir a boca e dar uma gargalhada enorme
quando os corpos se encontram julgando perder a
propriedade mágica da coesão da matéria na vertigem
de entrarem no turbilhão do espaço totalmente ocupado
pelo hálito acre dos ilimites da grande máquina da
noite
Eles estão ali caídos sobre a terra sacudidos
pelo estertor do encontro e enquanto seus corpos
se confundem por dentro freneticamente devorando
dentro de cada um o espaço escuro da noite de vivermos
separados
Ergue-se a noite do seu leito de não se ver
absolutamente nada e de repente acordam todas as
máquinas e nesse instante
Eles estavam ali sentados apoiando seus braços
sobre o tampo da mesa
E eles estavam ali em frente um do outro
no silêncio da sua morte
ocupando diferentes espaços

## NOITE CANTO-TE NOITE

Noite
Canto-te noite para que tu definitivamente
existas
Canto o teu nome porque só as coisas cantadas
realmente são e só o nome pronunciado inicia
a mágica corrente
Canto o teu nome como o homem antigo fazia eclodir
o fogo do atrito das pedras
Canto o teu nome como o feiticeiro invoca
a magia do remédio
Canto o teu nome como um animal uiva
de noite
Como os animais pequenos bebem nos regatos depois
das grandes feras
Canto-te noite
e tu definitivamente existes nos meus olhos
sempre abertos porque é sempre noite e os meus olhos
são os olhos da criança que nós somos sempre
diante da imensidão do teu espaço
noite
Canto-te noite
e os meus olhos sempre abertos são a pergunta
instante pendente de eu te interrogar
noite
e interrogo as coisas em seu ser nocturno
em seu estar sombriamente presentes na tua claridade
obscura
E como é sempre noite
meus olhos abertos perscrutam-te
noite
símbolo de tudo o que me foge
como apertar o ar dentro das mãos
e querer agarrar-te
noite
oh substância
Canto-te noite
com a fragilidade de tudo o que existe perante
uma eternidade demasiado nocturna para os nossos

olhos infantis perante a tua antiguidade
futura
E a nossa voz é uma pequena onda no dorso
de teu oceano de matéria
Um leve arrepio apenas na espantosa espessura
de teu éter
Ah no ar é que tudo acontece
no ar nocturno das idades esquecidas
que previamente desconheceremos
No espaço é que tudo acontece
e o espaço é uma grande noite muito quieta
onde os nossos olhos penetram
no não sabermos até onde
Ali
Além
no além onde tudo acontece
Oh noite
oh espaço de tudo ser tão ligeiro e impalpável
e sermos nós a respiração da noite
teu bafo ritmado
imperceptível distância
Oh noite augusta magestática dignidade do silêncio
Oh impassibilidade da tua mecânica celeste
Oh organismo primeiro de todos os fins secretos
da compreensão das coisas
Oh inorgânico organismo dos seres
que se devoram
Oh noite diz
a quem servimos nós de pasto
Canto-te noite
como quem pronuncia o Mantra esotérico do teu nome
Canto-te e grito
para que a poeira que se infiltra em todas as
coisas se erga de ti como um plâncton
Oh Madre
matriz das criaturas inferiores que rastejam
a teus pés cobertas de pó
Esse pó que a cada momento ameaça submergir-nos
Noite
Noite

Oh aranha enorme tecendo tua teia de pó
Oh noite que desintegras tudo e tudo tu constróis
Ah noite como nós lambemos tuas duras mãos
Oh noite que fustigas nossos olhos com tua sombra
enorme
Oh noite
Noite que deixas tanto espaço para o silêncio
Noite das mil pétalas
Noite dos mil braços esplendorosos em seu abandono
Noite dos murmúrios
Noite dos afagos
Noite sangue derramado sobre o mundo
Oh noite noite
Porque és sempre tão premente
Porque sempre estás ausentemente
longe na tua constância em todas as coisas
Noite
Oh sono
Oh noite morte tão desejada e longa
Noite mágica povoada de átomos
Oh milhões de espíritos enchem o teu sopro
E penetras em nós como uma bala
E tudo morre quando tu chegas
E tudo se dilui e se transforma em ti
Noite alada presciência de tudo acontecer
tão longe de nós e tão antigamente
de tudo nos ultrapassar com soberana indiferença
ante os nossos olhos cegos pelo teu negrume
Oh noite
Brilha para dentro de mim
Acende teus luzeiros em meus olhos
Ergue teus braços oh noite prenhe de tudo
Oh vaso
Oh via láctea de nos amamentares com teu leite
de sombra
Oh noite úbere e pródiga
Aleita tua ninhada faminta
Noite
Noite
Grande fera luzidia

Grande mito
Grande deus antigo
Oh noite urna onde todos dormimos
Oh noite
Meus olhos choram já de tanto perscrutar-te noite
E canto-te
Canto-te
Para que tu existas
E eu não veja mais nada além de ti
E nada mais deseje senão que venhas outra vez
levar-me para dentro do teu ventre
de nunca mais haver noite
e nada mais haver que noite
Noite
Noite
Oh tu noite definitivamente além

## CANTO-TE

Canto-te para que tu definitivamente
existas
Canto o teu nome porque só as coisas cantadas
realmente são e só o nome pronunciado inicia
a mágica corrente
Canto o teu nome como o homem fazia eclodir
o fogo do atrito das pedras
Canto o teu nome como o feiticeiro invoca
a magia do remédio
Canto o teu nome como um animal uiva
de
Como os animais pequenos bebem nos regatos depois
das grandes feras
Canto-te
e tu definitivamente existes nos meus olhos
sempre abertos porque é sempre e os meus olhos
são os olhos da criança que nós somos sempre
diante da imensidão do teu espaço

Canto-te
e os meus olhos sempre abertos são a pergunta
instante pendente de eu te interrogar

e interrogo as coisas em seu ser nocturno
em seu estar sombriamente presentes na tua claridade
obscura
E como é sempre
meus olhos abertos prescrutam-te

símbolo de tudo o que me foge
como apertar o ar dentro das mãos
e querer agarrar-te

oh substância
Canto-te
com a fragilidade de tudo que existe perante
uma eternidade demasiado nocturna para os nossos
olhos infantis perante a tua antiguidade
futura
E a nossa voz é uma pequena onda no dorso
do teu oceano de matéria
Um leve arrepio apenas na espantosa espessura
de teu éter
Ah no ar é que tudo acontece
no ar nocturno das idades esquecidas
que previamente desconheceremos
No espaço é que tudo acontece
e o espaço é uma grande muito quieta
onde os nossos olhos penetram
no não sabermos até onde
Ali
Além
no além onde tudo acontece
Oh
oh espaço de tudo ser tão ligeiro e impalpável
e sermos nós a respiração da
teu bafo ritmado
imperceptível distância
Oh augusta magestática dignidade do silêncio

Oh impassibilidade da tua mecânica celeste
Oh organismo primeiro de todos os fins secretos
da compreensão das coisas
Oh inorgânico organismo dos seres
que se devoram
Oh diz
a quem servimos nós de pasto
Canto-te
como quem pronuncia o Mantra esotérico do teu nome
Canto-te e grito
para que a poeira que se infiltra em todas as
coisas se erga de ti como um plâncton
Oh Madre
matriz das criaturas inferiores que rastejam
a teus pés cobertas de pó
Esse pó que a cada momento ameaça submergir-nos

Oh aranha enorme tecendo tua teia de pó
Oh que desintegras tudo e tudo tu constróis
Ah como nós lambemos tuas duras mãos
Oh que fustigas nossos olhos com tua sombra
enorme
Oh
que deixas tanto espaço para o silêncio
das mil pétalas
dos mil braços esplendorosos em seu abandono
dos murmúrios
dos afagos
sangue derramado sobre o mundo
Oh
Porque és sempre tão premente
Porque sempre estás ausentemente
longe na tua constância em todas as coisas

Oh sono
Oh morte tão desejada e longa
mágica povoada de átomos
Oh milhões de espíritos enchem o teu sopro
E penetras em nós como uma bala
E tudo morre quando tu chegas

E tudo se dilui e se transforma em ti
alada presciência de tudo acontecer
tão longe de nós e tão antigamente
e tudo nos ultrapassar com soberana indiferença
ante os nossos olhos cegos pelo teu negrume
Oh
Brilha para dentro de mim
Acende teus luzeiros em meus olhos
Ergue teus braços oh prenhe de tudo
Oh vaso
Oh via láctea de nos amamentares com teu leite
de sombra
Oh úbere e pródiga
Aleita tua ninhada faminta

Grande fera luzidia
Grande mito
Grande deus antigo
Oh urna onde todos dormimos
Oh
Meus olhos choram já de tanto prescrutar-te
E canto-te
Canto-te
Para que tu existas
E eu não veja mais nada além de ti
E nada mais deseje senão que venhas outra vez
levar-me para dentro do teu ventre
de nunca mais haver
E nada mais haver que

Oh definitivamente além

NOITE NOITE

Noite
noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

noite

Noite
Noite

noite
noite
noite

noite
Noite
Noite
Noite
Noite
Noite
Noite

noite noite

Noite

noite
Noite

Noite

noite

noite

noite

Noite
Noite

noite
noite

noite

noite
noite

Noite
Noite

noite

# POEMAS CONTEMPORÂNEOS DE «EROS FRENÉTICO» INÉDITOS OU PUBLICADOS DISPERSAMENTE

## GOOD-BYE DOKTOR FREUD

Estávamos ainda um pouco estonteados. A verdade é que eras um dos
nossos luxos proibidos. Só tínhamos um momento para dizer o que
sentíamos: no fim sempre no fim de qualquer coisa.
O que tu nos fizeste com as tuas teorias. O século caminhou pesado
com a tua libido às costas. Foi uma subida penosa. Durante o trajecto
fomos deixando a bagagem pelo caminho. As tuas teorias pesavam-nos
de mais nos knap-sacks. Continuámos escuteiros campistas sabes
ficou muita coisa parecida. Mas fomos subindo as pernas vergadas
pelo peso do sexo uma paragem aqui uma descida ali respirando fundo
o alterego o superego. Trouxemos os nossos pais às costas com seus
príapos gigantes. Iam de parada pelas ruas. Era um festival penoso
um Carnaval de Chumbo. O falo de oiro avançava fatigado o corso
lamentável atravessava as páginas da carne. Lábios secos as bocas
contemplavam-te. Na segunda metade íamos devagar já sem acreditar
empurrando-te pelas áleas da memória folheando-te pelas antologias
lentos cansados aos poucos revoltados. Faltava pouco para o fim.
No dobrar da esquina cairias do trono serias arrumado no canto
dos adereços teatrais a tua purpurina ia cair aos poucos com
a humidade descobrindo o papelão de folclore. Caídas as parras
as folhas de figueira surgias pequenino biscuit curiosidade

desnecessidade decorativa arrumada na grande gaveta da mulher
— outra obsolência.
Agora nas torres de cimento catalogado peça de museu recebes ainda
visitas dos turistas. És de pedra de barro às vezes serves para jarra
para pôr os guarda-chuvas. Nalguns lugares remotos o folclore prossegue
ainda és usado comido por entre risos incrédulos cobrem-te de missanga ainda.
Mais tarde alguns mandarins hão-de lembrar ainda o tempo passado
fazer disso arma base de poder e prepotência

## UMA CARTA DE DONA ANA

Olha
Estou aqui sentada neste hotel para onde vim
num package deal
Estou no meio deste cenário a quatro dimensões
e penso em ti Don Juan

Caminho pelas ruas olhando o meu perfil nas vitrines
os operários sentados nas soleiras das portas
comendo os seus almoços
dizem-me galanteios
Sorrio e penso em ti
Curvo-me um pouco mais, porém
(a minha imagem tem certos pudores)

Uso uma tea-shirt azul-pavão
(é suficientemente americano)
Uso calças de veludo azul celeste
largo cinto verde com fivela de metal amarelo
sandálias de camurça natural
Os pés brancos
as unhas envernizadas de cor-de-rosa
A mala preta
a tiracolo
O cabelo loiro escuro
franja comprida
Óculos de sol de aros de oiro
Caminho ondulante redonda de ancas

É suficientemente POP
Podia-se bem projectar a minha imagem ampliada
na superfície de vidro do Seagram Building de Mies van der Rohe
Seria Estupendo

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Estou em Nova Iorque
Entro num snack-bar
Uma americana e sua velha mãe — velhíssima
A filha come fala e cospe salada por entre as sílabas
Tantas mulheres digo eu
Se quer ver homens vá para a terra dos esquimós diz ela
— lá só há homens
Não estou tão desesperada como isso respondo

Desço a Madison Avenue
Caminho e olho
Venho da quase-ilha onde nasceu Don Juan
No meu país os homens são perigosos

Quando era criança mostraram-me uma vez uma prostituta e disseram-me:
Vês?
O meu horror tornou-se tão grande que quando muito mais tarde uma vez atravessava
Montmartre à noite e vi uma prostituta grávida tive o maior ataque de choro da minha vida. O quase-Don-Juan que me acompanhava perguntou aflito mais qu'est-ce qui se passe? Entrámos num Café para eu me acalmar mas quando ele se
afastou por momentos eu fugi correndo pelas ruas fora apavorada ainda toda aos gritos por dentro

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Passei os melhores anos da minha vida a tentar convencer-me de que agora as mulheres já estavam livres. Quis mesmo ser eu o Don Juan.
Porque não ser eu o Don Juan?
Fazer do amor uma antologia
O sumo florilégio
A suprema expressão do barroco vital
Acreditar no desaparecimento do terrível pai

erguendo-se do túmulo no momento da ceia
(Seria ele Lázaro coberto de ligaduras?)

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Os homens morreram todos na guerra diz a minha americana.
Sim.
A fêmea está quieta o macho avança titubeante nas pernas finas.
Avança medroso para o acto final.

Don Juan
Ah Don Juan empalideces em loiros cabelos
em espáduas frágeis
Entra em cena
as luzes já estão acesas
Dona Ana está presente em efígie
Olha pela porta de Duchamp

c'est LA SOURCE Juan
branca
redonda
A mulher é um ípsilon caído na paisagem
Grandes iiiiiiiiii são edifícios
torres
lamp-posts
Os homens são de arame
folhagens de conserva

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Dona Ana jaz
Descansa na paisagem

Don Juan inclina-se rectangular para cima. Tantas janelas prefiguram a única entrada. Dona Ana é geométrica uma caixa de vidros. Banha-se em suas fontes rola os perfeitos cilindros das coxas aperta as nádegas os bicos dos seios erguem-se bocas duras nos sorvetes dos seios transpira humedece a paisagem.

Don Juan tenta espreitar pela frincha. O Comendador está dentro da paisagem da mulher deitada. Sade no cárcere é a imaginação de Dona Ana sonhada na paisagem. Sade é Dona Ana nas quatro paredes da casa onde

o Comendador-Mãe a encerra para que não seja prostituta para que não fique grávida em Montmartre.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Dormir.
Na cidade ficamos pardais saltitamos fornicamos quando podemos entoxicamo-nos.
Don Juan agitando as loucas poucas penas. Pappagheno.

Estou sentada na cama
Visto uma camisa de brushed-nylon

Ontem vi no restaurante do Hotel um homem que estava sentado na mesa em frente da minha. Era moreno novo tinha uns olhos negros poderosos usava grossa aliança. Olhou-me — olhei — o
Fitou-me — fitei — o. Civilizadamente evitámos olhar. Depois fitámo-nos outra vez já cúmplices. Estremeci. Depois ele ergueu-se.
Pagou na caixa e seguiu pelo corredor. Era coxo.
Os homens estão mutilados. Don Juan esteve na guerra. O comendador é só já a memória dele amortalhado. Dona Ana trinca um cheese-burgher bebe chá gelado prenúncio dos gelos futuros. Agora só nos resta o esquimó
o gelado
a chupeta de frigo

E A T — D I E
a vermelho e a negro no Whitney Museum.
Vês, Stendhal?
Vês, Don Juan?
A distância que vai do punhal ao Colt 45

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Fumei tanto que a minha cabeça está perdida. É o meu gelado quente. Um último calor possível entre os dedos.
As casas são tão altas que não consigo aperceber a lua. Espero Don Juan Batman.
Mascarado. Homem Carnaval última fantasia. Dona Ana aos milhões veste um dominó de brushed nylon. Usa óculos. Senta-se nos snack-bars. Regressa a casa. Fuma um último cigarro antes de lavar os dentes. Toma uma pastilha para dormir. Deita-se. Dorme um sono químico. Regressa ao mito.

## LITOTEANA

### I

escrevo com sete línguas como quem atira
contra um alvo onde está o que não se quer atingir
onde está o recorte dele ou o recorte do alvo
embora ele seja o alvo
e quando camões escrevia como joyce usando a mão para atirar
a um alvo em que sempre acertava sem nunca atingir
o centro que é a mãe das linguas a língua mestra que ninguém fala
em que tudo se cala
assim se eu disser seja o que for digo o que for
sim what do I say que'est-ce que je dis e em chinês também
que eu não sei mas existe é uma língua mais uma mais um
falso atentado no entanto possível ao contorno do homem
man-bound para el hombre ou oh minha gentil quanto sei bella
ach du bist mein freud e isto mesmo em chinês e depois em japonês
mas o que digo o que dizem essas línguas mais as outras de que
agora não falo porque eu não falo de nenhuma língua só do conjunto delas
que é a matriz the language também em sueco se eu soubesse
seria igual toujours la même chose é um lugar comum
todas as línguas são comuns à tout le monde como sayonara
se eu soubesse escrevia em japonês mas tanto faz
e o que eu faço é um ensaio o ritmado ensaio de que nunca se sai
atirando ao grande alvo para onde tudo converge e a grande
sabedoria é ter o arco e não atirar com setas ou flechas ou
espadas conhecidos símbolos de muitas coisas multitudinous e
quando todos os autores em suas casas escrevem pensando na
originalidade usam o papel químico dos alvos mundiais
world-wide sei bastantes línguas mas não é necessário
e a tantos a originalidade é igual a tantas leituras
não é verdade irmãos campos aí nessa terra de ferro onde os
arranha-céus acabam de repente nesse pó que anda à volta
de são paulo como seria a terra por onde caminhava paulo
antes de santo in pluribus et unibus e agora usamos outra vez
todos os conhecimentos do alvo in rebus in vitro et in print
agorafilia o português usa correntemente o grego na sua fala

coloquial e os escritores internacionalmente atiram todos
ao mesmo alvo julgando que é outro e usam setas muito pequeninas
para ser muito mais difícil ou fácil ou subreptício
acertar no alvo que também é cada vez mais pequenino
mas acabam por acertar e chegam à condecoração à antologia
nos wings of fame Oh pulcra como se dirá em senegalês
como se dirá em xilofipopteríscio essa língua bífida
ou mesmo pentafídia ou então saranda pende nome dum brinquedo
que custou isso mesmo em dracmas em vez de comprar loukoum
ou comer dolmas ou encomendar mia feta
os turistas da linguidade vão pela cidade a tropeçar nas sílabas
nessas duras vias nessas calçadas linguais e as palavras
tropeçam pelos palatos como os bois pelos palácios são os
palatos dos estrangeiros de todas as línguas
e é assim que se aprende a atirar ao alvo atirando para fora
sem querer estar certo mas o alvo é fixo e o atirar incerto
espacial muito mais espacial il faut de l'esprit
os franceses não têm sentido do humor no sense of humour
schade enquanto tchad é um lago imaginem a crueldade das
línguas era tão bom se isto fosse dito em chinês certamente
em vez de tantas pequeninas letras um bloco cheio de gestos
em caixa caixas de areia all this is preposterous eis o que
os ingleses fazem à etimologia ludicrous
oh dear now I have to shrimp on shrimp on perharps for ever
e os portugueses no norte da turquia que falam ladino
que ladinos ach ich liebe diese dunkel stunden é de rilke
mas quem pode dizer tal na verdade de quem são as palavras
e mesmo o arranjo delas
é tudo tão parecido
todos procuram a diferença mas encontram a semelhança
que é o que nos caracteriza e a personalidade mais
a individualidade é tudo o que há de mais comum lá dizia
o provérbio un mono vestido de seda es un mono
vestido de seda humpty dumpty sat on a wall
quest-ce que vous voulez a originalidade é a pesquisa dos comuns
the common place fichez moi la paix os franceses são sempre
enciclopédicos sadana e bhagvadah e rama seguido de saris
não tem nada com paris nem páris nem párias de depois do
chop-suey sweet and sauer pork os mandarins entretidos
com seus jogos mandarin-play-time mandarin-rag-time

o tempo dos trapos do mandarin tradittore tradittore é a maldade
semântica essa hábil ó escritores guardai as línguas ou

## TORNAI-VOS ROLL-MOPS

sim é muito culinário este smorgbrod lingual
das cultural epitomies oh dear polly put the kettle on
ein augenblick caramba que torrente guarda il mare di sorrento
tanto trabalho para aprender as línguas
linguaphones telephones pterophones estereophones
trin-trin
onamatopeia também entra na língua
meu deus o que não entra nela
o que não passa por ela
quel embouteillage
why don't you avoid the rush hour
os chineses estão a aprender a fazer mil gestos muito pequeninos
para pintarem o ideograma de rush hour
e a nossa escrita é que é parecida com os grãos de arroz
e longos fios de esparguete preta quanto é à mão
o chinês é sempre vestuário e telhados e rugas da face
expressão em forma de linhas que fica no rosto de quem se ri
muito sobretudo sarcasticamente
e as covas dos recalcamentos e a escrita continua o seu romance
rimançando rimanceiro romano românico e até gótico
oh plancy porque renegaste
ahahahahahahahaha ah ah ah a h ah a h a h
era o diabo a rir-se à porta
em legatto em stacatto em trilo em mordente em anacrusa
era insuportável
e batia também com as patas toctoctoctoc
tamborilava com os dedos na vidraça fazia caretas e pior pior
mostrava a língua
a língua diabólica
a impossível forma da sabedoria infernal
e o odor sulfuroso pestilento não invento
é assim que nos descrevem o maligno
ah mas quem se atreve só quem escreve
oh imponentes que tens nos dentes é fenomenal escrevo em al
oh dear what can the matter be

oh irmãos campos tão laboriosos oh abelhinhas campinhas
tantas letras quantas tinhas no café que ele mexia o açúcar
saltava sempre para fora um acento do é ou a bolinha do c
era engraçadíssimo
e a arábica semente ou beberente quente que eu nunca tomo
no dente faz mal à gente café e samba caramba caracole
não me amole marienbaad watering places are out of fashion
quels dupes what you expect to achieve in that fashion?
soy un hombre conocido
ay ay ayay canta y no llores
também há o escritor com o rolo estende estende
a massa das mil folhas faz um mal horrível
que invenção diabólica
há tanto tempo ficámos todos furiosos
toda a gente julga que pode escrever
é só tentar e depois que me digam o que escrevem
oh urnas suburnas e lucarnas tais toi ein moment
o tempo viaja num baloiço que só anda para a frente
já pensaram que vectores que motores space-bound
que vertigem dá-me impingem que tinturas que tonturas
lálálá é o tom do diapasão
no fundo do caixão abre-se a porta dos suspiros donde sai
a escritora do norte cheia de receitas conventuais
e nós aos ais aos aís que sempre é mais agudo
sharp the shark parece um nome e um cognome
é da maldade semântica já disse but say it again and again
es ist niemals zuviel que capacidade
e os turistas da cidade das línguas a tropeçar pelas calçadas
feitas de alfabetos é uma obsessão
learn foreign languages without toil
ler línguas de fora sem toalha
c'est inimaginable little john and the rockers
juanito e sus rocas
miserabile mascalzone que apostróficos
je ne suis pas qui tu penses não sigo os passos que tu pensas
são imensos começa a ser curioso e interminável ach so
é sempre uma surpresa para a garganta quem canta seu mal espanta
qui chante son mal espante
e não se espante espantalhe-se
manybus thankibus muitos autocarros muitos tanques

warum warum ma ché é a cearite
a espigofite
a metriolítica
a totolítica
a colipticsopolítitica
é um dificilite uma impossibilitúria
que escribatura!
centuries sentries
serendipaty
a patologia sereniália
que escrivinhécia é a plurifólia
quel escrivasse
what a writycious paranuxia
em japonês onokotu bogara
que excelência em maoris
tragam já o cangurú o prototú o perurú
é uma linda letra o U todo em cadeira de braços
e muitos são uma cadeira sem costas em cadeia em cadeado
la fantaisie a des raisons a fantasia tem dos rasgões
o conhecimento é ortogonal ortofrénico ortognato
mas sobretudo consideremos a ortoépia
mas deixem isso para os ortomas para quê enchermo-nos de urtigas
ao menos deixemos a letra O toda fechada para quê correr atrás
dela e pior ainda é se ela corre atrás de nós
ai de ós
que pódio que podocárpio
não o melhor é voltarmos às vaes ao podal ao podalírio
estas palavras existem podem crer
dê-me aí um ipadu oh irene eirene the eire
volto outra vez a ti Oh James
let's get out of this jell
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...
esta sangria lúdica e joalheira bouvard et pecuchet em sua quinta
e cage art is criminal action ..... etc. escrevo
à máquina as teclas erguem-se patinhas dão com a cabeça
no papel através da fita pequenas pancadas secas sábias
talvez sápidas o agá tão formal costas direitas
o eme cheio de pés
o ele magríssimo
e os acentos tão seguros de si toc toc trota a tecla pela fita

toc toc bate a tecla no papel
e o rolo trrrrrruuuuuuuuuuuuK!
um som ab-surdo quem te ouve quem te espera
hoffen und harren fuhrt menschen zum narren
em português não se pescam trutas com bragas enxutas
mas quem quer sentar-se dentro ou mesmo no braço do U
abanando uma perna
o tê é a letra que corre mais
immortality is but ubiquity in space
enquanto o Y envergonhado enrola a cauda que hipocampos
lá estão os tais à beira do baque
foi na quinta das torres que eu descobri que as rãs ladram em R
enquanto as cigarras tinham pernas de aço
the subterranean miner that works in us all
alles verganglich ist nur ein gleichnis
sim sim eu sou a minha própria caravana
e as cigarras tomavam conta da secção rítmica enquanto eu lia
tentava ler por entre os stacatti dessas siderúrgicas
e pensando
o novo flautista de hamlin deveria levar atrás de si todas as letras
dos alfabetos que se acumulam nas cidades
e os rios ficariam todos negros e a ferver com os ruídos das letras
a cair cheio de onamatopeias e rotundas frases carnudas
como perús de viveiro e grandes letras alinhadas disciplinadas
como gansos de selma
oh que grandes embarcações que belos remos
que grande pescaria que enorme agricultura letral
e quando hamlin zangado trouxesse outra vez as letras para a
cidade as páginas já estavam sossegadas mas tão pálidas
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...
não procurem o narrador que é na escrita que tudo se cria
por understatement por àquem
oh políticos cheios de letras atirando grandes dardos
grandes ESSES desenrolados são símbolo de grandes línguas
de grandes bibliotecas their dog's libraries
their master's dogs
ja ja ich bin dadei gewesen
que grande bestiário estes ficheiros vivos
escrevo tudo isto e auto-intoxico-me
levo um caderno comigo e escrevo a todo o instante

estou sempre a abrir e fechar a cabeça
o escritor é um perseguido por ideias quantas vezes me
levanto no meio da noite para escrever mais uma ideia
que me quer sair da cabeça para o teclado
o escritor é uma aranha enxertada em margarida ao tear
a escrita é a arte da submissão à condição de alvo
oh campos de tiro quanto treino
e agora que sabemos tudo isto estamos vergados pelo peso da escrita
esta escribatura
e depois de tanto desejá-la e antes mesmo de ela ser geral
escrevemos em voz baixa
ainda trémulos da passagem do cortejo das litotes
tão pequeninas todas de preto
não há neste momento maior certeza que a da escrita
oh meu país de anões onde tudo é pequeno
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

II

Acordei de repente no meio da noite na rua alguém chamara: A N A!
Então o nome correu pelos ares como um duríssimo triângulo como um papagaio
de pedra o meu nome é de basalto é uma corrente
bate nos meus ouvidos oiço os seus elos A——N——A——!
São três dedos num só apontam para si mesmos A N A A N A A N A
às vezes parecem pancadas dum pequeno martelo batendo regularmente
bate em mármore talvez qualquer superfície dura e o eco
das pancadas corre em dois sentidos Sentido A ⟷ Sentido A
(corre pelos sentidos).
Tudo o que é sentido por A é sentido por A
N é A em fuga incompleto A incompleto dois A. É um índice de A
O H A N A!
A negação A partícula O reversível O igual a si O em si
Um nome é em si O que jamais é fora de si
Oiço o meu nome corre sobre mim passa por mim
O meu nome não é eu
O nome passa por mim correndo vem ter comigo grita-me aos ouvidos
O nome é atirado contra mim cai em mim

Com o meu nome caio em mim
A N A
Três pancadas: uma na cabeça outra no peito outra na cabeça
É uma formação As letras voam formação V
A A N
N A A
Rapidamente uma pancada no estômago
Vejo o preso na cadeia Ouve o seu nome Vêm buscá-lo Abrem-se as grades
Vou morrer Não posso desprender-me Estou inocente
Empurram-me para a frente Tropeço pelos corredores no meio dos guardas
Abre-se a grande porta:
A N A !
Salto no ar
salto no ar absoluto precedida do meu nome
seguida do meu nome
O meu nome atira-me para a frente
empurra-me para a frente
corre pelo ar absoluto
eu caio no fundo
Olho para o alto: o nome é um triângulo de basalto
Fecho os olhos.
Penso na existência do nome.
Quero chorar. Doem-me os olhos. Choro lágrimas de tinta.
Quero olhar dizer o nome. A minha boca está cheia de tinta.
Estou dobrada. Quero erguer-me.
Estou dentro.
Tudo o que sou escreve o nome
é para escrever o nome
o vómito do nome
a agonia do nome
A minha pele é o chumbo líquido do nome
Os meus membros são as teclas da máquina de escrever o nome

ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA ANA

O nome corre pelo corredor batendo nas paredes desdobrando o eco como uma peça
de tecido anúncio eléctrico do nome vou de joelhos pelo nome cumpro antigas promessas sangro tinta pelo nome subo pela máquina murmurando o nome

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

ANA: se eu fosse disléxica e quisesse ler ANA jamais compreenderia o que quer dizer ANA. Veria essas formas agudas — vértice, vértice, vértice invertido
vértice. Mas não o que quer dizer ANA. Jamais compreenderia porque é impossível
compreender o que quer dizer A — N — A. Por exemplo: o que se passa na boca:
com uma certa força expelir o ar — A; um pouco de língua contra o céu da boca
(empurrando levemente contra os dentes de cima) — N; outra vez expelir o ar apoiando com uma certa força — A. Mas não é bem assim. O ar sai com a descida
da língua. Há só um A — o primeiro — o último já não é um A. É um resto do
movimento do N com um pouco de ar do primeiro A, suspendido em N e por fim expelido
em A, prolongamento de N.
A N A é isto.
Isso.
A língua quase não se move. É um nome muito tranquilo. Pacífico mesmo. Para dizer ANA com força é preciso estar-se muito zangado. Normalmente move-se
apenas a língua levemente dentro da boca. Não é preciso muito mais.
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

III

Essencialmente a casa é uma caixa — um continente. Uma rua duma cidade é essencialmente uma sucessão de caixas colocadas muito juntas. Isso é que é uma cidade. O arquitecto concebe mentalmente as casas, isto é, as caixas, geralmente preocupando-se mais e adornando apenas dois lados dela (na cidade, claro):
o da rua (que é formado de caixas) e o das trazeiras (também formado de caixas).
Geralmente o lado da rua é aí que o arquitecto se esmera: ondas, nervuras, saliências, golpes, estátuas, janelas, entradas, cores, vidros

materiais diversos. Para as trazeiras ou muitas escadarias e muitas janelas ou só algumas ou então muitos canos muitos canos. Às vezes também passa o comboio ou alguma ponte. Mas não é muito frequente. Geralmente o que temos
é um cubo de seis faces dos quais só uma é amada em extremo: a principal. É isso o que desequilibra a casa. Por exemplo: que espécie de superfície afeiçoada apresenta a face dos alicerces? A aspereza e até a maldade dessas caves, dessas depressões, desses pilares, ferros, etc. feiíssimos entrando pela terra dentro como duríssimos narizes acrobáticos? O telhado, enfim, sempre
pode ser uma açoteia ou um porto para helicópteros ou então um bosque de chaminés ou mil bicos de torres totalmente desnecessários, não é verdade, enfim o telhado sempre é mais arejado mas o que dizer da imensa fragilidade das faces da casa que encostam às contíguas? Que orelhas mais rentes alguma vez se viu, que surdez, que coisa mais chã e atrofiada. Como quem diz eis uma face, eis outra face. Não é uma coisa alegríssima considerando a perturbação da fachada, essa perfuração, esse rendilhado, essa complicação da caixa, o retalhe da caixa, a indemnização do cubo. Quando os arquitectos modernos conceberam os arranha-céus, a casa paralelopípeda, o paralelograma em pé
nessa altura descobriram a superfluidade da fachada, a não necessidade da fachada; isto é, a necessidade total da fachada. Então a casa passou a ser uma total fachada, a caixa fachada, a caixa fechada, a tranquilidade da coisa cúbica, serena, pacífica, totalmente desigual em todos os seus lados.
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

A cidade é um grande animal paciente. As casas equilibram-se-lhe na pele. Os automóveis correm-lhe pelo pêlo animados parasitas

## TEORIA DA OBSOLÊNCIA — UM POEMA-ENSAIO

Escrevo com a noção exacta da obsolência dos problemas da arte sei que como a
entendemos há alguns séculos terminou. como actividade desse tipo. Neste momento
faça-se um puro exercício ensaie-se. cientes de ser o jogo uma forma perfeita da inutilidade. a obsolência prévia a crónica a-crónica. aquilo que a si

mesmo se
esgota previamente consabido. Saúdo Huizinga e prossigo.
Podem acusar-nos de estar ainda a discutir o sexo dos anjos enquanto os exércitos
inimigos tomam conta da cidade. Responderei com a noção exacta da perfeita obso-
lência de uns e de outros. pois tanto deve importar que o mundo acabe neste inst-
tante como daqui a 5.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000.000
de anos. não é verdade? a perfeita obsolência dos exércitos das muralhas das sucessivas técnicas da guerra da própria guerra (eventualmente)?
Ainda há bem pouco escrevia um célebre compositor que os conflitos não se dão
entre as pessoas e as pessoas mas entre as pessoas e as coisas (ele começou logo a sua carreira destruindo o piano). e mais adiante: nada temos a recear dos estrategas. no futuro a guerra consistirá no puro assassínio de indivíduo para indivíduo. não será um conflito entre grupos especializados.
Talvez tenha sido um pensamento semelhante o que levou um artista plástico a
dizer: a tragédia acabou-se. agora a situação do indivíduo só pode ser patética.
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

De facto. à perfeita obsolência da noção belicista de estratégia pode opor-se agora a perfeita obsolência dos problemas do sexo. angélico ou não. pois eis que tanto deve contar a terra como céu ou os habitantes de uma como de outro.
tanto devem contar os vivos como os mortos os interiores como os exteriores os apocalipses como os carunchos (como é aquela canção que diz morte de homem tanto
monta?).
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...
No meu país quando um homem sobe ao alto da montanha tudo o deveria conduzir
ao pensamento de Zarathustra. mas parece que tal não sucede. Não sei em que
pensam os habitantes do meu país quando chegam ao cimo da montanha mais alta
que existe na nossa terra mas temo que pensem exactamente o mesmo que pensam no
meio da avenida da liberdade: exactamente nada.

Antigamente a ideia de que o pensamento era uma espécie de suporte, fez dele uma
actividade sinestésica da arquitectura (quem não era arquitecto podia ao menos participar na construção dos andaimes) mas a partir do momento em que o pensamento
passou a ser entendido como uma formação em devir todos sabem o que aconteceu.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Como disse. a convicção de que o pensamento era uma actividade sinestésica da arquitectura produziu os imponentes monumentos que conhecemos mais os outros
horrores da construtiva actividade humana. realmente. não tem sido fácil desalojar
os locatários dos poderosos edifícios herdados. nem se tem mesmo conseguido. os filhos das heranças são inamovíveis.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Há muitos séculos já que os homens avisados compreenderam em que abismos de renúncia
pode mergulhar o asceta da profusão. e quando qualquer homem se retira do bulício
e medita sobre a extensão ou a continuidade então medita sobre o tempo. É então
que conclui que a experiência da vida não serve para nada.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

... a obsolência prévia tudo solve.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

... a neurose colectiva: o medo da não sobrevivência.

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Se quisermos saber qual a importância que a noção de tempo pôde assumir para nós será útil visitarmos por exemplo um museu de mobiliário: quando se chega
à sala dedicada ao século XIX compreende-se imediatamente a razão por que nesse
século os suicídios se sucediam. O problema da neurose particular mais o mergulho
participante na neurose colectiva tem aqui a sua aplicação formal (não houve já
quem proclamasse que Platão escreveu a República para que houvesse uma sociedade
onde Sócrates não teria jamais sido executado?). É sempre curioso tentarmos imaginar

o que teriam feito certos indivíduos cujos actos afectaram profundamente a humanidade se as condições da sua vida tivessem sido outras. Pode ser uma activi-
dade curiosa mas será também uma prática arriscada pois parecerá fácil poder-se
concluir que bastará proporcionar aos indivíduos condições óptimas para eles se
tornarem óptimos (o que será provavelmente um dos flagelos do futuro: pois enquanto
a grande disponibilidade permitirá a um grande número ficar a vida inteira na escola pergunto eu: que vão fazer os incapazes que já agora têm tanto tempo livre)

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Quel encombrement! (os portugeses são herdeiros da cultura francesa. diz-se)

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

Há tempos lia um livro dum autor japonês numa passagem do qual ele referia a visita
dum santo budista à casa dum homem
ilustre. Entrando no salão ficou o santo muito perplexo pois ao mesmo tempo que
se lhe deparou o homem ilustre deparou-se-lhe também o seu retrato em corpo inteiro
pendurado na parede. Pensou o santo: um dos dois deve ser falso. Passando depois à
sala de jantar. enquanto serviam a refeição o santo olhava para as paredes onde estavam penduradas naturezas mortas além de estarem alinhadas nos altos lambris
todas as pratas da família. Pensou então o santo: porquê os alimentos em imagem
e de facto? E essas pratas antigas lhe fizeram pensar em todos aqueles que as tinham
usado e estavam agora mortos.
Isto passava-se no século XIX. está claro. esse século interminável. quanto às pratas da casa essas são as estruturas que herdámos e trazemos penduradas pelas
nossas paredes enquanto vamos comendo a imagem dos alimentos juntamente com os
alimentos que nos mortos observamos. Quanto à nossa própria imagem não saímos ainda

da representação em trompe-l'oeil. mas por detrás de nós não está nada e no futuro
nem sequer na parede nos pendurarão.
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...
Parece que os actos de destruição. por mais laboriosos. difíceis dolorosos contêm em si excessiva compensação. A destruição assume na maior parte dos casos
o aspecto de uma furiosa prepotência (para uns) ou impotência (para outros): basta vermos a frenesia com que os incapazes se encarniçam no plágio ou no machado.
Pensando bem só os actos-criados deixam tudo vazio.
Mas ai do dia em que a clemente obsolência não derrubasse qualquer muro. ai do dia em que a magnífica detergência morosa não saísse de casa para dissolver a *res publica!*
(o que às vezes se nota, e disso temos de queixar-nos,
é uma certa lentidão no processo)
... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

## A DETERGÊNCIA DO ROCIO

A detergência é uma acção morosa que tem a propriedade de se transformar progressivamente numa acção amorosa. Sendo detergir um acto essencial de purificação a detergência pelo intermédio duma acção prolongada e persistente, traduz-se por um acto de progressiva eliminação da impureza amorosa do outro possível. Ora se todo o acto de purificação pressupõe a existência prévia e básica de uma impureza essencial a detergência torna-se uma acção extremamente deleitosa morosa e amorosa do próximo possível.
Sempre gostei dos actos de limpeza: quando era criança ficava à janela observando fascinada os lavadores de ruas (oh Freud, Freud!) que se entregavam com inteira satisfação e volúpia
à encantadora tarefa da limpeza.
Mais tarde em virtude da evolução cultural e da consequente mecanização progressiva do trabalho esse acto de limpeza manual foi aos poucos substituído por um acto de limpeza mecânico:

os jactos saem agora de curiosos engenhos sobre rodas
fustigando as pessoas e a calçada com a sua potência purificadora.
Ora sendo eu uma pessoa atenta às realidades circundantes
resolvi propor-me a tarefa imensa e imensamente deleitosa de
me entregar à purificação da cidade e da res publica e por isso
concebi este projecto que ambiciono realizar: o de detergir a cidade.
Bastará para tanto que me dirija à praça principal desta
cidade onde duas húmidas fontes projectam seus jactos sobre
apáticas estátuas e aí verta nesses jactos floridos consideráveis
quantidades de vaporoso detergente. Em breve as fontes em vez de
húmidos borrifos de simples água projectarão ondas de formosa e
levíssima espuma que transbordando do receptáculo que está na base
dessas fontes se espalhará pela cidade e detergindo os homens e os
objectos detergerá a cidade.
Se eu o não puder fazer peço-vos fazei-o em meu nome.
Esse acto ficará na história da limpeza sob o nome de
a detergência do rocio.

## 3 POEMAS A BRASÍLIA

lírio. círio. mastro. relva. percorrer-te como pássaros
de noite. água de noite. relva de noite. caminhar por tua
noite. lírio. percorrer teus ombros de noite. círio. alto
como de noite. dormir em tua curva noite. passar o braço
por teus ombros de relva. chão vermelho sob os meus passos
de noite. tua carne de ferro. espaço de ar e relva.
navegação da noite. baixar de pálpebras sobre a noite.
desmaio de sufocação de tanta noite. outra vez caminhar
por tua noite. por tua relva de lírio. círio. corpo
de ferro e tanta água. espaço de água com pássaros de noite.
água. água no fundo de ferro e ombros. constelação de ar
e sopro. teu braço sobre o meu sopro. caminhar por tanta
noite. tua noite de ferro sobre a noite. percorrer tua face
como de noite. mastro de relva. círio no peito. lágrimas
não caindo pela tua noite. círio. desmaio de tua noite
e água. não distinguir teu corpo de teu sopro. noite lírio.
noite círio. relva.

●

Agora nós subimos
a pirâmide cujo acesso é uma
lâmina dá-me a tua mão
a pirâmide está coberta
de inscrições
em relevo
aplico os lábios
não distingo
teu rosto de tuas pedras lanço-me a noite
proclama
ouço a sua voz de pedra
desmorono
em tua
arquitectura eu sei
vou caminhando já
ao teu encontro

●

Canto-te vou ser o teu cantor deslumbrado e obsoleto
o teu cantor canto-te e estou morrendo em tua
nascença minha herança minha longínqua
linhagem canto-te estou no chão
de tuas torres durmo sobre ti
e despeço-me

# 39 TISANAS
# (N.os 1 a 39)

## 1969

*Todos os cretenses são mentirosos*
*e nunca deixam de mentir*

Epiménides de Cnossos

1

A criança passeia pelo campo. Pára diante de um portão entreaberto. É o portão de uma grande quinta. A criança entra. Lá dentro está um cão enorme.

2

Mon Cher:
J'aime bien votre nom doré (connaissez-vouz un peu le grec?). On m'a tant parlé de vous que je ne puis m'empêcher de vous écrire ces quelques mots. Je veux vous dire que j'étais très heureuse d'apprendre qu'elle ait pu trouver quelqu'un d'aussi bien que vous. Vous ne pouvez pas vous imaginer les soucis que je me faisais à propos d'elle, car elle est, à bien d'égards, fort insouciante. Ce qui est plutôt troublant. Mais enfin, la vie c'est ce qu'on éprouve soi-même, l'experience qu'on peut acquerir c'est notre trésor, notre richesse secrète. Como eu gostava de saber a quem escrevi esta carta.

3

Minha irmã e eu tínhamos saído a fazer compras. Quando regressámos a casa o telefone tocou. Precipitámo-nos para a sala onde estava o telefone quando

a campainha da porta tocou. Um segundo hesitámos e corremos ambas para a porta. Na confusão deixámos cair os embrulhos e impedimo-nos mutuamente os movimentos. Finalmente eu dirijo-me para a porta e ela para o telefone. Ela levanta o auscultador e ninguém responde.

4

Era muito cedo e eu estava sentada no avião. Olhava pela janela o nascer do sol. A hospedeira vem servir sumo de laranja. Ninguém quer. Eu quero. Pego no pequeno copo e bebo. Nesse momento olho para fora e a janela parece um ovo sanguíneo visto à transparência. Quando descemos do avião já era dia claro.

5

Estava eu sentada a bordar o meu petit-point quando de repente o vento me fechou a janela com estrépito. Ergui a cabeça. Do outro lado da rua vi um pássaro poisado numa árvore.

6

Pela janela aberta entrou uma mosca. Passa sobre o meu rosto. É azul. Circula sobre o meu corpo finalmente suspende o voo na dobra da cortina. Agito um braço. Recomeça o seu voo. Zumbe. Poisa no vidro. Levanto-me devagar. Abro a janela um pouco mais. Agito a mão. Redobra o seu zumbido fere-se no vidro suas patas correm agitadas. Agito mais a mão. Então ela descobre a fenda de ar. Sai u.

7

Quando cheguei ao hotel tinha uma enorme barata em cima da dobra do lençol. Quando me vê precipita-se correndo. Fiquei algumas horas meditando. Depois deitei-me. Apaguei a luz. A barata estava dentro do guarda-fatos. Ouvia o ruído de suas patas trepando por minhas malas de fibra.

8

Ontem fui visitar um grande amigo. Cheguei lá e começámos a falar com o maior afecto. Era de noite mas ainda cedo talvez 10 horas. De repente oiço um galo cantar. O meu amigo diz oiça este galo é espantoso. Oiço. O galo canta repetidamente. Os intervalos entre cada emissão sonora vão-se tornando maiores. Finalmente calou-se.

9

Com precisão fenomenológica digo: os que funcionam em coincidência praticam uma espantosa maldade semântica. É que os parâmetros da imaginação criadora e seus pavorosos derivados estão directamente dependentes das impulsões latentes incontroláveis. Digo isto e estou à janela esperando o correio. Estou à espera duma carta da minha irmã. Finalmente o correio chega. Vejo-o aproximar-se. Pára diante da minha porta. Entra toca mesmo à minha campainha. Precipito-me para o elevador. Chego lá a baixo. Abro a caixa do correio. Uma carta. É da minha irmã.

10

Nesse dia eu lera um artigo em que se falava da evolução das artes e em que se concluía que nada nos restava já fazer uma vez que tudo estava feito já e nada lhe poderíamos acrescentar. Fiquei a pensar seriamente no assunto durante um certo tempo. Até que finalmente compreendi. Dirigi-me para o meu escritório sentei-me à secretária tirei da gaveta uma folha de papel e comecei a escrever um longo telefonema. Praticando mais uma vez aquilo a que chamo a prova de resistência dos materiais poéticos chamei o meu porco Rosalina e pedi-lhe que o lesse e depois mo enviasse pelo correio.

11

Estava eu muito sossegada a ver o meu programa de televisão quando de súbito compreendi que a missão do espírito criador é a mais transcendente porque um dia o espírito criador deixará de ser necessário. É daí que decorre a importância da arte a sua inutilidade. O meu porco Rosalina partilha comigo esta opinião. Todas as sextas-feiras vai ao cabeleireiro fazer uma mise.

12

Era uma vez duas serpentes que não gostavam uma da outra. Um dia encontraram-se num caminho muito estreito e como não gostavam uma da outra devoraram-se mutuamente. Quando cada uma devorou a outra não ficou nada. Esta história tradicional demonstra que se deve amar o próximo ou então ter muito cuidado com o que se come.

13

Era uma vez duas orelhas que viviam no alto da cabeça de um gato. Cansadas de passarem a vida arrebitadas frequentemente lamentavam a sua triste sorte. Até que um dia resolveram que não queriam mais viver arrebitadas e começaram estudando a maneira de acabar com essa aviltante postura. Diz a esquerda para a direita e se nos encolhêssemos. Diz a direita boa ideia começa tu para eu ver como é. A esquerda encolheu-se. Dobrou-se sobre si mesma com a maior firmeza. Esteve assim um certo tempo até que o gato irritado começou a coçar a orelha enrolada e como ela resistisse o gato só parou quando ela se reergueu escorrendo sangue.

14

Era uma vez duas fanecas que viviam no aquário municipal. Todos os domingos o aquário era visitado por grande número de pessoas as quais reflectindo a sua atávica formação cristã distribuíam pelos pobres peixes algumas migalhas de pão caídas das suas mesas. As fanecas sabiam isso.

15

Era uma vez duas ervilhas que estavam encostadas uma à outra porque nesse dia estava muito vento e estando elas cansadas de rolar desejavam ficar aonde estavam. Por isso se encostavam uma à outra fazendo muita força para não se separarem. Nesse momento passou um mergulhão.

16

Era uma vez uma palavra que estava sentada à porta de casa quando passou um rato. Bela palavra diz o rato. Como ia com muita pressa deu-lhe umas

dentadas e engoliu-a. Mal. A palavra ficou-lhe atravessada na garganta. Então os dentes começaram-lhe a crescer para dentro.

17

Era uma vez uma chave que vivia no bolso de um homem. Durante muito tempo desempenhou com honestidade o seu trabalho de abrir portas. Até que um dia descobriu que todo o seu trabalho tinha consistido sempre em abrir portas que já estavam abertas. Quando descobriu isso lançou-se corajosamente para fora do bolso. Caiu no chão. Ficou ali. Passa uma criança vê a chave e diz que coisa tão engraçada para fazer um carrinho.

18

Era uma vez uma cidade habitada por palavras em que cada uma vivia em sua casa com as portas fechadas mas constantemente se visitavam ou então saíam para a rua e passeando cruzavam-se com as outras palavras e saudavam-se mas com o crescimento progressivo da cidade as palavras quando saíam para a rua começavam a chocar umas com as outras e chocando-se retiravam-se encolerizadas e regressavam a casa mas já não regressavam como haviam saído e dentro de casa aumentavam por um efeito de cólera morosa e lembrando sempre as outras palavras começavam crescendo dentro de suas casas e da próxima vez que saíam para a rua já iam transformadas e quando encontravam outra vez as outras palavras passava-se outra vez a mesma coisa e regressavam a casa e continuavam a crescer e sempre em direcções diferentes e cresciam de tal modo que já não conseguiam fechar as portas e novos braços abriam as janelas e a cólera trepava pelas paredes e começavam a escavar o tecto e ligadas ao andar de cima entrelaçavam-se à palavra do outro apartamento que também estava encolerizada e já chegava até ao telhado e subia pela antena da televisão e gritava encolerizada com as palavras dos outros prédios já subindo pelo céu acima e toda a cidade estava aos gritos e já não havia mais espaço para as palavras crescerem a não ser emaranhadas umas nas outras e os seus gritos confundiam-se e as palavras estavam todas unidas irremediavelmente e gritavam todas ao mesmo tempo de modo que ao longe era um só grito enorme que mais longe se transformava num sussurro e de muito mais longe até não se ouvia nada.

19

Quando Atenágoras Protozoário andava passeando pelo campo viu um homem deitado à sombra de uma pedra e ficou muito surpreendido. Na verdade disse não me é possível compreender os semi-símios para que põem eles estas sombras nos caminhos e assim dizendo caiu por uma ribanceira.

20

Quando eu era criança ia com a minha avó fazer visitas às velhas senhoras amigas dela. Depois do chá mandavam-me sempre para o jardim. Um dia descobri que para o jardim dava a porta da cozinha. Entrei. Em cima da mesa de pedra estavam umas fanecas cobertas de sal. Aproximo-me. Começo lambendo o sal das fanecas. Nesse momento entra a cozinheira e julgou que eu estava com fome.

21

Era uma vez um rapaz que tinha o cabelo muito escuro. Um dia estava sentado à mesa do restaurante e tinha já encomendado o jantar quando na sua frente uma mulher começou a rir desabridamente mas sem emitir som algum. Ele ficou um instante perplexo mas logo se recompôs e proclamou em voz muito alta gosto muito de mulheres e assim dizendo esmigalhou entre os dedos uma caixa de fósforos.

22

Nessa noite eu sonhara com um macaco sentado tão triste que quando acordei uma lágrima caía-me pela face. Ele era extremamente feio e a barba crescia-lhe na cara com um desalinho só comparável à irregularidade da curva de suas pernas. Era baixo e talvez gordo. Estava sentado à minha direita e servia-me o chá. Levantei-me e encontrei um anel no chão. Tinha uma safira de forma oval. Fiquei tão perturbada que me sentei à mesa e entornei o café todo no pires. Então ele disse não sabia que lhe podia causar tamanha impressão. Olhei para o lado e entornei um copo de água.

23

Entro numa loja e digo ao empregado faz favor de me dar algum pólen para eu fabricar o meu mel. Ele olha para mim. Sei que a incerteza o devora digo temos em comum essa capacidade de entrar no fjord mas deve compreender que só por maldosa cortesia poderia eu aceitar tais agradecimentos talvez noutras circunstâncias noutra altura me fosse possível ajudá-lo mas hoje é-me muito difícil fazer essa transmissão integral e pública. Agarro no embrulho que já estava pronto e saio para a rua. Não se pode confiar em ninguém.

24

Ia eu tranquilamente a caminho de casa quando vejo numa montra o seguinte letreiro: PONTIFEX EXPRESSO — ESPECIALISTAS —. Durante um certo tempo fitei aqueles dizeres obscuros. Mas de repente fez-se luz no meu espírito: pontifex é o que faz pontes. Por isso entrei resoluta no estabelecimento e pedi ao empregado que estava ao balcão que chamasse o gerente. Quando o gerente veio eu disse: nós julgamos que estamos a fazer uma coisa mas fazemos sempre outra, é daí que resultam as consequências futuras e incalculáveis dos nossos actos. O principal problema é sempre levantado pela contiguidade: é assim que se revela o perigo das associações trágicas donde deriva o terror. O senhor é uma fraude e a sua profissão um ultraje. A sua atitude é ignóbil. Retire-se, antes que eu o mimoseie com o meu riso estólido e gaiato.

25

Sempre considerei que as relações entre as pessoas são muito difíceis. Um dia porém depois de muito ter meditado na humana dificuldade ia pela rua fora quando de repente vejo um amigo. Dirijo-me a ele e digo com a maior animação você podia fazer o favor de me dar 25 tijolos para eu construir uma parede aqui do lado esquerdo então ele olha para mim e diz faz-me bem que alguém me estenda uma mão fresca mas se me agarra no braço isso é já penoso e inconcebível para mim li isto em qualquer parte.

26

Ia eu orgulhosamente na companhia do meu porco quando de repente me encontrei no mais inusitado estado de perplexidade ao ouvir dizer a mulher é um ser estranho. A perplexidade é um acometimento. Por isso rapidamente compreendendo perguntei estranha a quem. Ignorando eu quem proferira a notória sentença tropeçou e disse ela é incompreensível isto é compreensível. Não hesitei. Era visível. Avancei e disse a quem. Mas quem não disse. Então eu disse para o meu porco Rosalina segura-me a cauda. Subimos mais um degrau. Eu sentei-me. Depois pedi a Rosalina que me penteasse as orelhas.

27

Perdoem-me a corruptela. O estilo, essa obsoleta pluma, encontrei-o uma vez quando passeava num parque meditando sobre a profusão. Um animal distraído o deixara cair, certamente. Parei um instante. Detive-me considerando a extrema delicadeza das suas fibras. Teria de facto sido por distracção que o animal se separara daquela sua parte integrante? Então impôs-se-me a necessidade absoluta de averiguar essa questão. Era preciso saber se o animal de facto andava distraidamente perdendo a sua integridade ou não. Percorri o parque de uma ponta a outra procurando todo e qualquer indício. Procurei até chegar a noite. Quando a noite chegou compreendi.

28

A civilização consiste em aprendermos a fazer naturalmente tudo o que não é natural. É daí que vem a ideia de angelismo porque o animal em nós consente tudo. Só de vez em quando é que sentimos uma estranha melancolia e sacudindo uma mosca dizemos apetecia-me tanto ir para o campo.

29

Quando cheguei a casa o meu porco Rosalina estava a escrever à máquina. Fiquei num grande estado de perplexidade e por isso perguntei o que estás aí a fazer. Sem erguer a cabeça Rosalina apontou com o chispe para o papel convidando-me a ler. A folha estava em branco porque Rosalina tinha

retirado a fita da máquina para a enrolar na sua encaracolada cauda que nesse momento agitava com prazer. Rosalina foi sempre o que me impeliu ao mergulho na metafísica. Por isso sem dizer nada dirigi-me para a cozinha. Abri a gaveta dos talheres. Tirei a grande faca do estojo do trinchante. Acendi o lume e pus a grelha a aquecer. Dirigi-me de novo para o escritório onde Rosalina escrevia à máquina. Cortei-lhe algumas febras do lombo. O suficiente para uma bela refeição. Cortei também um pedaço de fita para enfeitar a travessa.

30

A sabedoria do amor consiste na aprendizagem pelo sofrimento, do prazer nele contido. Estava meditando neste princípio fundamental quando o telefone começou a tocar. Não atendi imediatamente porque nesse mesmo instante senti uma dor aguda na região do simpático. Sem saber, por momentos, se devia atender ao telefone ou à simpatia, resolvi finalmente atender o telefone e levantando o auscultador oiço uma voz aflita que do outro lado me diz é da companhia venham depressa. Tomo nota do endereço. Saio correndo. Entro no carro e dirijo-me para o local indicado. Chegando lá vejo grandes jactos de água saindo pelas janelas. Tento forçar a porta. Quando a porta cede vejo uma enorme massa de água avançando para mim. Na crista da onda uma mulher morta segura um telefone semiafundado. Fecho a porta e regresso a casa inundada pelo delicioso prazer.

31

O que sempre me encantou nos libertinos foi o trabalho imenso, a atenção que sempre o libertino despende em relação às suas vítimas. Sempre simpatizei com o libertino por esse motivo. E a minha compaixão pelo libertino sempre se traduziu positivamente. Uma vez quando estava no outro hemisfério vejo um libertino meu amigo instalado na esquina duma rua seguindo atentamente uma presa. Cumprimenteí-o. Ele correspondeu nervosamente mas como para me cumprimentar desviou um instante os olhos perdeu de vista a cobiçada vítima. Verifico o seu estado de agitação. Sem dizer nada agarro-lhe o braço e levo-o para minha casa. Todo ele tremia. Sem dizer nada sentei-o à mesa. Fui à cozinha buscar um atum congelado que eu tinha guardado desde o século XVIII. O libertino crava os dentes e das guelras do atum escorre um sangue que vai pingar na gravata dele.

32

A amizade é um sentimento de difícil definição. Na prática porém todos concordam que ela se traduz acima de tudo por serviços prestados. Eu tinha um amigo grande melómano que tocava variados instrumentos. Muitas vezes eu ia a casa dele e ficava ouvindo-o tocar piano flauta viola clarinete e até trombone. Um dia eu disse-lhe e de órgão você não gosta e ele disse ah quem me dera. Fiquei calada no dia seguinte dirigi-me a uma loja especializada na venda de instrumentos musicais e comprei um órgão meti-o imediatamente num táxi e fui levá-lo a casa do meu amigo a uma hora em que ele não estava deixei passar uns dias quando telefonei para saber se ele tinha gostado disseram-me

33

Dirijo-me a casa do meu amigo Eros Fonético e bato à porta.
Responde o gato miau-rinhau-nhau.
Digo eu era para pedir a receita dos sonhos.
Responde o gato rauauaummm.
Digo eu sabe é que tenho um epicurista lá em casa e preciso imenso dessa receita vá lá.
Responde o gato miauraum-minhaurau.
Começo a enervar-me. Não me responda dessa maneira ouviu quem julga você que é olhe que eu sou visita cá da casa há muitos anos percebe há muito mais tempo que você.
Responde o gato miau-miaurau.
Estou enervadíssima mas mudo de táctica olhe diga-me ao menos qual é a divisão porque isso ajuda.
Responde o gato rauaum-ron-ronrau.
Como como de manhã para salústio mas é absolutamente abdominável Oh muito obrigado muito obrigado muitius obligatius muchibus thankibus trálálá lará lará.
O gato lambe a pata e lava a cara e interrompe e fica com a ponta da língua de fora.

34

É difícil definir a ginástica. Tanto podemos dizer que é uma condensação como uma assistência prestada a um processo semântico. Já Arquimedes o dizia provavelmente gritando dêem-me um ponto de apoio. Não de facto

essa questão do exercício é difícil para nós cefalópodes. Muitas vezes deito a língua de fora e pergunto diz-me céfalo podes. Este exercício desenvolve no organismo a capacidade de mutação dos pigmentos.

35

Foi num daqueles raros momentos em que me permiti a ousadia de ser poeta na antiga acepção portuguesa estava só e inexplicavelmente melancólica um desses estados emotivos brumosos de fim de tarde lá fora caía uma chuva fina e eu estava deitada olhando as árvores através da vidraça sim era precisamente assim e eu senti aquele impulso que me condiciona de uma maneira inelutável e senti que era o momento de escrever qualquer coísa que eu não sabia bem qualquer coisa que exercia a sua urgência sobre mim ah era poeta liricamente eu estava no estado privilegiado de sintonia e não sei talvez desejasse evocar a antiga lira dizer o que nunca me permiti dizer sabes palavras como saudade é a primeira vez que escrevo esta palavra coisas assim e então eu estava deitada olhando as árvores através da vidraça quando não podendo suportar mais essa pressão que me vinha do corpo todo saltei da cama e fui buscar uma folha de papel e comecei a escrever escrevia a lápis porque não tivera tempo de procurar uma caneta de tal modo era urgente que escrevesse de qualquer maneira como disse caía uma chuva fina e eu olhava as árvores através da vidraça embora já estivesse escrevendo com essa rapidez que me caracteriza sabes como eu sou agitada e depois nesses momentos privilegiados a mão quase não consegue acompanhar o fluir das ideias urgentes sabes como é foi assim que comecei a escrever sobre os joelhos na posição mais incómoda numa folha de papel só numa imagina eu que escrevo sempre tanto e rapidamente comecei a escrever tentando libertar-me dessa pressão exercida sobre mim e que me obrigava a essa urgente escrita porque as emoções são sempre urgentes não imaginas e foi então que pensando na chuva fina que caía lá fora e sentindo-me tão melancólica fui escrevendo rapidamente as palavras que ontem me dissera aquele engenheiro entusiasmado e essas palavras eram que quando se introduz num computador uma ficha errada o computador responde if you put garbage in you get super-garbage out se introduzires lixo dentro recolhes superlixo fora

36

Béribú era um contente. passeava pela cidade fazia a barba de manhã e cortava-se sempre, cantava e dava o seu beliscão ocasional nas superfícies

cilíndricas que. se lhe deparassem adorava as estruturas. as tramas. afiava as unhas. nos tapetes e coçava as costas nas esquinas. das portas e usava o casaco um pouco sobre o largo por causa da liberdade. dos movimentos peristálticos sofria. um pouco de flatulência como nascera numa época em que os ministérios das saúdes ainda não preocupavam. as paternidades não fora operado. à garganta e anexos e por isso suas adenóides haviam crescido e tinha os dentes todos de fora. mascava. cuspia. de vez em quando um cuspo colorido original como também fumava e expelia o delicado fumo pelas narinas aí os pêlos haviam crescido. enormemente como protecção está claro e haviam. crescido impregnados de nicotina que escorria ocasional pelas volutas dos pêlos. da venta e pingava graciosamente sobre o bigode e às vezes. escorria pelo queixo e dos seus olhos exorbitados coléricos e venados caíam por vezes grossas lágrimas carregadas de subtis matérias que nunca eram simples água ah isso. nunca tinha uma ligeira deficiência auditiva e por isso. palitava os ouvidos ocasionalmente e retirava das encantadoras circunvoluções do pavilhão substâncias condensadas e alegremente coloridas que ele lambia e depois. engolia. deliciado nesses momentos dava grandes palmadas nas coxas e dizia À. Béribú era um contente às vezes tinha. umas curiosas acelerações em virtude de ser. acometido de acessos de energia e então corria pela cidade cheio. de comichão e quando. não encontrava rapidamente uma porta aberta batia com a encaracolada cabeça nas paredes e dizia Ú. tinha uma extraordinária. necessidade de expressão um dia. quando estava sofrendo. um desses acessos de aceleração e procurava. desesperadamente uma porta aberta para satisfazer. seus imperativos urticantes encontrou-a. era uma porta admirável grande jovem coberta de úteis saliências e girando. admiravelmente sobre os gonzos Béribú precipitou-se mas no momento preciso em que ia adossar o seu. cuidado lombo. a porta fechou-se Béribú. ficou um instante perplexo mas rapidamente. compreendeu. fitou a porta insistentemente e escorrendo do nariz e escorrendo dos olhos e palitando o ouvido e dizendo À e Ú investiu contra a porta a porta cedeu caiu-lhe em cima e esmagou-lhe o crânio Béribú ficou muito zangado

37

Ele estava morto. Sentado na cadeira no meio do quarto não respirava. Era o pôr do sol mas ele não sabia. Ele estava sentado no meio do quarto e não havia uma só janela. Nem sequer uma porta.

Ele estava morto. Sentado na cadeira fora violentamente assassinado. A impassibilidade do seu rosto era uma indicação segura. Não havia dúvida.

Os vestígios da luta eram evidentes na total ausência de mobília partida e de gavetas em desordem. Não havia uma única peça de mobília no quarto além da cadeira onde ele estava sentado.

Ele estava morto. Sentado na cadeira absolutamente imóvel a sua expressão indicava claramente a presença do conflito. Havia uma obscuridade absoluta no quarto. Seus olhos estavam abertos talvez ligeiramente exorbitados no esforço de abarcar a extraordinária complexidade do quarto.

Ele estava morto. Sentado na cadeira no meio do quarto contemplava alternadamente o tecto e o chão e as respectivas paredes que se situavam paralelamente mas a distâncias infinitas. De tal modo que seus olhos estavam começando a ficar ligeiramente congestionados pelo esforço que ele fazia para encontrar o ponto de fuga. Um pouco de sangue era visível.

Ele estava morto. Visivelmente a ferida fora mortal. Algumas balas teriam riscado as paredes havia mesmo um certo cheiro a pólvora ou fumo. Um sapato tinha o nó dos atacadores desfeito.

Ele estava morto. Imóvel e intocado estava ali no meio do quarto envolto numa absoluta brancura. Sua morte era evidente. Não respirava. De resto não havia absolutamente ar dentro do quarto e por isso o assassino não usara armas de fogo. A complexidade serena do ambiente sugeria que a vítima fora colhida de surpresa talvez no meio de profunda cogitação o que certamente explicava a obscuridade que se notava no quarto e devído à qual o assassino tivera extraordinária dificuldade em acertar no alvo e evadir-se.

Ele estava morto. Sentado no meio do quarto considerava decerto com alguma perplexidade como pudera o assassino ter-se introduzido no quarto sem que ele o notasse e tendo-o deixado ali morto se evadira tão rapidamente. Era talvez por isso que não respirava.

Ele estava morto. Sentado na cadeira estava intensamente vestido com o seu fato habitual. Ele sabia que estava morto. Ouvia-se agora ao telefone alterando todos os planos. Tinha mesmo algumas teclas do piano já embrulhadas em papel de jornal. Ele dissera como me sinto extraordinariamente só nesta casa. E precipitara-se para a escada.

Ele estava morto e sabia-o. Era inútil vestir o seu fato habitual e olhar com aquela intensidade que lhe desorbitava os olhos. Precipitara-se para a escada

quando vira o assassino que ficara atrás da porta escutando a conversa pelo telefone. O assassino ficara um pouco trémulo perante aquela vítima tão imóvel. Nervosamente comera até a fruta que estava em cima da mesa. Enquanto passeava pelo quarto observando a mobília e os enfeites. Vira uma caixa de loiça e quando erguera a tampa a caixa caíra-lhe das mãos. O que o impediu de respirar por um tempo considerável considerando que o ruído podia ter revelado à vítima a sua presença no quarto. O assassino precipitara-se para a escada e sentindo-se cansado encontrara aquela cadeira e sentara-se.

Sim ele estava morto e sabia-o. Era visível na rapidez com que o assassino se desfizera do corpo. Na ansiedade que se notava no esvoaçar da cortina presa na vidraça. Na apreensão que se notava na maneira agitada como o morto tentava desviar as atenções para longe da pessoa do assassino que agora ria talvez um pouco excessivamente para o normal.

Todo esse afã o morto o sabia. Conseguira mesmo efectuar uma viagem ao estrangeiro de modo a criar um alibi seguro ao assassino que muitas vezes por certo deixara já de respirar. Era preciso evitar que ele emagrecesse mais e levantasse suspeitas com a sua conduta demasiado nobre. Porque havia os amigos do morto que eram também inimigos do assassino e esse facto podia conduzir a uma pista.

Agora estava sentado na cadeira e louvava a extrema perícia do morto cuja intrepidez e elegância ele sempre admirara. Informara-se bem acerca dos seus hábitos. Seguira-o durante longo tempo até ser capaz de o reconhecer à distância no meio da multidão ou pela maneira de desabotoar o casaco

38

A profissão de porteiro é a mais fascinante porque é a mais inútil: só as portas abertas têm porteiro. Ora as coisas são o que parecem e toda a gente sabe que uma porta que se fecha é uma porta que se abre. Neste paradoxo a única coisa que sempre me fascinou foi que ninguém perguntasse nunca onde é que assenta a dobradiça, a articulação da porta, verdadeira tentação para os espíritos meticulosos. Mas um dia pude verificar que isso às vezes acontece. Ia ele a 110 km à hora quando de repente viu que à sua direita ia eu igualmente a 110 km à hora. Como ele era perito olhou e viu que eu tinha perdido o tampão da gasolina. Começou fazendo sinais e eu,

apercebendo-me da mensagem, respondi com um gesto circular da mão direita, o qual queria dizer que o tampão me tinha sido roubado. Ele ficou entusiasmado e perseguiu-me até eu parar. Quando eu parei e me apeei do carro para tapar o buraco do depósito da gasolina com um jornal, ele ofereceu-me a chave da casa dele. Aí começou a minha perplexidade porque eu não tinha maneira de saber se a porta dele estava fechada ou aberta. Porque se uma porta que se fecha é uma porta que se abre, a porta dele devia estar aberta. E se inversamente uma porta que se abre é uma porta que se fecha, como ia eu resolver o problema, sim, porque abrindo eu a porta iria simplesmente fechá-la. Então perguntei mas a sua porta está fechada ou está aberta ao que ele não soube responder dizendo se ela estivesse aberta para que lhe daria a chave. Então cresceu a minha perplexidade porque se as coisas são o que parecem, a porta dele devia estar fechada e nesse caso estava aberta e então para que queria eu a chave e se a porta estivesse aberta para que queria eu a chave, se uma porta que se abre é uma porta que se fecha e se ele me dava apenas a chave da porta presumivelmente aberta e não a da porta obviamente fechada, então para que queria eu a chave. Então perguntei e tem porteiro e ele disse não não tenho. Então é porque a porta estava fechada, pensei eu rapidamente, nesse caso estava aberta e então ele estava sendo extremamente sádico oferecendo-me um instrumento de tortura dessa natureza porque na verdade era impossível compreender para que usaria ele a chave para abrir uma porta aberta, apesar de eu saber que a perversidade impera. Então eu disse essa chave não serve deve dar-me a outra ao que ele respondeu qual outra não compreendo. Nem eu disse eu porque na verdade ou me dá as chaves todas porque as suas portas estão todas fechadas uma vez que não tem porteiro ou então estão todas abertas e não sei para que me está a dar essa chave. Aí ele abriu a boca e eu vi a boca aberta e pensei está fechada é por isso que não pode dizer nada. Então eu disse porque não arranja um porteiro para a sua boca assim podia tê-la sempre aberta e talvez conseguisse dizer-me alguma coisa. Ele fechou logo a boca e nesse instante ela abriu-se para mim e eu comecei a compreender e agarrando a chave apontei-a ao espaço compreendido entre os olhos dele os quais ele fechou precipitadamente e recuou dizendo o que é que está a fazer ao que eu respondi faz bem fechar os olhos porque então os abre e talvez possa começar a ver melhor. Então ele abriu a boca e abriu os olhos o que resultou numa mudez absoluta porque então fechou-se tudo e eu comecei a compreender muito melhor e retirei a chave de entre as sobrancelhas e agarrando a mão direita dele pus-lhe a chave dentro e fechei-lhe os dedos e ele ficou com a mão fechada e então eu sorri e disse gosto das pessoas que sabem abrir as mãos corajosamente e ele então abriu a mão e a

chave caiu no chão e resvalando no passeio caiu num buraco que estava ali aberto e ele deitou-se no chão e começou a procurar no buraco a ver se descobria a chave e então eu comecei a compreender que as coisas são o que parecem porque se o buraco estivesse fechado não estaria aberto e como estava aberto estava fechado e por isso foi possível cair lá a chave é lógico e se o tampão estivesse no seu devido lugar o depósito teria estado fechado e não aberto e então para que precisava eu de parar o carro para tapá-lo com um jornal e se o não tivesse feito como poderia ele ter-me oferecido a chave da sua porta que não se sabe se estava fechada ou aberta porque agora quando ele chegar a casa terá de resolver esse problema de saber se a porta está fechada ou aberta para resolver o problema da utilidade da chave, a não ser que arranje um porteiro e então para que serviria a chave

39

Tendo a gerência de um grande hotel resolvido mecanizar os seus serviços de limpeza adquire para esse efeito um robot cinzento estreito e funcional. O robot limpa admiravelmente. Despoja as pessoas de tudo o que trazem na mão ou sobre o corpo. Como as pessoas deixam de frequentar o hotel o robot limpa o hotel de toda a mobília e de todos os objectos que nele se encontram acumulados. Quando não restam mais objectos para limpar o robot que se chamava ANONA-UÁ erra pelos corredores raspando as paredes para libertar o hotel de todo o lixo.

# 63 TISANAS
## (N.os 40 a 102)

---

## 1973

40

Estou à beira do rio ao fim da tarde vejo um pouco distante um pescador içar da água um peixe. quando me aproximo o peixe já está no chão contorcendo-se. é branco e cinzento. quando me aproximo mais pára. observo a sua quase imobilidade. afasto-me um pouco. o animal recomeça as convulsões.

41

Sento-me à porta de casa e penso. o céu onde começa? é imediatamente acima do chão? estamos sempre no céu então? do outro lado da minha casa passa o rio. um pescador espera paciente enquanto outro se prepara para regressar. deito-me no chão e mergulho a cara na terra.

42

Estou à beira do rio é de noite estou sentada num degrau da escada cavada na muralha olhando a água passou um barco não muito grande mas rápido pouco depois começam a correr para a muralha grandes ondas muito negras por momentos a escada desaparece.

43

Estou na montanha é meio-dia vejo inúmeras moscas voando e zumbindo à sombra duma rocha de repente surge uma mosca cinco vezes maior que as normais pára mesmo diante de mim fico admirada digo é a maior mosca da minha vida mas penso de que animal será parasita.

44

Estou na montanha é de noite deito-me no chão. olho para cima. as estrelas são tantas que me causam vertigem. sinto-me cair para fora. perturbada vou fechar os olhos. no trajecto do globo vejo o perfil da montanha contra a luminosidade do céu.

45

De cada vez que respiro sei que alternadamente perco e recupero o meu corpo. Depois penso que é na praia-mar da respiração que o meu corpo se forma, nesse intervalo. (Quando as pessoas dormem ou estão no cinema, por exemplo, o ar do recinto como fica alternadamente cheio e vazio de corpos!) Respirar o corpo para fora inspirar o corpo para dentro. Eis como a ginástica é uma forma de vampirismo. Penso nisto quando estou na praia olhando um homem deslizar numa prancha por uma onda fora. De repente desequilibra-se e cai. Tudo o que é profundo se revela à superfície.

46

.ontem eu e a minha irmã resolvemos ir hoje ao cinema quando chegou o momento de nos prepararmos para sair verificámos que o verdadeiro momento já tinha passado.

47

.entra uma mulher com um copo de água numa bandeja aproxima-se do balcão poisa a bandeja ergue o copo olha-o à transparência torna a pô-lo na bandeja retira-se só a inteligência é universal.

48

.ia a atravessar o átrio rapidamente quando senti uma grande tontura para me apoiar estendi a mão para a grande mesa que estava ali quando fechei os olhos a mesa desapareceu.

49

Estou aqui e contemplo o suicídio dos objectos habituais. Na mutilação da própria cadeira em que me sento vejo a morte lenta e saturada que consiste na imolação pela comunicação. Na minha frente desmorona imperceptível uma mesa. Ia falar mas já era tarde. Os vidros estavam todos embaciados.

50

O que caracteriza uma casa por dentro é a interferência da mobília. Entra-se numa casa e é-se logo interpelado por uma cadeira observado por uma mesa redonda medido de alto a baixo por um armário de livros. Que fazer pedir desculpa aos meristemas secundários abdicar dormir no chão encostar a cara mesmo à gravidade? Eis porque eu durmo sempre reclinada no curvo lombo de Rosalina ou não fosse eu grande apreciadora de charcuterie.

51

Às vezes pergunto a mim própria se o condicionamento do homem pelo homem não terá sido uma consequência do facto de a mão ter a configuração de pata. Mas a verdadeira origem da criminalidade não terá surgido a partir do momento em que passou a andar no bolso? Digo isto pensando não haverá outra maneira de atingir o mutismo turbulento. Quando vou a saltar para o chão vejo no tapete três sapos pretos a ladrar. Como é que cheguei a casa tão depressa perguntei a mim própria pensando na melhor maneira de eliminar os sapos.

52

Foi numa dessas manhãs em que uma pessoa acorda preparada para as empresas mais brilhantes e definitivas, um desses raros estados de euforia

que não podem senão conduzir à realização de actos extraordinários. No cúmulo do entusiasmo abro a janela e olho para baixo. Um cão segue pelo passeio. Chamo-o olha para mim pára um instante depois continua pelo passeio fora.

53

Quando ontem regressava a casa vi numa vitrine o meu porco Rosalina com os dentes de fora às riscas azuis e com uma criança sentada no lombo. fiquei muito perplexa. porquê pensei porquê. mas mais tarde concluí: eis a natural solidão animal.

54

Todos somos criadores de alguma coisa ou de alguma maneira mas os grandes criadores como têm sempre mais fome criam e recriam muito mais realidade. Por exemplo eu inventei esta máquina: coloca-se uma bolinha dentro dum circuito. carregando num botão põe-se a bolinha em movimento. colocada na devida posição volta sempre à direita cai no buraco e faz TILT. nesse momento acende-se uma luz e aparece a imagem da bolinha a correr pelo écran fora a voltar à direita e a cair no buraco. Este mecanismo chama-se o suicida.

55

As relações entre os indivíduos são tão pavorosas que a natureza teve de trabalhar longamente para conseguir que atingíssemos na consciência da criminalidade a ciência da convivência. É por isso que mal chego a casa mato logo a primeira mosca que se me depare: Os mortos fazem muita falta.

56

Não existe história alguma que não seja uma descrição mais ou menos completa de qualquer batalha. E como é impossível descrever uma batalha sem interpor os inimigos e o narrador, cada narração resulta numa outra longa batalha igualmente despropositada e vital. Recitais, sacrifícios, evolu-

ções, de tal modo estão associadas as incansáveis lutas animais. Tudo isto eu penso diante duma vitrine onde estão expostos em fantásticas pirâmides os mais coloridos novelos de lã que vi na minha vida. Fascinada entro na loja. A empregada pergunta-me o que deseja. Mas eu penso: eis a cicatriz dum grande sofrimento a que a memória extrai gradualmente o horror.

57

Teoricamente, se a percepção é finita toda a acção é finalmente fútil e devidamente grátis. Isto é verdade. Quem não reivindica sempre o seu direito ao repouso. Por exemplo agora estou de pé e à minha direita e à minha esquerda estão três cães com fitas brancas ao pescoço. Que quererá isto dizer penso. Os cães cumprem com perfeito conhecimento o solene ritual da espera, dizem-me. Que mais posso desejar. O significado é o que ficou do sinal.

58

Muitas vezes quando passeio à noite pela cidade me interrogo: o que é a solicitação pura e simples? Olho o chão e vejo um pedaço de vidro a brilhar ao mesmo tempo que pela rua abaixo voa um grande pedaço de jornal e a um canto um caixote do lixo ultrapassa em archimboldo tudo o que há de involuntário nos gestos habituais. Estou considerando tudo isto e reflectindo quando passa por mim um cão. Lança-me um olhar rápido. Tem os olhos raiados de vermelho. Então eu penso quanto em cada acto há de fantástica abstracção.

59

A caminho de casa passo em frente dum restaurante modesto. à porta estava um cesto de caracóis com uma rede por cima. como a rede estava rota nalguns pontos alguns caracóis tinham já atravessado o arame que prendia a rede. os que conseguiam passar desciam pelo cesto fora até ao passeio. depois tentavam atravessar a rua.

60

A caminho de casa vou pensando: só bem recentemente começamos a apercebermo-nos da extensão da vasta ruína em que vivemos, ruína muito mais vasta do que qualquer pré-história e cujo propósito é ainda inexplicável pois o crescimento prolífero das ruínas constantemente põe o problema do detrito contínuo. Pensando nisto chego a casa. entro. quando os meus olhos se habituam à escuridão vejo bastante nitidamente diante de mim um espectro. surpreendo-o ainda com forma. agarro-o mas ele foge-me como se fosse espremido. vou imediatamente contar o sucedido às minhas irmãs. mostro a face esquerda onde o espectro deixou tatuada uma imagem que representa umas palavras escritas nas costas da minha mão. não consigo decifrar. tenho medo dizem elas.

61

Se a vida é como tantos dizem insuportável porque se farão tantos e tão absurdos esforços para a prolongar, pensava eu dirigindo-me para o talho. Entrando no estabelecimento vejo à minha esquerda uma vitela inteira, viva e de pé mas sem pele nenhuma, com os músculos vermelhos e as inserções dos músculos e dos tendões perfeitamente azuis. Que maneira de conservar a carne fresca penso eu olhando a vitela. Voltando o rosto para o carniceiro que cortava nesse momento alguns bifes vejo que também ele não tem pele alguma sobre a sua própria carne e que os seus músculos, como os da vitela, são intensamente vermelhos e as inserções dos músculos perfeitamente azuis. Mais tarde contei tudo isto aos meus amigos mas eles disseram isso não poder ser.

62

Onde estará o eixo da disjunção perguntava eu olhando alguns mortos deitados na vitrine. Esses mortos estavam bloqueados como crianças adormecidas espiadas por velhos gulosos e então lembrei-me de ter lido que as palavras estão pervertidas porque são cúmplices da infelicidade dos homens e só pode haver liberdade na transgressão. Regressando a casa vejo um grupo de velhos atletas desmobilizados dormindo como uvas em cacho. Estavam cobertos de geada. Então pensei: o frio da noite é uma espécie de míldio símio.

63

O papa-sombras é um animal informe, certamente devido ao facto de viver sempre na maior obscuridade. A necessidade pode assumir tais formas. Por exemplo: quando uma vez um dragão lutou com um elefante e o venceu o elefante caindo-lhe em cima matou-o com o seu peso. Muitas vezes penso nisto quando chego a casa e abro a porta pois antes de entrar tenho de esperar que rolem pelas escadas abaixo todas as incontáveis esferas que nela se acumulam durante a minha ausência e se precipitam para a rua com estrépito. Enquanto espero às vezes também penso na necessidade da vertigem pelo vómito.

64

Duas libélulas estão à beira dum regato e moribundas. dizem dois sapos será da água. as libélulas morrem. os sapos vão para o regato. pouco depois estão moribundos. pergunto será da água. os sapos morrem. enterro os sapos. depois lavo as mãos no regato.

65

Era uma vez uma camarinha que queria ser cabeça de fósforo. Para quê perguntou uma grainha de uva.

66

Era uma vez uma ervilha que queria ser maçã. Quando se sentava à porta de casa via no outro lado da rua um restaurante onde os clientes com grandes guardanapos enxotavam grandes moscas.

67

Era uma vez um pomar e passavam por ali muitas lagartas que muitas vezes comentavam à saída dos seus respectivos pomos como todos aqueles que estão completamente absorvidos pelas suas tarefas até as gargalhadas se desequilibravam em seus respectivos galhos.

68

Era uma vez uma serpente infinita. como era infinita não havia maneira de se saber onde estava a sua cabeça. de cada vez que se lhe tirava uma vértebra não fazia falta nenhuma. podia-se mesmo parti-la deslocá-la emendá-la. ficava sempre infinita. quem quisesse levar-lhe um bocado para casa podia pô-lo na parede e contemplar um fragmento da serpente infinita.

69

.a história é infinita. podemos interceptá-la em qualquer ponto. era uma vez uma cidade onde os habitantes sabiam tanto do sofrimento humano que quando acordavam deitavam-se logo.

70

Era uma vez um relógio anacrónico. Quando batia as horas estas rolavam pela sala e depois transformavam-se em lindas maçãs de prata que se penduravam do tecto. De cada vez que uma nova hora rolava pela sala as outras já de prata sorriam pendentes do tecto de modo que naquela sala havia sempre uma espécie de som de riso de prata e quando o relógio dava uma volta completa no quadrante as horas já de prata deixavam-se cair e então o som era mesmo de grandes gargalhadas de prata.

71

Era uma vez duas entidades que jogavam uma espécie de xadrez com a luz apagada embora não fosse de dia. Era um jogo tão completo que nenhum dos participantes tinha as pedras de modo que o jogo consistia na descoberta tacteante das peças que o constituíam.

72

Era uma vez uma ausência que andava em missão de viagem. Quando chegava a uma encruzilhada dava três voltas sobre si própria para perder por completo a noção do caminho por onde viera atingindo assim com regularidade as regiões efémeras do esquecimento. Depois regressava a casa.

73

Era uma vez uma cidade onde os habitantes depois de emagrecerem muito se tinham transformado em puros triângulos. Nos jardins em vez de árvores havia grandes buracos redondos onde se enterravam grandes parafusos mortos.

74

Era uma vez uma cidade realmente grande onde tinha sido instaurada a dignidade do suicídio. Em clínicas especializadas dispositivos de prata distribuíam cápsulas transparentes que os candidatos tomavam para depois de embalados atingirem o passamento aventurado. Essas cápsulas chamavam-se obliviantes e nelas desapareciam os obliviados a quem todos se referiam com reverência. Mas era preciso merecer a morte obliviosa pois nem todos tinham o direito de morrer.

75

Era uma vez uma idade. Sentada à porta de casa apascentava os seus mortos. Quando eles se aproximavam demasiado separava-os com uma varinha. Sim porque o peso dos mortos para onde vai perguntava a idade. E nesses momentos envelhecia. Recolhia a casa e os mortos deitavam-se debaixo das árvores. Quando os ramos estremeciam os mortos perguntavam a idade para onde irá. E erguiam-se de sob as árvores.

76

Era uma vez um melro de oiro mas pintado de preto. Do seu bico jorrava uma fonte em que se banhavam as grandes cadeiras de sessenta. Quando as filhas das cadeiras cresceram mandaram plantar árvores onde colocaram águias de prata de cujas axilas saíam cabeças de chumbo. Desde esse dia nunca mais pintaram o melro de preto.

77

Era uma vez uma cidade onde os habitantes tinham grandes antenas. Todas as manhãs saíam com os seus animais mecânicos os quais todo o dia masti-

gavam o fumo. À noite produziam uma espécie de linfa utilizada pelos habitantes para tomarem banho e aprenderem a cuspir geometricamente.

78

Era uma vez um povo que de tanto caiar a soleira da porta se tornara introspectivo ao ponto de a cabeça lhe entrar pelo peito dentro. A cal grassava pelas ruas e às vezes por sobre os telhados chegando mesmo a cobrir certas torres pintadas de azul. Aí a criminalidade atingia tal grau que se tiravam mesmo algumas fotografias.

79

Era uma vez uma língua que quando alguém a falava as palavras saíam da boca redondas como pequenas bolas de ping-pong. O povo que falava essa língua adorava um deus que era representado em forma de bola de ping-pong duma matéria preciosa. As homenagens a esse deus eram prestadas em forma coral de modo que os fiéis abrindo a boca a intervalos irregulares e bem estudados lançavam para o espaço o que parecia quantidades infinitas de pequenas bolas de ping-pong. As manifestações individuais eram proibidas. Aos transgressores colocava-se-lhes na boca uma rede elástica.

80

Era uma vez uma história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequeninas gotas redondas de sangue.

81

Era uma vez um esparguete em sangue. Todos os dias à uma hora da tarde chegavam os funcionários e comiam silenciosamente lendo o jornal. O esparguete escorria pelos cantos da boca fugia pelos dentes do garfo. Terminada a refeição os funcionários recolhiam aos ministérios. O esparguete que sobrava ficava para o dia seguinte. Se por acaso não sobrasse no dia seguinte fazia-se novo esparguete.

82

Era uma vez uma escada mole. Todos gostavam de subir por ela porque não cansava nada. Quando apareceu esse modelo no mercado foi um sucesso estrondoso porque toda a gente quis comprar para ter em casa. Só muito mais tarde as gerações seguintes compreenderam a repulsiva maldade da escada mole. Então conceberam e executaram a escada elástica que não só não cansava nada como devolvia os que subiam instantaneamente ao nível da partida. Enquanto que da escada mole ninguém conseguia descer a não ser caindo.

83

Era uma vez um mono-asa. Como era mono-asa só podia voar numa direcção. Mas a generosa natureza tinha tomado as suas providências e assim ao mono--asa não importava nada saber para onde ia ou donde vinha. Por isso a sua asa tinha o aspecto duma barbatana e a maior parte das vezes servia-lhe de leque.

84

Era uma vez uma criatura que de cada vez que falava as palavras não desapareciam. Caminhavam mesmo à sua frente ou então ficavam ali e não desapareciam. Quando ela voltava a casa as palavras estavam lá. À porta de casa das outras criaturas todos os dias de manhã as palavras usadas enchiam os caixotes até cima e algumas caíam mesmo para o chão mas em casa daquela criatura as palavras não morriam. Enchiam toda a casa e até o ar tinha palavras inteiras. Então um dia a criatura compreendeu que a sinceridade é que é fácil e quando alguém diz que gostaria de se retirar para dentro duma laranja para dormir na verdade um bago de uva seria suficiente.

85

Era uma vez uma ocasião em que todos estavam à espera. Sentados à porta de casa passavam às vezes pelas portas olhando de dentro ou para dentro debatendo-se na impossibilidade de saber se a porta dava realmente acesso ou o impedia. Essas criaturas chamavam-se Antes e viviam no delírio do aparecimento.

86

Era uma vez um mar de esparguete em que as praias eram de arroz-doce. Nos dias de tempestade erguiam-se dele grandes emaranhados de minhocas zangadas que desmoronavam na praia com um ruído de vómito. Quando o tempo estava bom vinham os banhistas trazendo grandes frascos de canela. Então as ondas ofereciam o lombo deixando pender as línguas. Quando os banhistas se retiravam ficava tudo parecido.

87

Era uma vez uma paisagem onde nunca havia nuvens. Para chover era preciso lavar o horizonte com penas.

88

Era uma vez uma habitação em que todas as paredes eram portas. Os visitantes vinham de longe para percorrê-la porque, dizia-se, quem entrasse nela podia ver finalmente o prodígio rápido, não o prodígio lento de todos os dias de que só nos apercebemos no momento da morte. Os visitantes eram levados cegamente de porta em porta através da maior escuridão. Terminada a visita alguns concluíam só o desnecessário dura excessivamente. Mas um dia um visitante exclamou como tudo é parecido.

89

Era uma vez um lenhador que estava na floresta a cortar uma árvore. Passa outro lenhador que pergunta queres ajuda. E ele respondeu sim.

90

Era uma vez um esparguete azul-turquesa. Quando estava ainda a ser cozinhado tinha o aspecto normal do esparguete azul-turquesa mas uma vez no prato arrefecia rapidamente e então só as profundas galerias do esparguete eram percorridas pelo frémito dos aromas vivos. Depois de engolido o esparguete explodia e as entranhas de quem o comia ficavam todas ocas. Esse prato chamava-se a conserva essencial.

91

Era uma vez um país em que os habitantes tinham tais mãos que quando algum viajante cumprimentava um nativo os dedos deste dissolviam-se-lhe nas mãos. Ou então ficavam agarrados de tal modo que nada conseguia desprendê-los a não ser que o viajante mergulhasse as mãos em azeite a ferver. Nessa altura os dedos do viajante caíam também e via-se que flutuavam no azeite fervente como se fossem batatas fritas em palitos. O viajante regressava ao seu país com o profundo conhecimento que se adquire através das grandes viagens.

92

Era uma vez um regato de cristais de gesso. Os peixes eram todos verde-escuro e os pescadores desanimados regressavam a casa lamentando as agruras do clima que não permitia que nem um só deles pudesse usar patins de aço.

93

Era uma vez uma ilha dos náufragos. Os náufragos chegavam cansados, rejeitados pelas águas. Quando finalmente atingiam a terra, naufragavam nela. Contra esta ilha as águas do mar eram duma solidez incrível.

94

Era uma vez uma ilha onde se perdia o tempo. Os habitantes começavam todos por chegar de alguma parte. Instalavam-se, casa, horta, pomar. Mas aos poucos iam perdendo os dias da semana, uma quarta-feira, uma sexta-feira, algumas tardes, muitas noites frias. A horta crescia e decrescia mas de parte nenhuma para parte nenhuma e a certa extraordinária altura quando alguém comia por exemplo uma salada de tomate perguntava já o que é isto.

95

Era uma vez umas grandes lagartas pretas. Lustrosas. Quando alguém as via por acaso atravessando a estrada e movido pela curiosidade as espicaçava

com um pauzinho, erguiam os anéis das ancas e sentavam-se. Nesse momento surgiam alguns zangãos espanhóis. Então as ervilhas estalavam as cascas e começavam a rir às gargalhadas.

96

Actualmente já existe um país em que os habitantes são tão instruídos que todos os dias comem um pouco das suas próprias orelhas. Ao pequeno almoço comem as unhas em conserva e alguns fragmentos da pele dos joelhos dos seus antepassados. Outros pedaços maiores são comidos ao almoço. A sobremesa, principalmente destinada às grandes massas, consiste sempre na distribuição da própria língua congelada. Este país é ainda pouco conhecido dos próprios habitantes.

97

Era uma vez um país onde a morte produzia um som igual ao do vidro que se parte. O céu parecia de papel de embrulho mas os animais eram todos de vidro, especialmente os insectos. Havia mesmo uma grande árvore totalmente habitada por uma espécie de libélulas de vidro azul-escuro. Quando algum animal morria o chão ficava todo cheio de vidros partidos, o que na época dos grandes desastres tornava os caminhos realmente intransitáveis. Os caçadores percorriam os montes munidos de orelhas de prata.

98

Era uma vez uma ilha de vidro onde tudo se tornava transparente. Os navegadores experientes evitavam essa ilha perigosa mas os inexperientes, quando a viam pela primeira vez, exclamavam olha olha. Outros não diziam nada.

99

Era uma vez uma cidade predestinada. Na época dos grandes acontecimentos caía sobre ela uma chuva de cabelos de vidro que se desprendiam das nuvens transformadas em grandes novelos de vidro. Os cabelos caíam sobre os habitantes estrangulando-os, dilacerando-os, submergindo-os em enormes ondas

de vidro. Por fim a paisagem surgia como uma espécie de grande tecido de vidro. As gerações seguintes celebravam religiosamente a memória do tempo das chuvas de vidro. Durante os banquetes rituais, no meio de grande clamor, os eleitos ingeriam grandes quantidades de esparguete de vidro. Depois eram pendurados em grandes árvores e os habitantes munidos de martelos de chumbo percutiam um por um os corpos dos eleitos, até que por fim o vidro emergia. Terminadas as festas os habitantes regressavam às suas oficinas onde se fabricava o melhor vidro do continente.

100

Era uma vez uma casa muito velha. Nos dias de calor só conseguia respirar deitando todas as línguas pelas janelas. Essas línguas eram azuis e pendiam exaustas, sem a vivacidade dos cães. À noite o arquitecto regressava e enrolava as línguas todas uma por uma falando com elas amorosamente. Quando ele se retirava as línguas choravam um pouco e pulsavam como searas de corações ardendo.

101

Era uma vez. O escorpião e a rã, o bicho-de-conta e o dever hospital encontraram-se à beira-rio. O escorpião estava à espera quando a rã ladrava e o bicho-de-conta ia para casa. O dever hospital então ficou à espera. Passou o tempo. O dever hospital perguntava porquê porquê. O escorpião dizia é a minha natureza. Enquanto a rã pensava. O bicho-de-conta foi para o quintal. Sentou-se debaixo da figueira. Olhou para cima e viu a árvore carregada de grandes figos pretos. Então começou a chorar.

102

Era uma vez um homem. Sentado à beira do rio pescava. Era a primeira vez. A certa altura um peixe ficou preso no anzol. O homem içou-o da água. Era um pequeno peixe cinzento, prateado. Contorcia-se. Então o pescador disse: perdoa-me perdoa-me. E chorando arrancou-lhe a cabeça com os dentes.

# 73 TISANAS (INÉDITAS)
# (N.os 103 a 176)

103

Sento-me e escrevo. É a minha tisana matinal. Penso no acto de escrever. O real é uma retrospectiva: registar recolher nomear esquecer. A mão obedece é uma bobine de seis pontas quando escreve. Esse é o mundo natural do escritor.

104

Caminho pelas ruas a cidade está forrada a papel. Natureza ou rotativa. A produção: trabalha labora labuta luta. Em casa oiço todos os dias um canário que canta no apartamento ao lado. Eu escrevo isto.

105

O amplexo da fala a alucinação do contacto que a letra escrita assume. Crença primária na eficácia do símbolo eis o que nos leva da impaciente antecipação ao espasmo do salto. Por isso as cartas de amor são incríveis.

106

Os românticos diziam que a morte é o desaparecimento do outro porque na verdade como é que eu posso conhecer o desaparecimento de mim. Penso nisto e olho para o telefone. Penso em ti. O que é que não se tornou um lugar comum.

107

Estamos à beira do rio é de noite passa um barco tem uma luz vermelha e uma branca. Pergunto-te diante deste barco que passa diz-me tens alguma oposição a mim. Tu dizes não. Ficamos em silêncio. Depois voltamos as costas ao rio. Caminhamos na direcção da gare marítima. Estavam ali contentores belíssimos. Então disseste que palavra tão ambígua usaste.

108

Chegamos à janela. Vemos o perfil nítido da montanha. Passa um avião ao longe. Digo-te olha parece um cometa de aço. Os pássaros voavam em diagonal em elipse em parábola numa destreza espontânea errática. Deitámos migalhas de pão na varanda mas eles nunca vieram comê-las.

109

Estamos no cimo da montanha. É meio-dia. Caminhamos na direcção dumas rochas para as subirmos e depois de deitados no ponto mais alto olharmos até sentirmos que poderíamos cair para fóra. Olhamos fixamente a vertigem cresce. Por fim erguemo-nos. No regresso um avião sobrevoa-nos. Contemplo o seu rasto. Depois digo-te olha parecem dois fios de lã branca.

110

Estamos na montanha. Passam inúmeros aviões ao longo do dia. Enchem o céu de riscos brancos. Lembro-me de há muitos anos uma velha criada que via pela primeira vez o rasto dum avião a jacto vir a correr ter comigo gritando menina venha depressa que o céu está a estalar. Digo-te isto.

111

Estamos na montanha. É de manhã. Vai chover. As nuvens correm. No fundo da ravina corre um regato azul turquesa. Caminhamos em silêncio. Penso tudo o que nos rodeia é-nos realmente estranho a nossa integração na natureza é realmente um processo mental. De repente: na terra do caminho está escrito em letras enormes: LOVE ME

112

É de noite. Deito-me no chão e penso no meu corpo. Estou no meu corpo a seu lado. Estou do seu lado. Interrogo que queres. Querer é a lei da boca.

113

Estás de visita meu corpo se agita o que é belo me agride. Uma chuva de dardos reconstrói o mistério que conduz ao êxtase. Nos amantes há sempre esse decisivo terror.

114

Estou na arcada da velha praça é quase noite. O tráfego está no auge. Estou perto do café que Fernando Pessoa frequentava. Olho o céu e digo parece de papel pardo. Encosto-me a uma das colunas. Penso e repenso o suicídio diário. Estou triste. Não posso amar senão em liberdade.

115

Caminhamos ao longo do rio. É de noite caminhamos por entre os buracos do pavimento e os destroços do quotidiano alheio. São pilhas enormes de caixotes. Olhamos a lua e não sentimos nada. Está frio. Vamos embora digo. Pensamos no sofrimento alheio. Sentimo-nos impotentes. Ama-se por exclusão.

116

Caminhamos de noite pela cidade. Olhamos os cartazes rasgados repetidos sobrepostos. Falo-te da insignificação da proliferação. Ouves-me eu sei. A minha cabeça inclina-se para a tua que se inclina para a minha deslizando para o ombro. Voltamos para casa. Despontam as primeiras folhas. Olha amor olha dizes-me.

117

Passeamos no monte sobre o mar. É uma encosta que ficou suspensa. No vale milhões de flores amarelas como os narcisos de Wordsworth. É um espectáculo sufocante. Corremos para lá. Já quase dentro vemos um letreiro que nos adverte que se trata dum campo de exercícios miltares onde pode ainda haver minas por explodir. Apesar de tudo colhi algumas flores e à noite fiz com elas uma tisana para o meu cabelo.

118

Estou na praia. É um dia excepcionalmente quente. De repente um golpe de vento arranca-me o chapéu de palha erguendo-o tão alto que parecia um papagaio lançado de cima dum monte. Corro pela areia tentando apanhá-lo mas ele vai velocíssimo. Continuo a correr. A areia queima-me os pés saltam-me lágrimas dos olhos. Não posso correr mais. Não consigo continuar nem regressar. Sinto-me desesperada. Caio no chão. Vou ficar aqui morrer queimada. Depois claro o chapéu poisou simplesmente a meu lado.

119

Estou num hotel de província. Acordo cedo levanto-me vou à janela que tinha ficado entreaberta durante a noite e abro-a de par em par. O céu está coalhado de pássaros que volteiam numa profusão incrível. De repente mesmo diante de mim passa um grupo em esquadrilha velocíssimo aos gritos depois outro em curva perigosa gozando o prazer da perícia. São andorinhas. Olho fixamente a nesga do céu onde surgem e desaparecem. Escrevo isto depois sentada em casa. Um moscardo bate na vidraça. Parece um pedaço de minério.

120

A memória é essa claridade fictícia das sobreposições que se anulam. O significado é essa espécie de mapa das interpretações que se cruzam como cicatrizes de sucessivas pancadas. Os nossos sentimentos. A intensidade do sentir é intolerável. Do sentir ao sentido do sentido ao significado: o que resta é impacto que substitui impacto — eis a invenção.

121

O mistério supremo é a claridade. Não é a bruma é a limpidês o que se prolonga infinitamente igual com o ar. Tudo estar aí claramente como o céu ou o espaço. Cair infinitamente é o terror que inspira o espaço o ele ser vazio. Sentirmo-nos despenhar no ar. Tudo ser como o ar como estar no ar. Eis porque todos procuram angustiadamente a relação

122

A quadratura das averiguações do eu: eis um afadigamento jubilatório em que a letra no momento do salto é uma abertura de possibilidades. O termo encontrado porém reconduz à inanidade da imagem. Senão vejamos uma verdadeira carta de amor o que diz

123

As palavras são a espécie de escada por onde sobe o escritor esse alpinista qual Jacob. O relato do escritor vai contando a sua aspiração das línguas que se revelam ser de fogo por ele ateado mas no qual é destilado exalado na sua aspiração. As palavras ardem-lhe na língua quando vê na boca dos outros a corrupção

124

Há pessoas a quem certas palavras dos outros lhe fazem morrer as próprias na garganta. Não podendo falar sentam-se do lado de cá do mar e olham a outra margem não podendo lá estar embora pudessem. Eis como os possessos de realidades violentas não podem sentar-se à mesa e discorrer simplesmente o que já seria imenso e excepcional.

125

A pedagógica monotonia é o que permite distinguir as imperfeições da imperfeição. Condensados histéricas gelatinas — a sobremesa e o real são melhores quando arrefecidos. Por isso os artistas são grandes apaixonados da frieza.

126

O autor e o leitor: estamos no limiar do prazer. Um de cada lado como anfitriões esperando tensos. Vivemos a problemática do segredo — se for divulgado deixa de existir se não for torna-se um horrível tormento. Alguns mestres dizem que o próprio do prazer é não poder ser dito.

127

A ideia de liberdade pode tornar-se uma espécie de deformação profissional: veja-se o exemplo no tema dos polícias e ladrões (leia-se culpabilidade vs. autoridade). Realmente a felicidade é uma invenção dos desesperados.

128

A verdadeira criminalidade tem origem na ideia de isolamento fruto da nossa concepção do espaço: como gritamos muito e todos ao mesmo tempo já não nos podemos ouvir uns aos outros e então puxamos das navalhas e como também já não nos vemos porque estamos nessa condição de ilhas cujo horizonte respectivo de tão próximo já não se descortina aí lançam-se barcos ao mar e como todos o fazem os naufrágios por sobreposse e pavimentação das águas são enormes

129

Todos sabemos por exemplo que quando se abrem as portas da prisão o prisioneiro treme de medo. Se as portas se abrem porque as paredes ruiram o prisioneiro poderá mesmo tentar refugiar-se entre os escombros da prisão. Tudo isso porque antes de conhecer é preciso descobrir. Eis como a vertigem de não sabermos persiste.

130

Retrato do escritor. Está sentado à máquina. Veste um corpete de alumínio tem luvas. Tem o rosto coberto. O fundo é uma roupagem azul escura onde se projectam dardos vítreos. Há linhas soltas um pouco sangrentas. O chão é de carvão. Como Archimboldo é anagramático.

131

Passeava num grande museu quando se súbito compreendi: sala a sala andar a andar tudo eram enormes folhas dum enorme livro tão grande que era preciso caminhar por ele fóra. Foi então que compreendi que o leitor realiza a aventura de contribuir para que se invente diariamente a responsabilidade da desordem.

132

Um poeta disse: A absurdidade cresce como total flor.
Outro: O dia sobre o vazio de tudo.
Outro: De noite de noite À noite me uni À noite sem limites À Noite!
Outro: Jogo perigoso é o homem...
— Quem não é o maior campeão das próprias ideias? Quando o sofrimento é excessivo o indivíduo renuncia à luta e combate a angústia pela magia.

133

A assiduidade absoluta com que a ignorância persegue os pesquisadores só tem paralelo na insistência com que desconhecidos cães nos atacam quando entramos em qualquer quinta em visita. Devia ser isso o que Gogol queria dizer quando declarava que queria perseguir com o seu riso a eterna mediania (mil vezes pior que cem cães raivosos)

134

O que pode representar perder ou ganhar tempo? Acha que isso é possível? Acha que o tempo pode outra coisa que não seja perder-se?

135

Convém cultivar com coragem a intrepidês na raiz do pensamento: que cada um se coloque diante de si energicamente como diante dum estrangeiro e quando atingir o limite do suportável, o momento em que é preciso tomar uma decisão total, então compreenderá que a situação limite que conduz ao

crime é a insuportabilidade da traição. Dormitam em todo o homem estas faculdades.

136

Um estudante de línguas é sempre um estrangeiro em viagem: procura descobre verifica e é sucessivamente atraiçoado pelo desconhecimento. Os grandes erros que se cometem na vida são erros recorrentes. É mesmo essa repetição o que nos define.

137

Sentado à porta de casa um filólogo meditava sobre a evolução das palavras. Em frente havia um precipício. De tantos em tantos anos caía lá uma palavra. Então o filólogo retirava a rede e colhia a palavra caída. Não sei se isso se devia à extrema dificuldade da recolha se à extrema solidão do seu trabalho.

138

Sentado num degrau da escada estava um sema. O seu aspecto era semelhante ao duma salsicha azul clara. Todos os que o viam achavam estranho e diziam: é metafísico. Ninguém reparava que era azul.

139

Estou no aeroporto. Compro as mais belas histórias da literatura árabe Leio. Comovo-me. Quero chorar acho que choro mesmo. Quero escrever mas não tenho onde. Encontro na carteira um pedaço de Kleenex e então escrevo: os estados da trégua.

140

O amor de que tudo fala é como o que me deixa neste aeroporto onde o meu avião está adiado. Quero a maravilha da sabedoria. Vou pelo mundo como foge pela parede uma barata quando levanto na cama a almofada.

Estremeço. Vou acender um cigarro a caixa de fósforos é marca Olho da Companhia Fiat Lux

141

Estou no aeroporto. Acendo um cigarro. Vem a mulher da limpeza e diz eu que detesto cigarro minha vida é só despejar cinzeiro veja só. Coitada digo eu sacudindo a cinza.

142

Estou no outro hemisfério. Caminho e olho. Nas árvores enormes as folhas são vermelhas. Não são folhas são frutas largas romãs abertas penso eu numa concessão ao léxico tradicional. Penso também estas plantas são animais robustos duras crinas fortes têm suas raízes devem ser enormes. Vou ao hospital fazer uma visita. No corredor uma janela fecha-se com um estrépito imenso. Assusto-me. Então penso que acto de permanente agressão é a natureza.

143

Da janela do automóvel vejo uma espécie de palmeira plana como um leque. Digo sabem o que aconteceu àquela árvore um gigante esqueceu-se dela dentro de um livro. Cortêsmente todos riem.

144

O passado em si é muito forte dizem-me sente-se em si intacta a criança para compreendê-la é preciso Freud Lacan. Penso na minha infância. Quando eu era criança do que eu gostava mais era cerejas.

145

Estou no mundo das baratas. Só no meu lavatório há várias. Dantes tinha medo agora digo xoo xoo suas galinhas dêem lá às patinhas fóra da minha escova de dentes. Obedecem-me. Saiem do lavatório e vão para o toucador.

146

É o Brasil também faz parte da minha vida. Entre o hotel e a cantina da universidade perguntam-me se quero lagarto. Lagarto pergunto interdita. Mas é só carne assada. De facto ser estrangeiro é estar desamparado.

147

Saímos do carro. Vamos ao restaurante. Passa um negro operário em construção. Torto apático automático. São milénios penso e sinto sobre o dorso o peso dos arranha-céus.

148

Olho e apaixono-me um quarto de segundo. Estremeço. Instantaneamente precipito-me para o corredor. Vou buscar um copo de água digo. Quando regressei tudo estava preparado para a instauração do campo formalizador dos paradigmas.

149

Saltamos de palavra em palavra como quem salta de pedra em pedra ao cruzar um ribeiro. Em todo esse processo o que se pretende: não ser arrastado pela corrente ou evitar a contaminação do percurso? e a contaminação da pedra?

150

Revolução revolução oh complicada rotação das velhas formas sob a agência do estímulo novo. Se a coacção existe é preciso combatê-la mas se não existe rapidamente é criada. Na escala dos valores o que não pende depende. Também

151

Ponho sim ponho já que não posso não pôr na sua ausência o sentido. A autonomia da arte é igual à dos fios no tecido — corte aqui corte ali — é o corte que faz o tecido. Doutro modo haveria só novelos.

152

Estou duramente sem ironia. A desconstrução é um labor altamente construído. À lassidão tudo conduz mesmo esse doce extremo do orgulho implícito na obra. Por isso a pergunta importante a fazer não é porque é que somos reprimidos mas sim porque é que nos comprazemos na repressão

153

Assim explode o verso que tomamos como emblema modular escreve o crítico da rosa tetrafoliar. Estou de pijama cansada intoxicada penso na libertas-sub-lege dita sempre requerida. Obedeço obedeço mesmo na transgressão eu obedeço

154

leio:

O código poemático singular digamos que se virtualiza. Digamos que o seu rigor horizontal nos deixa singularmente supinos ou seja singularmente pré-moldados. Digamos que um riquíssimo acervo lexical dificulta a posição horizontal e o empenhado rigor. Será pergunto eu deitada no sofá. Ao longe oiço o ruído do trânsito. Vou à janela. Mil luzes transformam a cidade num arraial. É uma feira eléctrica digo.

155

leio:

A linguagem é produção dum corpo finito assediado. O outro o outro que existe no contacto por sua vez existe para dissipar-se. E o silêncio dissipado que se torna inerte conduz o ser vibrante a dissipar-se na morte da mensagem. eis a ponta extrema e fina do significado digo.

156

Entre a teoria e a prática. Entreveem-se algumas complicações: esta última solução que durante muito tempo foi mal acolhida permite-nos dar uma base discreta à distinção de classes mas como a função do epíteto caracteriza

igualmente a sua distinção não pode assim basear-se na sua frequência: meu-deus como difere de facto o emprego desta última função digo.

157

Era uma vez um homem que tinha um cão. Quando passeava no bosque o cão trotava atrás dele. Ouvia-lhe o ruído das patas sobre as folhas o ruído da sua respiração. Um dia o cão morreu. O homem comprou outro cão. Como o anterior o novo cão trotava atrás dele. Ouvia-lhe o ruído das patas sobre as folhas o ruído da sua respiração. E lembrava-se do outro cão. Mas um dia também esse cão morreu. De novo o homem comprou outro cão. Como os anteriores também este trotava atrás dele. Ouvia-lhe o ruído das patas sobre as folhas o ruído da sua respiração. E lembrava-se dos outros cães. Por fim não foi preciso comprar mais nenhum cão. Para onde fosse uma matilha seguia-o. Mais tarde nem era preciso já ir passear para o bosque.

158

Humilhação e holocausto. Vou a caminho da estação. Surge um cão preto relativamente pequeno. Fareja-me olha-me um instante eu olho para ele. Afasta-se atravessa a estrada. Segundos depois é atropelado por um automóvel. Oiço o estrondo fantástico da cabeça do cão batendo no pára-choques do carro.

159

Venho da estação. Numa esquina cruzo-me com um cão amarelo grande. Olha para mim e vai atravessar a rua quando vem um carro. Desvia-se a tempo e nesse instante preciso os nossos olhos cruzam-se. Nesse instante estabelece-se entre nós um entendimento profundo é um laço fraternal penso. Sem mais nenhuma outra manifestação acompanha-me até eu chegar a casa.

160

Sentada no parque vejo voar no ar um mar de pólen. Grãos de amor e ovo penso enquanto olho os cães que rebolam na relva. Os pássaros cantam

furiosamente — gargalhadas ameaças assobios — ruído de fundo sobre um trabalho doméstico penso

161

A mulher é logo em criança educada para a prolongada tarefa da alimentação do homem. Adulta diz o resto da vida com ternura de ferro: come meu esposo come meu filho (Quando a minha filha era pequena eu dava-lhe de comer à colher. Como ela detestava sopa cuspia-a sobre a minha cara. A sopa acabava escorrendo pelo meu vestido. Mas um dia passei a dar-lhe de comer de gabardine).

162

A impossível travessia da ilusão é uma espécie de resíduo cadente o que fica desse lugar de conjectura que é o sujeito. Pai-mãe-eu são meros pontos de partida para a invenção do raciocínio diz a moderna ciência. Portanto: evitemos as precisões inúteis: ser é ser retratado. Diz-se.

163

Era uma vez um caramujo que vivia feliz em cima duma panela de água a ferver. Quando apagavam o lume passava a sofrer de insónias

164

Era uma vez uma criatura que de cada vez que aparecia vinha sempre seguida de cinco éles (LLLLL). De cada vez que a criatura por exemplo baixava a cabeça os éles inclinavam-se para diante e para trás produzindo um curioso som metálico. Um dia aquela criatura conheceu um sábio que lhe disse corre corre corre a corrente da vida vai mais longe morre morre morre a morte chega a todos. A criatura ficou sem saber.

165

Há uma ascese que tem sido praticada por ter sido geralmente interpretada como uma forma particularizada de privação miraculante cilícios e torturas

várias substituindo geralmente a libertação que qualquer obstáculo interior impede. Mas o que realmente essa paixão aliada à paciência duma auto-execução exaustiva quer dizer é: odeio-te odeio-te

166

Numa república ideal cujo projecto ainda está a ser elaborado sabe-se porém desde já que da sua constituição consta como um dos pontos fulcrais o racionamento da enunciação. Por exemplo cada cidadão só poderá falar ler escrever ou ouvir algumas palavras por dia. Os que controlam o comportamento dos cidadãos chamam-se Operadores do Efeito de Verdade.

167

Numa república ideal cujo projecto começa a ser agora estudado a questão da humilhação a que está sujeito o indivíduo normal é um dos pontos fulcrais. De facto o cidadão é denominado Habitante da Linguagem tentando-se que a pessoa com ilusão não perdure. Os livros básicos para a formação do cidadão têm a forma de romances familiares em que o fantasma da unidade se perpetua.

168

A implosão da raiva esse escarpado da vez maior a que o crédito social obriga eis o cruzamento que rege o desvio do legendário não-herói quotidiano. Pontapé com os dois pés voltados para a própria cabeça eis o que fazemos ao passar sobre a nossa própria audácia diária.

169

O que é digno e o que é indigno do homem pergunto enquanto caminho pelo corredor. Passo em frente duma janela e vejo a minha sombra projectada na parede. Então penso no logro mimético que representa a vassalidade à lei esse trânsito de acréscimo às reverberações de que se serve o crédito social para não abandonar as suas presas.

170

A fraqueza absoluta é a espécie de ilusão permitida pela simulação do controle de não-agir. Eis como o audacioso se indecifra porque a lei esse signo arrebatado do poder conduz-nos pelo corredor validado pelo crédito social em que se aufere a minuciosa eficácia do recalque.

171

Estamos aqui a domesticar as orelhas para o termo sujeito diz o cientista na abertura da reunião. O efeito psicológico de tal afirmação é imediato: todos fitam o conferencista fixamente. De facto não é pela boca que morre o peixe mas sim pelo excesso de ar.

172

Sento-me à porta de casa e penso: as máquinas mesmo as máquinas do desejo são o que se deixa atravessar pela função. São frias mesmo nas suas explosões mesmo nos seus óleos nos seus combustíveis em chamas. A frieza da máquina é herdada da frieza essencial porque o desejo o que quer é deixar-se atravessar ser canal. É para ser e não mais.

173

A frieza palpitante dos corpos encandesce na minha vida. O mistério das coisas essa frieza do não mistério da função circula no meu corpo em repouso na minha mão que escreve. Maquinalmente vivemos quer dizer para um fim e quando mesmo interrogo a minha máquina é ainda uma função que cumpro é ainda uma função que se cumpre.

174

Era uma vez um engenheiro que acordou no meio da noite. Alguém tentando roubar um automóvel estacionado na rua puzera em funcionamento o alarme contra-gatunos de modo que a buzina tocava interminavelmente no silêncio da noite no calor das roupas da cama o engenheiro ouviu o apêlo da máquina.

175

Europeu é igual a museu penso eu sentada no self-service do Stedelijk. Olho em frente. Surge uma senhora numa cadeira de rodas. Tão elegantemente que eu penso: no futuro para evitar a grosseria das pegadas andaremos todos assim.

176

Estou no aeroporto. Sou um viajante e já cumpri todos os rituais — até comprei um bolo em forma de tamanco. Subindo as escadas para o bar de-repente vejo um grupo de pardais a espanejar-se na terra dum grande vaso. Outros voam por sobre as mesas, procuram comida nos tabuleiros, chilreiam nos candeeiros. Estão perfeitamente adaptados. Quem sabe se um dia as aves migratórias terão de viajar de avião.

# *TEXTOS DISPERSOS ESCRITOS ENTRE 1973 E 1977*

## TACTO — UM SENTIDO

O fundo da tapeçaria é extremamente rugoso. As irregularidades da textura contra as pontas dos dedos definem um trajecto singularmente acidentado. A trama porém é muito regular um sistema de coordenadas em que as mãos das tecedeiras produzem a terceira dimensão. Os fios verticais esticados contra os horizontais causam a irregularidade. Os dedos introduzem a outra irregularidade da sua agitação controlada. Fio após fio a alternativa da passagem quase infinitamente repetida os dedos palpando agarrando empurrando procurando o caminho: tacteando como se diz. As mãos percorrem a geometria do tear como insectos. Que outra coisa são as asas senão os braços distendidos até à função de vela (meus braços remam no vento...) e a pele esse revestimento impermeável sabemos como é maravilhosamente translúcida. Se a pele dos braços fosse distendida até à consistência das asas duma libélula que dimensão atingiria? que cores? que novas sensações? Nesse momento uma carícia seria mais que nunca rapidíssima sensação um abraço seria um envólucro de penas deslizando pelo corpo sentidas de olhos fechados. Uma vez descobri no jardim dum convento um corredor externo plantado de ambos os lados de hidranjas. As plantas tinham crescido com tal exaltação que o espaço entre as duas margens estava quase totalmente ocupado. Quem quisesse passar tinha de forçar caminho contra as folhas enormes. Foi tentando forçar a minha passagem que senti essas folhas em que mergulhava até ao pescoço. As corolas azuis inclinavam-se ligeiramente e só de vez em quando por sobre o meu rosto. Comecei avançando timidamente receando até danificar as plantas. Gradualmente porém o corredor

tinha cerca de quinze metros de comprido comecei a ser envolvida pela textura das folhas. Resistiam contra o meu corpo. Invadiam o meu corpo. Batiam nele e erguiam-se num murmúrio rugoso murmúrio que se tornava ácido e por fim angular. Era uma seda um taffetas rigíssimo. Caminhando ouvia por dentro o contacto das nossas diferentes peles. Era um fluxo de silvos e de rastejos a minha pele estremecia e eu sentia as nervuras das folhas grossos fios na seda dos silvos. A minha pele arrefecia. Fechando os olhos agora era como se as folhas me cobrissem completamente. Nadava já nesse murmúrio de silvas. O sangue fluia apressado sob a pele açoitado. As grandes folhas batiam com palmas geladas. Eu tremia as pernas desfaleciam-me nesse abraço. Um frio um calor desorientado. Um tremor visceral subia-me quase aos lábios. Ia talvez gritar. Mas chegara ao fim do corredor. Exausta deixei-me cair no degrau duma escada. Duma fonte próxima saltavam gotículas minúsculas. Aos poucos começaram me caindo sobre o rosto.

As tecedeiras sentam-se em bancos de madeira. Trabalham ligeiramente curvadas para a frente às vezes conversando às vezes cantando. Os seus cabelos estão presos em nós em tranças em rolos espirais. O valor gráfico dos cabelos só é comparável ao valor táctil da sua textura. Passar a mão pelos cabelos. Os dedos por entre os cabelos. Deixar cair o cabelo sobre o rosto. Pelas costas abaixo. Deixa-me acariciar o teu cabelo. Tenho verdadeira paixão pelos cabelos encaracolados na nuca. Sentir o teu cabelo no meu peito no rosto na boca. Fios finos como cabelos. Penélope tece com fios tirados da memória diariamente inventada. Quando ela se deita esquece. No dia seguinte tem de recomeçar a memória. Tecer imagens com os dedos. Lembrar o mundo acumulando fios. Criar as imagens com a pele. No fundo simétrico e constante tecer a irregularidade das imagens. Quando depois de tecida se considera a imagem contra a pele do corpo sente-se a irregularidade a incerteza a descontinuidade do processo o movimento regular mas as diferenças de ritmo. Nenhum gesto é igual nenhuma sensação é igual. Hoje sinto a tua ternura amanhã a curva do teu ombro depois a dureza do teu joelho. Quero então conhecer-te como se caminhasse de noite às escuras numa sala desconhecida. Tropeçando mesmo contra os móveis os objectos. Descobrindo a textura duma cadeira a irregularidade dos estofos o escorregadio dos cetins a evasividade das cortinas de nylon. De repente rolar pelo tapete de pele ah mesmo morto o calor animal. Tactear o chão os pés descalços frios inabituados à decifração destes mapas aos poucos começando a perceber onde as tábuas se ligam formando frinchas. O acidente da franja dum tapete. Sentir com o corpo todo. Aperceber um

móvel com o ventre com as coxas sentir a permuta das texturas das temperaturas o frio assustado que percorre as costas. Um objecto que cai e se parte. Caminhar por sobre os estilhaços gritando de dor e de surpresa.

Na oficina de tecelagem há bastante luz. As tecedeiras deviam ser sempre representadas por Vermeer. Nitidês suavidade intimidade familiaridade naturalidade do que se faz todos os dias. Mas tudo isso através dum filtro polaroide deixando ver a profundidade eliminando o reflexo superficial. As tecedeiras usaram quantidades extraordinárias de lã vermelha para executar estas tapeçarias. Quantos rebanhos. Quanto calor animal. Quanto balido quanto grito quanto sangue. Podiam bem ter tingido nele a lã. O calor extremo do animal a soberba concepção gráfica da sua pelagem quer na implantação quer na maneira como o pêlo depois cresce em trémolo em semi-onda em quase espiral. Quando soube isso pela primeira vez compreendi a beleza extraordinária que havia nessas texturas senti algo semelhante à violência do confronto com uma revelação uma emoção explosiva resultando talvez duma gradual acumulação de mil pontos invisíveis até que a pele rasgue e surja a carne o vermelho essencial. Talvez por isso a tapeçaria surja agora semeada de inúmeras pequenas flores representando as aberturas ínfimas e os animais sentados de pé voando olhando para cima para a frente para longe na verdade flutuam numa ilha surpreendida na sua passagem pelo rectângulo do tear. As tecedeiras entrelaçam os fios enquanto lentamente emerge a ilha a pata do unicorne um olho do leão algumas laranjas por entre as folhas.

Produzir um fio. Um grafismo por uma textura. Passam rebanhos sangrentos o pé sobe e desce no pedal a roda gira os dedos torcem vertiginosos a lã corta a pele. Traz nas células a aspereza dos cardos da urtiga do dente da língua. A lã morde nos dedos da tecedeira. Última reacção do animal. As tecedeiras são agora pastoras de fios. Grandes rebanhos de linhas avançam pelo tear. As tecedeiras cantam seus dedos correm pelos campos das coordenadas da trama. É tão acidentado como os montes. Tudo vasto mutável regular. Houve aquele tecedor persa que viveu encerrado na sua oficina durante todo tempo necessário para executar a sua tapeçaria. Como isso durasse a maior parte do que ele considerou ser a sua vida uma vez a tapeçaria terminada deixou-se cair no chão e morreu. Conduzido a bom termo o seu rebanho não se deita o pastor com as ovelhas? Não vive ele do seu leite e até da sua carne? O contacto é a arte essencial da sobrevivência. Ah já perdi o

contacto com ele! Ele disse isso? Que falta de tacto! Esse tecido tem um toque tão agradável... A virtude dela permanecia intacta. No fundo todos tememos a situação de intocáveis. Toca mais! É mais tocante. Ele tocava piano lindamente. A raposa entra na toca. Fareja primeiro: palpa com o faro. Avança devagar as suas patas palpam o terreno. A neve dificulta a percepção do rasto. Não é só a neve é o frio da neve. O frio que se sente na neve. Um arrepio percorre a pele do animal. O seu pêlo fulvo eriça-se. Dentro da pele o frio toca a extrema sensibilidade. Toca com extrema sensibilidade. Os canais dos pêlos são como tubos de órgão. O frio agita a pele os pêlos erguem-se tocam-se. É uma floresta de pequeníssimos cilindros. A raposa avança para a toca. Deixa no chão a marca das suas pegadas a sua impressão digital o desenho da sua pele endurecida pelo contacto. Avança e completa o desenho da sua passagem pela neve. As tecedeiras têm os dedos frios. A lã é um fibra relativamente morta. Três luas surgem aos poucos no escudo do leão. Três quartos crescentes. O tempo também é uma percepção graficamente representável. Filmagem e projecção. Um fio atravessando o rectângulo do écran. O voyeurismo da percepção das imagens. As tecedeiras trabalham bastante cegamente. Três filas de vermelho ou dez pontos de azul ou três de branco. A simplificação máxima a abstracção máxima. Um mondrianismo cumulativo. A tapeçaria cresce como um líquido que subisse num vaso. Encosto o rosto. É frio. Os dedos das tecedeiras gelam de fadiga. Torcem as mãos batem com elas agitam-nas rindo e praguejando. Que sentirá a aranha.

As tecedeiras trabalham. Das suas mãos surgem as mãos da Dama. A mão esquerda apoia-se no chifre cónico. Um mastro azul de luas cresce até às mãos da Dama. O mastro é de seda. A Dama veste um vestido de seda. Tudo é azul ou branco ou vermelho. Os cabelos surgem lentamente ondeando pelas costas da Dama seda e oiro. Seda e lã. A tapeçaria cresce. Surge o animal acorrentado. Outras árvores. O leão olha de frente. Está em cena. Olha o espectador. O ruído do tear. Um coração de tábuas. O bicho mastiga as folhas da amoreira. Carnudo os seus anéis lembram as ondulações da tapeçaria futura. É mole e blindado. Assimila a cor da árvore, as folhas crescem-lhe depois nas asas. Talvez lá dentro do casulo seja como um envólucro de penas sentidas com os olhos fechados. A humidade interna escorregando em fios. Tudo o que é animal é macio e indómito. No alto do mastro o estandarte oscila. Três vezes a lua surgirá no firmamento. Três ciclos completos, três meses. As tecedeiras contam pelos dedos. A tapeçaria é uma pele de seda que lhes sai dos dedos. Os dedos húmidos. As mãos

húmidas começam a estar viscosas. Aperta a mão contra esta seda viva. Escorre pela mão por entre os dedos. Na boca entreaberta a saliva sobe. Depois escorre. Olhos fechados sentir a mão. Sentir na mão o estremecimento a convulsão. O nascimento. O vermelho o branco. A sêda a lã as mãos que buscam puxam tiram a humidade o visco por fim o grito. O azul das órbitas. O tremor do medo o frio as pancadas. Por fim a água a roupa o leite. O primeiro gesto da mão procurando o contacto o calor animal o sabor o cheiro a forma do animal. Sentir com a pele. Envolve-me em teus braços prende-me nesses laços. A geometria da relação.

As tecedeiras estão de pé. Preparam-se para a despedida. A tapeçaria cresceu tanto. É maior que as tecedeiras. Uma última cascata de ramagens assinala a passagem à última fase do crescimento. Nupcial agora. A Dama olha para longe. As tecedeiras fazem os últimos remates. Cansadas e alegres. Passam as mãos pelo tecido conhecem-no por dentro de dentro. Encostam o rosto. Um último toque. As tecedeiras regressam a casa. Colocaram as tapeçarias bastante alto no museu. As janelas também são muito altas. A sala é grande de pedra. Os visitantes chegam devagar. Param diante das tapeçarias. Olham. É proibido tocar.

## O PASTOR EM IMAGENS

### 1

O observador coloca-se no local onde sabe que a imagem surgirá em breve, por ele suscitada. Surgirá em movimento e dentro do melhor ângulo de enquadramento. A função do observador é uma lenta função de aguardador. Semelhante ao pastor, o observador segue, ao mesmo tempo que conduz, as suas imagens: objectos em movimento. O pastor de imagens é um atento caminhante percorrendo a aridez à procura de alimento: a voracidade das imagens é insaciável e sobretudo não há tanta justificação para a sua existência ou criação. As imagens alimentam-se mutuamente, numa proliferação e autofagia cíclicas de que o pastor participa. A actividade pastoril é paradigmática. Toda a funcionalidade aí se contém. O obser-

vador coloca-se pois no local dominante donde poderá controlar o aparecimento esperado das imagens e eventualmente separá-las, juntá-las, conduzi-las, detê-las ou ir com elas, levando-as. E sobretudo pode depois lembrar-se delas quando quiser separar-se delas. Então o observador coloca-se outra vez na situação privilegiada de aguardador: ou deixa que elas surjam por suscitação voluntária ou insuscitação involuntária, como quando alguém deseja concentrar-se num exercício de ginástica e os seus pensamentos persistem noutro rumo e assim o corpo executa os movimentos que não correspondem aos pensamentos das imagens e aí o observador é um aguardador aflito, ou então não. No cenário pastoril as imagens erguerão por vezes as suas próprias ideias por entre o desencontro da alimentação. Não sei. O aguardador que observa é um atirador potencial. E na idílica situação de aguardador, na observação do que vai surgir, está na situação afectiva privilegiada.

2

O observador está no bosque. A imagem vai surgir por entre os ramos. Consegue apenas enquadrar a zona compreendida entre o solo e cerca de um metro e setenta acima dele, zona suficiente para o aparecimento da imagem em movimento que virá sobrepor-se à já existente no enquadramento. São as árvores. Os troncos das árvores. Um segmento de árvores. O chão é um espaço difícil de definir no enquadramento, a não ser como a base da imagem total. Um plano horizontal em relação aos verticais formados pela delimitação da imagem total consentida pelo enquadramento. Dentro da zona rectangular os olhos apercebem os diagramas em leque.

3

(Entre parênteses). Acordando da anestesia a visão era através de frestas: um rectângulo cinzento-escuro no qual se abriam umas estrias contrastadas: o quarto, os objectos no quarto, as pessoas que se movimentavam no quarto. O ângulo alargou-se lentamente para setenta graus. Havia muitas sombras. A parede pintada de cinzento. A janela do lado direito. As sombras das visitas em cinzento-escuro sobre o cinzento da parede. Alongavam-se diagonalmente para a esquerda. Uma deslocação ligeira do ângulo permitia abranger a dissolução das sombras até à porta. Aí terminava o enquadramento. Havia pouco som. Um fino tubo de plástico descia do frasco de vidro. Brilhava cintilante. A luz atravessava as frestas da persiana cinzenta.

4

A água brilha. A luz refracta-se no ondulado da água. O pastor está no bosque. O calor pela imobilidade. O cão que dorme. Os pequenos troncos do bosque no enquadramento. As árvores são estrias negras no rectângulo alargado da visão. As copas obrigam a uma enorme inclinação para trás. Uma subida lenta, depois uma fixação. A luz fica do outro lado. É um plano para além do recorte dos ramos. As folhas respiram arritmicamente, por tremor. As plantas no estremecimento do enquadramento. Ou então não. O sono também é abandono por exclusão. Afastamento do som. As ovelhas. O dorso das ovelhas não brilha na tarde. Movem-se apenas. A água brilha. Uma ovelha avança. Surge no enquadramento. De frente. Ligeiramente na diagonal. Agora o dorso de lado. Começa a correr. A imagem torna-se menos nítida. De perto: a lã coberta de terra esconde os belíssimos frisados dos pêlos das ovelhas. As ovehas são os querubins dos campos. De muito perto vêem-se as fibras onduladas. As patinhas são lindas. Suspensas das nuvens da pelagem. Tão compactas. Movem-se em bloco, recortadas. A ovelha corre para a água. A água corre em baixo. Inclinação de quase oitenta graus. As articulações. A ovelha cai dentro de água. Ruído de queda. Chapinhar. A água sobe ao ar. Movimento em arco de elipse. Pulverização e refracção prismática. A queda é quase invisível. Começa a ser, primeiro. Depois é a submersão. A água brilha muito mais agora. O cão acorda. As ovelhas continuam no andamento das éclogas. Corre, ladra. De cima do barranco suas patas seguram a terra. O pastor acorda. Lento erguer de pálpebras contra o peito apressado. O cão ladra. O pastor a erguer-se. O cão ladra, corre, ladra, corre. O pastor a erguer-se. O cão ladra, corre, corre, ladra. O pastor de pé. O cão corre, ladra, ladra, corre, corre. O pastor corre. De frente, em diagonal, de perfil. O ombro ultrapassa agora o enquadramento. As costas, a poeira levantada pelos pés. O cão corre, ladra, patinha na lama. O pastor desce pelo barranco. Patinha na lama. Escorrega. A ovelha flutua mitológica. Segue lentamente na corrente. Bale. A cabeça indistinta do reflexo da água. Queda de água. Prismas, figuras geométricas incompletas. A roupa escura do pastor. Os braços debatendo. Água na boca. Água no ar. Gargarejo. Mão que se estende fora de água. O cão entra na água. Anda pela água. Os cães não nadam, caminham como centopeias quadrúpedes. A água agitada, ruído de água, de pés, patas, caudas, roupas, goelas. A ovelha flutua ainda. O pastor e o cão. O cão morde no pêlo da ovelha. Milénios de treino. Séculos de repressão. O lobo emerge. A ovelha pende. A água cai, corre, gota a gota, pequenos regatos. A ovelha no chão. Ergue-se. Solta a água do velo. A água brilha.

5

A água completamente negra. Quase invisível. Ruído de corpo caindo pesado na areia. A onda que regressa a onda. A nova onda avança. Ruído de saliva enorme as ondas. Tentar ver. Aproximar. O corpo escuro. Percorrer. Encontrar um pouco de rosto. O pastor assegura a essência da ovelha. Escorre água pela boca. Remotamente o bosque, a tarde, a luz na água. O cão que corre. Corre no cimo da estrada. Espera para poder atravessar. Está ainda um pouco longe. Por fim entra no enquadramento. De frente. Um pouco na diagonal. Da direita para a esquerda. Trota. Seguindo o cão que trota. Volta a cabeça. Segue em frente. Afasta-se. Vê-se apenas o asfalto.

TEMA E VARIAÇÕES
5B-59/70

I

O pio duma escondida ave
me anuncia
na paisagem a vibração do ar.
Logo me cresce essa presença
da espessura etérea e da distância
logo se move e se ondula
e o canto das ramagens flutua
em círculos que se alargam e se anulam.
É uma estranha água em que mergulho
que como a água
a outra que sustenta e afunda
me cobre e me envolve em penumbra
de som
que luz é ela
e movimento
mas forma
a sua forma é o momento.

.....

II

O pio duma escondida ave
a vibração do ar
essa presença

ondula

O canto das ramagens flutua
é uma estranha água
que me envolve

em penumbra

.....

III

Uma escondida ave me anuncia

a paisagem

da espessura etérea

logo se move se ondula

em círculos que se alargam

É uma estranha água que me cobre

de som

.....

IV

Uma ave
me anuncia
do ar
o canto
logo cresce
se move
ondula
flutua
as ramagens
se alargam
anulam

mergulho

estranha água
penumbra
sustenta
afunda
me cobre
me envolve
de som
.....

V

O pio duma escondida ave
me anuncia
a paisagem
a vibração do ar
a espessura etérea
a distância
o canto das ramagens
a estranha água em que mergulho
a penumbra do som
que é luz
que é movimento
A sua forma é o momento

## A VIDA PESSOAL E SUBJECTIVA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Ao dividir a sociedade
entre trabalho e vida
a proletarização criou
as condições segundo as
quais os homens e as
mulheres se olhavam
fora da divisão do
trabalho
por significado
e objectivo

A introspecção
intensificou-se e
aprofundou-se à
medida que as pessoas
procuravam em si
próprias

I

Desejo
a vida numa só palavra
o eixo de ser
de não ser bastante nunca
a vida
para ser

Desejar ser
ser
ser
não ter
mas ser
ser

O estado de coma da existência sida
vozes
longe
fugi
dias

Procuro de noite
estou deitada
procuro

a única coerência
consistência unidade
capaz de reconciliar
a fragmentação
da vida social

A ênfase romântica
sobre o valor único do
indivíduo começou a
convergir para o mesmo
ponto que as condições
reais da vida e
desenvolveu-se uma
nova forma de
identidade pessoal
entre homens e
mulheres que já não
se definia através dos
seus ofícios

levemente quente
respiro dolente

não quero ver-te
quero ser-te

Longe percorro
como um ponteiro de luz
as órbitas

perscruto a invisibilidade
sento-me diante do écran
sou um técnico
perscruto os sinais que surgem
que podem surgir

Tenho mãos nos olhos

meu corpo todo é um ponteiro
de luz percorre incertamente
como redes abertas

Talvez aperceba

silhueta apenas
sou
forma apenas
sou
recorte

Como Marx Freud
vê a sociedade como
parte da Natureza
mas ao contrário de Marx
não explica como é que
os seres humanos
através da história
transformam a Natureza
inclusivé a
sua própria

A emergência do eu
subjectivo já não limitado
pela divisão do trabalho
surge no século XIX

mas Fourier já afirmara
o eu subjectivo com
O Cálculo da Atracção
Passional — catálogo
das necessidades e das
paixões instintivas

inclinação
percurso
de
órbita

Contemplo de alto

circulo

caminho

meus passos percorrem
o mundo
pelo ar

toco de leve
o mundo não me sente

Perscruto
perscruto

Não quero Ter
quero Ser

Q u e r o  S e r

debato-me
projecto-me
lanço-me

quero agredir

dar grandes saltos
sôcos
pontapés
altíssimos

Aceitação-rejeição
presença-ausência
alimentação-higiene
a vida social da
família impõe o
seu ritmo e a sua
estrutura

Diz-me Diz-me
peço ofegante
Fala Fala
quero entrar pela tua voz

não me olhes

já ninguém pode amar-me

Amo invisível

O ressentimento o ciúme
o temor
a ira
a culpa

o desejo
precipito-me
boca dentro
sangro entre cabelo e pálpebras

Quero Ser Ser
O Desejo
violenta

Abro a boca
caio
atravesso-te
Quero Ser Ser

A vida interior
reverbera com as
vozes dos outros

diluo
me tremo
te
perscruto

além-mim
sinais

Sintomas
de
Ser
Longe

Pressinto o meu desejo

cumpro
uma vontade
a mutilação de querer
querer
querer

Enfrentamos os
nossos próprios
antecedentes as
causas do nosso
próprio
desenvolvimento
(a língua em comum
é em si mesma
a realização dum
conflito interno)

querer tocar
saber que não posso
não posso tocar nada
no seu
âmago
apercebo sinais

Sei e não Entendo
Vejo e não Sei Dizer

apercebo
fulgurante
vislumbres de Ser

A ideia de Vida
já não dominada
por relações de
produção mal
emergiu ainda

uma já fria febre me ilumina
o meu desejo explodiu-me

corro para ti invisível
ínfima

Fourier:
a família burguesa
levou a sociedade doméstica
ao mais alto grau de
isolamento e egoísmo dividindo-a
em pares sexuais

Seria possível pressionar
mais a
insociabilidade?

A divisão entre as tradições
de libertação pessoal e de
transformação social começou
a aparecer nos princípios
do século XX

A sexualidade foi
apanhada
deformada
pela família

II

Falo do corpo
o falo do que existe
táctil

meu corpo está aqui
a minha única forma
é possível

Não
não queremos a morte
o desaparecer

Adeus

despeço-me
tropeço na minha ternura

mão inúmera o adeus

Que água nos lambe
que línguas furtivas

a água tem mil guizos
é uma festa de estalidos

cola como lama

Meu deus como eu temo
a despedida
adeus
adeus
fugaz

nunca estivémos perto

Com o aparecimento da
propriedade privada
coincide o rebaixamento
das mulheres

A procura incessante
de dominar os outros
teve origem no comando
dos homens dentro da
família

Ao dar forma à vida
psicológica a família
dá forma à economia e
ao resto da sociedade

Reich:
Hitler foi apenas a
expressão do trágico
conflito entre o desejo
de liberdade das massas
e o seu medo real da
liberdade

Penso em ti
já não te quero
estimo-te

Estou aqui e escrevo
a lentidão pelo acto

quero atingir

Incansável boca
queres
que queres

quero querer
quero ter
quero ser

Caio nessa superfície clara
firo-me
como se não tivesse
caído
dentro

Falo-te minha língua
vives da minha boca
minha calamidade

Esqueço-te
sem ter-te
sem ser-te
sem deixar-te

Lacan: definiremos
por exemplo o desejo
como um certo ciclo
de comportamento, por
certas oscilações orgâ-
nicas gerais ditas
afectivas, por uma
agitação motora que
conforme o caso
é mais ou menos dirigida,
por certos fantasmas
enfim cuja intencionalidade
objectiva será conforme
o caso mais ou menos
adequada

III

Ando

caminho

os montes parecem seios de pedra

sinto o ar correndo

lambe o mar

os montes escorrem

derramando branco

as folhas lavam

limpam

têm ovos de madeira

túmidos

corpos

duros

tudo aponta

ergue

Olha

digo

Olha

me

o lago

fonte

quente

entre ar e ente

um leque

rente

o

ar

quando uma dada experiência
vital agida ou sofrida
determinou o equilíbrio
afectivo o repouso motor
e o desvanescimento dos
fantasmas representativos
dizemos por definição
que o desejo foi saciado

ando
caminho
folhas
páginas
plantas
totem
egípcias

mulheres
deitai-as
deitai-as na paisagem

todos procuram
a
abertura
a
viagem
essências

a alma na balança
tudo
dança
depois
cai
depois
volta
ergue
mexe
depois
passa
tenho um mundo na língua
suco
sorvete
estou aqui
mulheres
mais que mulheres
roupa
fresca
mão
redonda

mãis
velai
o entornado ar
mar
leite
leito
saliva do peito
ama
mente
ar
derrama
mar
o pé emerge
húmido
ao
mundo
cai
cai-te
aterra
deixa deixar-te
enterra
te
me
a passagem é um centro

Pouco nos importa
que os fantasmas
tenham sido conformes
ou não com a imagem
desse objecto

## IV

Adeus
adeus te digo
palma de aço cruzo
cruzo-te
aragem

Spinoza: uma afeição
qualquer dum indivíduo
dado mostra para com a
afeição dum outro tanta
discórdia quanto mais
a essência de um difere
da essência do outro

cruzada de ar
o laço
a imagem
dobro
te
aceno
o meu estreme adeus
e
s
t
o
u
e
s
i
g
o
amigo
amiga
esvaio-me
tremor de ir

quero dizer mais
mas mais
é o mais que digo

cada vez menos
digo
o
mais
que
v
i
v
o

## V

C. Rabant: o efeito
da exterioridade em
que os olhos às vezes
se perdem e estagnam
ao longo do indicador
surdo

o rio corre forte
barcos
velhos sapatos humanizados
enérgicos ordinários

o rio vela redonda
halo de vela

o rio ergue a cortina
a
não baixa neblina
ergue
surge dele
bela
cinzenta mista
mística

quando alguém parte
vibra
o aparecimento do desaparecer

Deleuze/Guattari
homem e natureza não são
como dois termos, um face
ao outro, mesmo tomados numa
relação de causação, de
compreensão ou de expressão,
mas uma só e mesma realidade
essencial do produtor
e do produto

o sol desce japonês

p e n s o

pensar é hipótese

como outros corpos
desejo-te

# SEGUNDA PARTE

# POEMAS INÉDITOS OU PUBLICADOS DISPERSAMENTE ENTRE 1959 E 1969

p o e t a

a r c a  s e t a

h a s t e  a g u l h a

c h a m a

f a u l h a  c i s c o

l i m o  l i m b o

i n f e r n o  m o n t a n h a

f l o r

a m o r

s e t a  a r c a

p o e t a

no
jardim

a flor — coroa — asa

aroma — suspiro

brisa — gesto — nuvem

cabeça — anjo

árvore — celeste — nome

jardim — agudo

ramo

seiva — azul — tanque

canto — peixe

olhar — ágil — voo

leve — o pó

repousa

fruto — espera

a luz nocturna

gruta — porta

a hora circula

pressente — chama — sebe

esconde

raiz — fonte

sussurra

ascende

abelha — penetra

calix — manto

envolve

o passo — casto

o sopro expira

a palavra que sobe a sebe que sabe

a palavra sêde
a palavra séde
sêde a palavra
sêde a palavra sêde
a palavra cede
acede à palavra séde
a palavra sebe
a palavra sabe
a palavra sobe
sêde a palavra que sobe

a palavra que sobe a sebe que sabe

cinco módulos do nome pessoa

persona
percorre
permuta
persegue
persiste
percorre
mascara
mascorre
masluta
massegue
permuta
encara
encarna
encorre
encerra
persegue
insiste
insiste
insiste
insiste
persiste
existe
existe
existe
só

l

s
q
v
é
i
v

s
q
v
i
é
u
q
v

é
l

l
é
u
q
v

(leitura literal)

eu
tu
ele
sou
és
é
o que sou
o que és
o que é
somos
sou o que és
és o que sou
somos o que és
o que és
és o que somos
sou o que é
és o que é
o que somos
é
o
que
é

●

a m o r

s e r

e u

t u

e

t u

e u

o desejo
o desejo
o desejo
o desejo
o desejo
o desejo
o desejo

o
d
e
s u b i t o
e
j
o

●

i
n
s
s p
e i
r r
o
e
x
p
s i
a r
o

n n
a ç a ç
d a d a
n n
a ç a ç
d a d a
n n
a ç a ç
d a d a
n n
a ç a ç
d a d a
n n
a ç a ç
d a d a

l o t u s
o f
l a
u t u

●

meu braço rema no vento

h
l é
a l
u i
t c
r e
i c
v a
l
m
a

meu braço rema no vento

c
a
n
t
a
n
d
o
a
m
o
r
t
e
v
e
m

●

cão
dão
hão
mão
não
pão
quão
são
tão
não

(o vilão com o pão na mão)

quem é mar quem é rio
mar quem é quem mar é
rio quem mar é rio quem é
mar i o ana mar i a ia mar
ia rio amaria amar ia

quem é mar quem é rio
mar rio
quem
que
mar rio
quem
é é
mar rio

mar ia ia mar e o mar
ia ia
ana mar
ia
e o mar ia rio mar ia
anamariamareomar
rio

(anaparamário 1969)

# ANAGRAMÁTICO

## (1965-70)

### LIVRO I — A MALDADE SEMÂNTICA (1966-68)

### A POESIA TEM SIDO UMA ARTE VERDADEIRAMENTE ANIMAL

A poesia tem sido uma arte verdadeiramente animal. Enquanto não for decretado o seu racionamento geral as palavras não serão a escada por onde ascenderemos à ulterior mudês. As palavras não servem para descobrirmos o que não sabemos visto que as palavras só dizem respeito a si próprias. A contemplação tem sido sempre uma espécie de gelatina. A não-efusão podia muito bem agora tornar-se a geleia do real. É por isso que enquanto os meus colegas propõem soluções eu proponho infusões: TISANAS! É que não sendo um romântico sou todavia um químico. Mas comover não desejo. Não aspiro a essas fruteiras. Coleccionar lindas peras figos melindrosos amigos em forma de ananás a nostalgia da couve tão portuguesa. Há já muito tempo que compreendi que a sinceridade tem de atingir outros limites. Hoje sou tão sincera que até as metáforas eu desmonto. Por exemplo: pensando na tragédia coloquei sob a minha mesa de trabalho uma pele de cabra uma maneira de conhecer aqueles seres semi-galináceos que os antigos tanto representavam. A poesia tem sido uma arte verdadeiramente animal porque tem sido uma fiel expressão do sentimento. Ora o sentimento é o que caracteriza com rigor o animal. Assim humano na acepção menos símia possível que desejamos atribuir a esse conceito em forma de palavra seria precisamente o afastamento do sentimento do mesmo modo que andar a quatro patas é que seria animal e humano seria andar de pé embora os

ursos também andem de pé. Mas os homens têm tal compreendimento e fazendo as construções do espírito a que chamam arte da poesia tentaram afastar-se radicalmente da natureza animal enquanto dela se elegiam seus procuradores mas é sabido que o aspecto verdadeiramente animal do sentimento é a cegueira. Os zoólogos que estudaram esse problema concluíram todos do mesmo modo. O pensamento animal é realmente abstracto. Vejamos o caso do melro que destroi os próprios filhos desde que eles caiam do ninho porque não consegue identificá-los fora dele. Assim os poetas tradicionalmente canoros julgando proteger a sua celulósica prole quantas vezes a esmagam com as suas impacientes patinhas Eis como de tão abstractos sentimentalmente ligados a tudo o que neles é pio se identificam entre si pela cegueira animal pela arte animal pela canção sentimental e por tudo o que é querência. Oh poetas! porque não vos entregais à detergência?

## TEXTO PARA A GÉNESE DO EROS FRENÉTICO

Dantes eu era um escritor tão ingénuo que quando queria dizer porta escrevia a palavra porta. Felizmente com o decorrer do tempo tornei-me um escritor avisado e hoje quando quero dizer porta escrevo o gato mia. Essa é a génese do eros frenético.
O que eu quero dizer é que o equívoco foi sempre o contrário da polifonia, isto é, que o prazer é uma perversão uma deturpação do sofrimento. Porque eu nunca digo o que quero. Sou uma outra espécie de licencioso: como não digo o que quero digo o que quero.
Essa é a génese do eros frenético.
Alguns críticos muito ilustrados ainda hoje chamam a isso inspiração. Estão ainda muito ligados aos problemas respiratórios. Para mim esse problema deixou de ter importância porque o meu sistema respiratório é automático (não é verdade que só fazemos bem aquilo que fazemos automaticamente?). Esse problema da respiração — inspiração/expiração — para mim está definitivamente resolvido: sou um mecanismo avisado e por isso conheço a força da recusa.
Essa é a génese do eros frenético.
Os meus colegas meus contemporâneos entram em estado de agonia por estarem constantemente com a cabeça para baixo construindo os seus pedestais e como desde logo se colocam em cima de eles custa imenso continuar o trabalho. Alguns acrescentam-lhes elaborados ornamentos o que complica

a posição e a expositura. E depois andamos todos a tropeçar nesses moldes que ficam pelo caminho. Eu principalmente. Porque não me resigno. Estou sempre a andar. Tenho essa erótica. Bato à porta dos amigos e pergunto: diga-me por favor se está aí o meu ombro esquecido. Ao que eles respondem: esta pequena está cada vez menos espirituosa. Isso delicia-me. Tenho essa frenesia. Sento-me à secretária e trabalho na detergência morosa minha obra-prima.
Sou como o/a celerad o/a.
Essa é a génese do eros frenético.
Mas isso foi há milhões de palavras. Agora produzo pensamento em palavras por segundo.
O que acontece entre nós é o não-acontecimento até à absurdidade. Às vezes penso que é fascinante viver num ambiente assim inconcebível. Mas na verdade gostaria de poder fazer qualquer coisa de radical uma detergência profunda ontológica a isto.
Porque do que todos gostam ainda é do poeta que diz «a tua boca é um sorvete de morango» ou «dos lupanares saem os devassos».
Que fazer perante as flâmulas do optimismo pueril desses devaneios de satírico e petroleiro (sic)? De facto a filosofia não nos descortina bons augúrios na vida. Resta-nos apenas o raciocínio calmo e suspicaz.
Essa é a génese do eros frenético.
A zombaria é evidente mas exprime a verdade. Sou apologista das sátiras dicacíssimas.
Mas nunca exagero. O máximo que eu digo é: não façam isso à vaca.
Sou portuguesa e o meu estilo é barroco. O barroco é um estilo ornamental oriundo no desgaste (e daí que vem a minha tese da detergência) ou na atribulada escrituração da ostra. Tanto é o estilo objecto para escrita e pináculo da coluna vertebral, uma cadeia de causalidades concatenadas produto de uma natureza transbordante. É por isso que o português se exprime na oportunidade do super-mercado.
Ainda há dias ouvi dizer a alguém: o que me vale é as coisas que eu não sei. E assim dizendo encolhia os apotécios. Não, não basta que as coisas sejam verdadeiras, também é preciso que sejam verídicas. Já Apolónio o Filomuso, autor da Balança Intelectual, criticava o Fulano Indiferente.
Mas eu não posso preocupar-me com tais trivia. Quando se atinge o nível da gargalhada reprimida começa a grande sabedoria.
Essa é a génese do eros frenético.

## O/A FILÓSOF O/A CELERAD O/A

Foi quando lia um ensaio sobre um célebre autor do século XVIII que deparei com a noção, entre todas peregrina, de maldade elevada à categoria de celeradês. Fiquei muito perplexa, como sempre me acontece de cada vez que me encontro perante uma aporia. Devo dizer que o aturado estudo das línguas clássicas me foi sempre extremamente útil para a compreensão da obscuridade etimológica jacente em todas as palavras de uso corrente. Foi por isso que, estimulada pela minha perplexidade e pelo meu reconhecimento da ambiguidade criadora dos étimos, resolvi deter-me na reflexão demorada do conceito de maldade. Detendo-me a reflectir sobre um conceito, fui obrigada a a mim própria conceder a existência de algo em que se englobassem todos os actos de reflexão, ou seja a sua essência (acto que em si é já suficientemente perverso). Como a noção de mal (e a consequente maldade) está sempre em jogo e na base da reflexão sobre as essências, essa noção de mal (e de maldade) em breve se alargou e de tal sorte que passou a abranger, substantivando ao mesmo tempo que adjectivava, essa palavra filosofia, sinónimo de reflexão. Foi assim que obtive como resultado, depois de longos processos, cujo trajecto sinuoso pouparei ao leitor, foi assim, dizia, que obtive como resultado a designação de filosofia celerada, logo seguida da sua complementar, filosofia acelerada.

E aí de novo me encontrei perplexa porque, se ao conceito de filosofia se podia assimilar o de mal ou de maldade, que dizer então do conceito de velocidade? Foi então que subitamente compreendi que o mal era a próxima significação de todas as coisas, em virtude da velocidade com que as atinge, e foi assim que atingi a noção, entre todas itinerante, de maldade semântica.

A partir de então, a maldade tornou-se para mim explícita e posso agora reconhecê-la em todos os estados de significação: a maldade é uma semântica e por isso, significantes, filósofos e celerados são todos os indivíduos que utilizam a semântica que é por si uma maldade de que resulta a maldade semântica de todos os actos e factos. E como a filosofia tende, em última instância, a transformar-se numa moral, verifiquei que a moral é uma semântica; que a velocidade é moral e semântica; e que a semântica é uma moral acelerada; porque sendo a moral uma semântica e a velocidade moral e semântica, a filosofia torna-se célere, moral e semântica, enquanto o filósofo deve ser célere, moral e semântico; tornar-se celerado, moral e assemântico; ou celerado, amoral e semântico; ou celerado, amoral e assemântico; ou acelerado, amoral e assemântico; ou acelerado, moral e semântico; ou acelerado, moral e assemântico; ou acelerado, amoral e semântico. Assim a

semântica ou é moral e/ou celerada, ou amoral e/ou acelerada, ou moral e/ou acelerada, ou amoral e/ou celerada. Donde pode finalmente concluir-se que a velocidade ou acelera ou celera e que isso quer dizer exactamente a mesma coisa, na verdade.

## LIVRO II — A DETERGÊNCIA MOROSA (1966-68)

o livre pensador da cunha
o pensador livre da cunha
a cunha livre do pensador
a cunha do pensador livre
o pensador da cunha livre
o pensador da livre cunha
do pensador a cunha livre
do pensador a cunha o livre
da cunha o livre pensador
livra o pensador da cunha
livra a cunha do pensador
da livre cunha ao pensador
da cunha o pensador do livro
do pensador a cunha da lebre
da livre pensa e cunhador
do livro penso o cunhado
e a lebre punha censo e unha
e livre a lebre da cunha e leve
pensador de penso imenso
e livre e pen

os caracóis e as carpas têm cornos
vês, eu não te dizia?
as carpas e os caracóis não têm cornos
vês, eu não te dizia?
as caracoias e os carpos têm cornos
vês, eu não te dizia?
os carapoicos e os parcos não têm cornos
vês, eu não te dizia?
as carapaias e os porcos têm cornos
vês, eu não te dizia?
os caracoicos e as parras não têm cornos
vês, eu não te dizia?
as carassaias e os parcas têm cornos
vês, eu não te dizia?
os caracorpos e as praias não têm cornos
vês, eu não te dizia?
as caracaias e os poicos têm
vês

●

os sumérios eram sumários
e por isso foram sumírios
daí vem que foram semírios
mírios de se ou de si

os sumírios eram sumários sendo sumérios
e daí vem que foram sumiros
sumaros e sumêros

os sumários eram sumados
é daí que vem o sumo
a soma e a suma-a-uma

os sumórios eram sumêdos
porque eram semudos
e mudos de se ou de si
era sumúrios

os sumúrios eram semílicos
simólicos e simulados
daí vem que amaram a sêmula
a súmula
e o tacão alto

●

gostas da palavra litote?
é um tropo.
e não gostas da palavra tropolitote?
então diz comigo:
tropolitóóóóóóóte!
litote
tropope
tropolipope
tripopopote
tripolitripolitote
tripolitripolipoli
toliloli
tropopopoli
tripopeli
popoli
poplili
popli

popliiii
i
i i .....
i i i
i
i i
i i i i i

o e
ai e ie o e
o o é
o ai é
ou u eu
e e e
o a a a é
e ou e e
ui e e e i
e eu ou i
é ai é eu
eu a e e
e e ai u
ou e e u
au i ie e
o o e e
a e e à

## APORIA

aporia. a por ia. á por ia. há pôr ia. ah pôr ia.
apor ia. aporia aporias aporia. por ia. poria porias.
por via. parvia. aparvia. emporia. porém ia. puré ia.
pura ia. ia pura. ia para. ia pára. ia pera. peria.
perora. por hora. apara. aparia. apararia. a pradaria.
aparecia. ia. ia a par. pararia. ria. mia. piaria.
apearia. pioraria. oporia. agoria. agornia. ia ia.
a par ia. emparia. adornia. a dormia. formia. formara.
afamara. defumara. apontara. aprontara. aprontaria.
a pontaria. apontar ia. afrontar ia. ia ia. a por ia.

A por IA

apora. a por a. á por a. há por a. ah pôr a.
apor a. apora aporas apora. por a. pora poras.
por va. parva. aparva. empora. porém a. puré a.
pura a. a pura. a para. a pára. a pera. pera.
perora. por hora. apara. apara. aparara. a pradara.
apareca. a. a a par. parara. ra. ma. para.
apeara. piorara. opora. agora. agorna. a a.
a par a. empara. adorna. a dorma. forma. formara.
afamara. defumara. apontara. aprontara. aprontara.
a pontara. pontar a. afrontar a. a a. a por a.

U por A

uporu. u por u. u por u. hu por u. uh por u.
upor u. uporu uporus uporu. por u. poru porus.
por vu. purvu. upurvu. emporu. porém u. puré u.
puru u. u puru. u puru. u puru. u peru. peru.
peroru. por horu. upuru. upuru. upururu. u pruduru.
upurecu. u. u u pur. pururu. ru. mu. puru.
upeuru. pioruru. oporu. ugoru. ugornu. u u.
u por u. empuru. udurnu. u dormu. formu. formuru.
ufumuru. defumuru. uponturu. upronturu. upronturu.
u ponturu. upontar u. ufrontur u. u u. u por u.

## CANTATA PARA A MALDADE SEMÂNTICA

TOC
a maldade semântica abre a boca
TIC!
a seguir dá dois passinhos
TOCTOC!
volta-se para trás
TAC!
dá dois tiros fecha a porta
PLOCK.
entra em casa
toma a tisana
óóóóóóóóóóó ó ó ó ó ó ó ó óck!
TOC!
tira o suporte
TOCTOCTOC!
dellarte je m'en mock
PLOCK!
por toda a parte
frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.
quel'frock!
quel'mock!!
quel'momock!!!
quel mo.mo.mo.mo.mo.mo.mo.m o c k !
je te rapaporte:
FLOCK!
abre la poporte:
TATAFLOCK!
je te renmène je te renmock:
TAFROFROCK!
PLOCK!
TROCK!
TOCTOC!!
t ó ó ó ó ó ó ó ó óóóóóóóóóóó c !
tótótótótótó t ó c !
T O C !
des tiques & des toc!

RATATOCK!
des pliques & des plock
RATAPLOCK!
titorolock.
toplock.
je t'en mock.
toc.
je t'en plock. frock.
poporolock.
piporocock.
troplocticticto c

PLOCK!
PLUCK! PLUCK!
turuluck! trrrrrrrrrrrrrrruruluck! u c k!
je t'en m'luck
je t'en m'lock
je t'en plock
ratapoc.
ratapoc.
torolock torolock torolock
TOC

TOC
torolock torolock torolock
ratapoc.
ratapoc.
je t'en plock
je t'en m'lock
je t'en m'luck
turuluck! trrrrrrrrrrrrrrruruluck! u c k!
PLUCK! PLUCK!
PLOCK!
troplocticticto c
piporocock.
poporolock.
je t'en plock. frock.
toc.
je t'en mock.
toplock.

titorolock.
RATAPLOCK!
des pliques & des plock!
RATATOCK!
des tiques & des toc!
T O C !
tótótótótótó t ó c !
t ó ó ó ó ó ó ó ó óóóóóóóóóóó c !
TOCTOC!!
TROCK!
PLOCK!
TAFROFROCK!
je te renmène je te renmock
TATAFLOCK!
abre la poporte
FLOCK!
je te rapaporte
quel mo.mo.mo.mo.mo.mo.mo.m o c k !
quel'momock!!!
quel'mock!!
quel'frock!
frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.frofrock.
por toda a parte
PLOCK!
dellarte je m'en mock
TOCTOCTOC!
tira o suporte
TOC!
óóóóóóóóóóó ó ó ó ó ó ó ó óck!
toma a tisana
entra em casa
PLOCK.
dá dois tiros abre a porta
TAC!
volta-se para trás
TOCTOC!
a seguir dá dois passinhos
TIC!
a maldade semântica fecha a boca
TOC

## LIVRO III — LEONORANA (1965-70)

# TRINTA E UMA VARIAÇÕES TEMÁTICAS SOBRE UM VILANCETE DE LUÍS DE CAMÕES

### PROGRAMA

VARIAÇÃO I — 1.º desenvolvimento do tema. Discurso sem interferência.
VARIAÇÃO II — Variação sobre o 1.º desenvolvimento com rima obrigada.
VARIAÇÃO III — Síntese da 1.ª e 2.ª Variações com leituras múltiplas.
VARIAÇÃO IV — Síntese da Variação anterior com leitura simétrica.
VARIAÇÃO V — Síntese máxima de todas as Variações anteriores.
VARIAÇÃO VI — Atomização temática e formal.
VARIAÇÃO VII — 2.º desenvolvimento do tema. Multiplicidade semântica. Concomitância. Consonância obrigada.
VARIAÇÃO VIII — Ambiguidade semântica por co-incidência sonora obrigada.
VARIAÇÃO IX — Ininteligibilidade por sonorização absoluta. Semantização da forma.
VARIAÇÃO X — A ininteligibilidade torna-se significante por sonorização harmónica. Semantização da forma.
VARIAÇÃO XI — 3.º desenvolvimento. Circunscrição absoluta aos elementos do tema. Des-semantização por alteração sintáctica. Autonomização dos elementos que constituem o tema.
VARIAÇÃO XII — Idem. Mas primeira reformulação do tema. Primeiro afastamento.
VARIAÇÃO XIII — Circunscrição absoluta aos elementos do tema. Primeira reformulação total.
VARIAÇÃO XIV — Reformulação temática por absolutização concreta. Semantização visual.
VARIAÇÃO XV — Reformulação temática por absolutização concreta. Semantização visual.
VARIAÇÃO XVI — Reformulação por atomização concreta. Semantização visual.
VARIAÇÃO XVII — Afastamento por imagem absoluta.
VARIAÇÃO XVIII — Formulação ideográfica. Semantização visual.
VARIAÇÃO XIX — Ininteligibilidade por semantização visual absoluta.
VARIAÇÃO XX — Ininteligibilidade parcial. Semantização visual concreta.
VARIAÇÃO XXI — 4.º desenvolvimento do tema. Semantização crítica.
VARIAÇÃO XXII — 5.º desenvolvimento do tema. Des-semantização crítica por alteração sintáctica e concomitância obrigada.
VARIAÇÃO XXIII — 6.º desenvolvimento do tema. Des-semantização crítica. Agudização temática.
VARIAÇÃO XXIV — 1.ª Variante da XXIII Variação. Des-semantização crítica por interferência visual e sintáctica.
VARIAÇÃO XXV — 2.ª Variante da XXIII Variação. Des-semantização crítica por aglutinação absoluta. Proposta de leitura inédita.
VARIAÇÃO XXVI — 3.ª Variante da XXIII Variação. Des-semantização crítica por espacialização sistemática. Proposta de leitura inédita.
VARIAÇÃO XXVII — 7.º desenvolvimento do tema. Permutas sistemáticas sobre a palavra-chave do tema. Proposta de leitura inédita.

VARIAÇÃO XXVIII — Permutas sistemáticas e simétricas sobre eixos da palavra-chave do tema. Proposta de leitura inédita.

VARIAÇÃO XXIX — Permutas sistemáticas e simétricas sobre a primeira letra-chave do tema. Proposta de leitura inédita.

VARIAÇÃO XXX — 8.° desenvolvimento do tema. Afastamento máximo por tematização dos próprios mecanismos da obra realizada. Semantização aguda. Interferência por neologismos, aglutinações e des-colocação.

VARIAÇÃO XXXI — Variação sobre o 8.° desenvolvimento do tema. Obscurecimento por logicização e submissão formal.

## LEONORANA

*Descalça vai para a fonte*
*Leonor pela verdura*
*Vai formosa e não segura*

CAMÕES

### VARIAÇÃO I

a manhã acontece quando no movimento aparente da sucessão
dos dias e das noites a terra de súbito ilumina o sol não
tão de súbito porém que o dia acontece lentamente acontece
tudo lentamente porém só de súbito se torna real e súbito
é tudo o que foi lentamente acontecendo até ao momento de
explodir em realidade súbita de súbito é manhã como de súbito
brota uma fonte e tão subitamente intermitente como o dia
a fonte é uma súbita intermitência fenómeno que se explica
pelo princípio do vaso de tântalo e toda a magia de uma
fonte resulta do súbito escoamento do ramo maior de um
sistema de comunicantes cujo sifão escorvado permite a
passagem do formoso líquido de um vaso para outro existente
pelo seu fluir e origem da origem fluente e como leonor
é um produto da sucessão dos dias e das noites e do facto
de erguer-se de seu leito onde esteve intermitente durante
a noite escura e subitamente irrompe a fonte o dia e leonor
poisa o pé no chão frio vaso onde nasce a verdura e na ponta
de seus dedos estremecem os filamentos das nervuras das
folhas e leonor treme e seus nervos estremecem até ao registo
das sensações e a mensagem da verdura está na origem de
seus nervos motores transmitirem ordens por seu corpo
e os belos músculos flectem em sua perna para trás
em sua coxa para cima em seu ventre para dentro
em seus ombros para diante e em sua cabeça para baixo
e os músculos orbiculares recebem a mensagem da verdura
e quase cerram as suas belas pálpebras
e sua pupila se contrai e um arrepio
em seus seios endurece a rosada floração de seus mamilos
e tudo isto acontece na intermitência do mecanismo da
sensibilidade só
porque é manhã e surge o dia
e brotam as fontes e há verdura

## VARIAÇÃO II

quando leonor pela manhã estava nua
acorda e sente essa verdura irmã da
formosura das fontes e da verdura
estende o pé e pisa o chão descalça
e treme de verdura pela formosura da
manhã primeiro jacto da fonte da verdura
seu pé descalço treme de frio como tremem
as faces da verdura abrindo suas bocas
à aragem fria da manhã segura como a
fonte segura da verdura da aurora e nua
como leonor fremente pela verdura e tão
formosa como a fonte que irrompe de
súbito como o dia estende o pé descalço
para fora do leito da fundura da noite
em que dormem as fontes a verdura a
formosura e leonor insegura ergue-se a
caminho pela verdura e na verdura colhe
formosura vai para a fonte nua

## VARIAÇÃO III

leonor

quando
pela manhã

acordou
estava

nua

sente

irmã
da formosura
das fontes
da verdura

logo

estende

o pé
pisa

o chão
descalça

treme

primeiro

a aragem
fria
segura
a fonte

irrompe

de súbito

o dia
do leito
da fundura
da noite
leonor

a caminho

ergue-se

## VARIAÇÃO IV

ia à fonte
madrugada
erguia-se descalça

ia à fonte
formosa
seguia pelo monte

ia à fonte
insegura
perdida na verdura

ia à fonte
madrugada
erguia-se descalça

## VARIAÇÃO V

a fonte
passos p'laverdura
leonorpura

## VARIAÇÃO VI

i
a
v
para a fonte
formosa e não
e e
não
segura
descalça
para
e a
leo
nor
a
verdura
e
LER
v
a
i

## VARIAÇÃO VII

descalça ia leonor. ia àfonte leda efria.
ia lesta &ia. afonte corria. leonorapenasia.
pela aragem fria. pela manhãía. sorria &ia.
leonoria. leonorana leonoria. anaía bela &ia.
despedia. sorria & ia. leonoria leonorana.
pela manhana. florelia floribela. anaflor anaflora.
anafloreana. leonorana. ana&bela e ana&ana. leonorana.
oh quem te ama. leonorama. floriala. floriela.
floriana. oh leonorana. leonorana. leonorfesta.
leonorfasta. leonorafasta. leonortesta. leonormestra.
mestra&ana. leonorana. oh leonorcravo. leonortravo.
comigo te trago. oh leonorana. que me insana.
oh insulana. leonorilha. minha anafilha.
arvoreana. leonorana. oh lucibela. oh lucidor.
analeonor. oloreana. oh leonorana. analiana.
leo&ana. leão de ana. oh quem te ama. leonorama.
amadisana. anatisana. eleonoria. eleonorana.
miridiana. rio de ana. leonorana. oh quem te ama.
leonorama. leonorala. leonorola. anacorola.
anacoreta. leonoreta. rosaliana. leonorana.
leonorinda. leonorana. a la ventana. leonorana.
oh analívia. lívida&ana. viridiana. analionor.
anabellana. a la fontana. leonorana. oh quem te ama.
leonorama. leonor&ana. oh leonorana.

## VARIAÇÃO VIII

descalça leonor a verdura da sua formosura
e sem usura a fonte segura da verdura mui escura
e pura e na verdura leonor dura enverga a formosura
na cintura leonor pura cordura queimadura dura
da formosura cura a verdura de sua dura figura
de doçura fonte de amargura dura e tanta formosura
tem que a fonte dura e então descura
a verdura e corre leonorpura envergando escura
a profundura dura em sua altura a formosura pura
e então dura a mente obscura da impura fonte segura
da hora dura mordidura funda urdidura
da tessitura dura e pura da verdura insegura
e então mura a demorada pura leonura sua formosura
dura comissura pura da tortura da verdura que situra
e então leonorura pisadura longadura e ansiedura
mentepura captadura a verdura insegura
leonorpura saltadura de seu leito pura

## VARIAÇÃO IX

alça ionte
lianor
verdedor iela erdura
descalvai

ai osa i ura

alça ionte
lianor
fermevor iverdevura
verdevai

ai osa i ura

alça ionte
descalvai
verdevai
fermevor
ifontevura
lianor

ai osa i ura

## VARIAÇÃO X

onoronte
velavai
alsaagem
aiorsura
onorente
paleponte
eloonte
eolora
alsaía
alçavura
onorosa
onelor
viaragem
leogura
onoralsa
leorsura
alçorosa
formevura
paralena
veolor

## VARIAÇÃO XI

descalça vai para a fonte. leonor pela verdura.
para a fonte vai segura. leonor e não formosa.
vai descalça. vai verdura. leonor pela formosa.
e não segura. verdura. e não vai para a fonte.
vai leonor. e vai descalça. pela fonte.
para a descalça verdura. a fonte vai. descalça.
pela leonor verdura. pela segura. pela formosa.
para a descalça. pela e não vai. para a leonor.
vai e não para. pela formosa. não para a.
fonte e leonor. vai não verdura. pela descalça.
para a segura. e não para vai. não para a fonte.
leonor para. segura vai. para a não descalça.

## VARIAÇÃO XII

leonor pela verdura não a fonte vai descalça
não formosa para segura pela formosa
e não vai não
para a fonte vai leonor descalça
pela fonte para a descalça
pela e não
vai
para leonor
vai e não
para
não para vai não
para a fonte não
leonor
vai
para a não formosa
para a não descalça
para a não verdura
para a não fonte
para a não leonor

## VARIAÇÃO XIII

vai
fonte d para
e
leonor s a
c
verdura a pela
formosa l e
ç
segura a não
vai

## VARIAÇÃO XIV

L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R
L E O L E O L E O
N O R N O R N O R

L E R L E O N O R

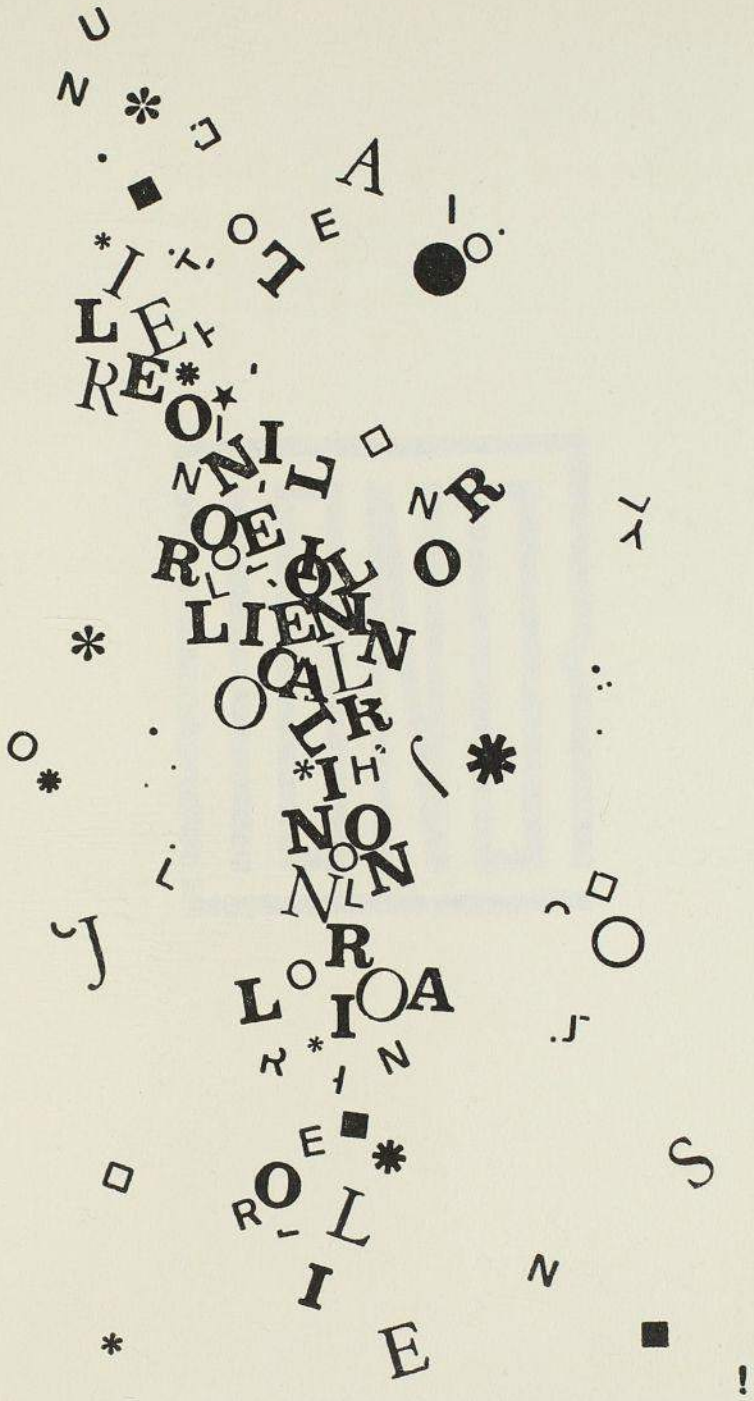
## VARIAÇÃO XV

aaaaaaaaaaa L I A N O R aaaaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaa I A N O R L aaaaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaa A N O R L I aaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaa N O R L I A aaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaa O R L I A N aaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa R L I A N O aaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa L I A N O R aaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa R L I A N O aaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaaaaa O R L I A N aaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaaaa N O R L I A aaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaaaa A N O R L I aaaaaaaaaaaa
aaaaaaaaaaaaa I A N O R L aaaaaaaaaaaaaa
anananananana L I A N O R anananananananana

---

*Na edição original esta Variação foi impressa a duas cores.*

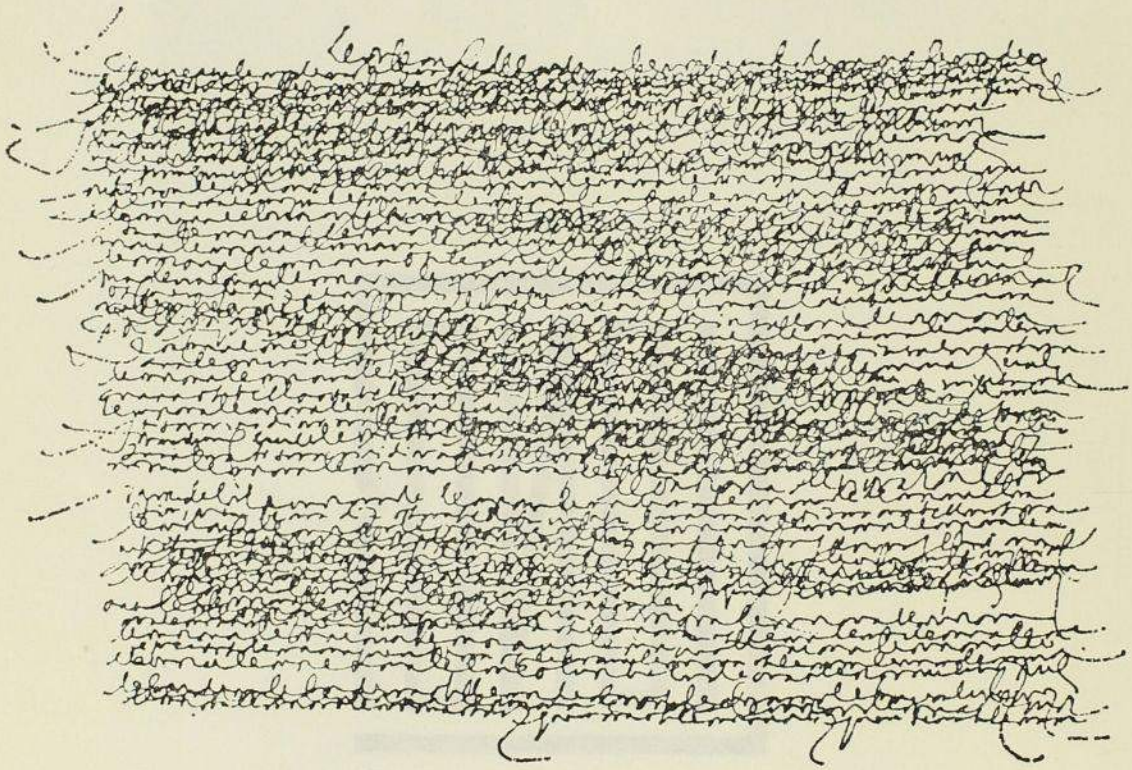
VARIAÇÃO XVI



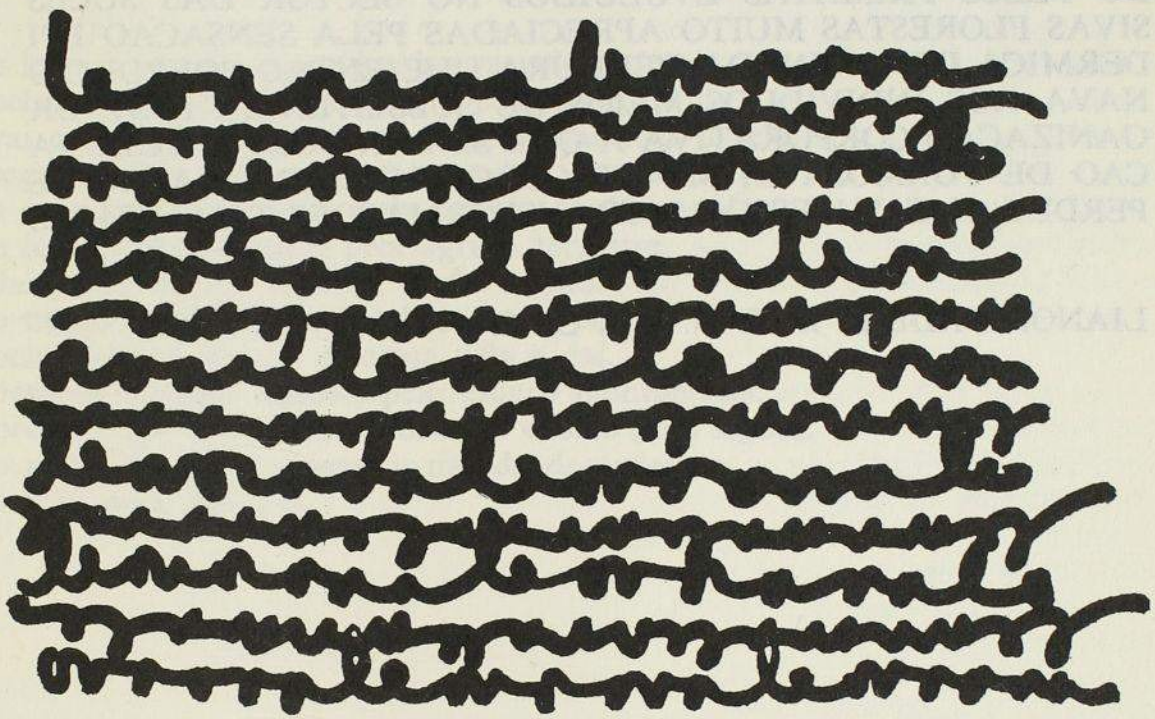
VARIAÇÃO XVII

VARIAÇÃO XVIII

## VARIAÇÃO XIX



VARIAÇÃO XX



VARIAÇÃO XXI

NOS SECULOS AD DA SE A TRANSFORMACAO DO CONCEITO DE ESPACO EM FACTORES ESTETICOS PERMITINDO LUXUO SAS DESLOCACOES A PE ELEMENTO AUTOMOVEL UTILIZA DO PELOS PRIMATAS EVOLUIDOS NO SECTOR DAS SUCES SIVAS FLORESTAS MUITO APRECIADAS PELA SENSACAO EPI DERMICA DENOMINADA VERDURA QUE ENTAO PORPORCIO NAVA AOS INDIVIDUOS MEIOS DE SUBSISTENCIA E DE OR GANIZACAO CORPORATIVA A QUE SE ATRIBUIA A DESIGNA CAO DE FORMOSA ETIMO OBSCURO CUJA ADEQUACAO SE PERDEU NAS SUCESSIVAS TRANSFORMACOES SEMANTICAS

LIANORIDADE 65 LAT. N. — C. CRIS.

## VARIAÇÃO XXII

o honor o pé descalça
o leão vai para o monte
cai negrura pela morosa

o leão o pé descalço cai a honra pelo monte.
pela negrura onorosa a secura pela ponte.
vai custosa. o leão não cai na sela. vai para a vela.
segue e alça. desonor para a exalça. formatura.
a seca negra cai usura pela honrosa. vai despede.
o leão negai pedestre. pela agrura terrestre.
dai pavor o seco erguido. o são rugido.
o negado não pedido. a tela atura e porosa.
pelo negro vigorosa. onorosa zela e cai.
desposa e calça. aquosa. pelo escuro montanhosa.
preto o cão elevado para odonte. o leão pela segura.
o pavor despedi gloriosa. o parado desandai.
o leão para não vai.

## VARIAÇÃO XXIII

L E O
L E O N O R
L E O

quem conhece leonor não desconhece leonor desconhecida
que o desconhecimento de leonor seria a não existência não de leonor
mas do conhecimento dela que é leonor e conhecimento e o conhecimento
dele é dela de leonor bela e a beleza que é um conhecimento é dela
dele e dela porque sendo bela é leonor e conhecida dele e dela
sendo ela e leonor quem não conhece sim quem não conhece
desconhece a bela a letra e o esteta diz dela
conheço é bela mas só conhece dela o belo conhecimento e a existência
quem não conhece sim quem não conhece dela a bela desconhecidamente
verdade dele e dela não é verdade e a verdura sim quem não conhece o belo
verde
e a verdade bela mesmo formosa que é leonor conhecidamente bela
rosa verde e verdade e verdor e verdura e idade e cidade
não é verdade o conhecimento delas deles e dos verdes sim quem não conhece
sobretudo fora da cidade ao longo da idade a verdade da verdura pura
e escura e até fria não é verdade leonor não tem idade
nem cidade nem conhece a formosura que é sua suas dele e delas
as belas verdades conhecidas nas cidades quem não conhece sim as fontes
mesmo nas cidades oh não me digam que não são conhecidas
as desconhecidas fontes de todas as cidades pelas idades dentro das verdades
das verduras belas e até formosas cheias de rosas às vezes ainda verdes sim
quem não conhece desconhece a bela imagem da aragem pela folhagem
não é verdade mesmo na cidade há tantas fontes e mesmo alguns montes
e quem não conhece desconhece o conhecimento deles e delas
e não as conhece a eles e a elas e as letras com que se conhece depois
a aragem e a verdura e a existência insegura e a origem e as fontes
das fontes não é verdade e mesmo na cidade as há e belas
são delas e dela e leonor existente e insegura pela verdura
sim quem não conhece desconhece não leonor desconhecida mas leonor
desconhecidamente bela do conhecimento dela que é ela

L E O
L E O N O R
L E O

## VARIAÇÃO XXIV

quem conhece L E O não desconhece L E O desconhecida
que o des L E O N O R conheciment L E O N O R o de seria a não
existência não L E O de mas do conhecimen L E O to dela que é e
conhecimento e o conhecimento dele é dela de bela e a beleza que é um
conhecimento é L E O dela dele e dela por L E O que sendo bela é
e conheci L E O N O R da dele e L E O N O R dela sendo ela
e quem não con L E O nhece sim quem não con L E O hece desconhece
a bela a letra e o esteta diz dela conheço é bela mas só conhece dela
o belo conheci L E O mento e a existênc L E O ia quem não conhece
sim quem L E O N O R não conhece L E O N O R dela a bela
desconhecidam L E O ente verdade dele e L E O dela não é verdade
e a verdura sim quem não conhece o belo verde e a verdade bela mesmo formosa
que é desconhec L E O idamente bela rosa L E O verde e verdade e
verdor e L E O N O R verdura e L E O N O R idade e cidade
não é verdade L E O o conhecimento del L E O as deles e dos verdes
sim quem não conhece sobretudo fora da cidade ao longo da idade a verdade
da verdura pura L E O e escura e até fria L E O não é verdade não
tem idade L E O N O R nem cidade L E O N O R nem conhece a
formosura que é L E O sua suas dele e del L E O as as belas verdades
conhecidas nas cidades quem não conhece sim as fontes mesmo nas cidades oh
não me digam que L E O não são conhecidas L E O as desconhecidas fontes
de todas L E O N O R as cidades L E O N O R pelas idades dentro
das verdades d L E O as verduras belas e L E O até formosas cheias
de rosas às vezes ainda verdes sim quem não conhece desconhece a bela imagem
da aragem pela L E O folhagem não é verda L E O de mesmo na cidade há
tantas L E O N O R fontes e mes L E O N O R mo alguns montes
e quem não conh L E O ece desconhece o con L E O hecimento deles e delas
e não as conhece a eles e a elas e as letras com que se conhece depois a
aragem e a verd L E O ura e a existência L E O insegura e a origem e
as fontes L E O N O R das fontes não L E O N O R é verdade e mesmo
na cidade as há e belas são delas e dela e existente e insegura pela verdura
sim quem não con L E O nhece não desconhecida L E O mas desconhecidamente
bela do L E O N O R conheciment L E O N O R o dela que é ela
L E O L E O

## VARIAÇÃO XXV

leoleonorleo
quemconheceleonornãodesconheceleonordesconhecida
queodesconhecimentodeleonorseriaanãoexistênciaanãodeleonor
masdoconhecimentodelaqueéleonoreconhecimentoeoconhecimento
deleédeladelenorbelaeabelezaqueéumconhecimentoédela
deleedelaporquesendobelaéleonoreconhecidadeleedela
sendoelaleonorquemnãoconhecesimquemnãoconhece
desconheceabelaaletraeoestetadizdela
conheçoébelamassóconhecedelaobeloconhecimentoeaexistência
quemnãoconhecesimquemnãoconhecedelaabeladesconhecidamente
verdadedeleedelanãoéverdadeeaverdurasimquemnãoconheceobeloverde
eaverdadebelamesmoformosaqueéleonorconhecidamentebela
rosaverdeeverdadeeverdoreverduraeidadeecidade
nãoéverdadeoconhecimentodelasdelesedosverdessimquemnãoconhece
sobretudoforadacidadeaolongodaidadeaverdadedaverdurapura
eescuraeatéfrianãoéverdadeleonornãotemidade
nemcidadenemconheceaformosuraqueésuasuasdeleedelas
as belasverdadesconhecidasnascidadesquemnãoconhecesimasfontes
mesmonascidadesohnãomedigamquenãosãoconhecidas
asdesconhecidasfontesdetodasascidadespelasidadesdentrodasverdades
dasverdurasbelasatéformosascheiasderosasàsvezesaindaverdessim
quemnãoconhecedesconheceabelaimagemdaaragempelafolhagem
nãoéverdademesmonacidadehátantasfontesemesmoalgunsmontes
equemnãoconhecedesconheceoconhecimentodelesedelas
enãoasconheceaeleseaelaseasletrascomqueseconhecedepois
aaragemeaverduraeaexistênciainseguraeaorigemeasfontes
dasfontesnãoéverdadedeemesmonacidadeasháebelas
sãodelasedelaleonorexistenteinsegurapelaverdura
simquemnãoconhecedesconhecenãoleonordesconhecidamasleonor
desconhecidamentebeladoconhecimentodelaqueéela
loleonorleo

## VARIAÇÃO XXVI

l e o
l e o n o r
l e o

quemconheceleonornaodesconheceleonordesconhecida
queodesconhecimentodeleonorseriaanaoexistencianao
deleonormasdoconhecimentodelaqueeleonoreconhecim
entoeoconhecimentodeledeladeleonorbelaeabelezaque
eumconhecimentoedeladeledelaporquesendobelaeleon
oreconhecidadeledelasendoelaeleonorquemnaoconhe
cesimquemnaoconhecedesconheceabelaaletraeoesteta
dizdelaconheçoebelamassoconhecedelaobeloconhecim
entoeaexistenciaquemnaoconhecesimquemnaoconhece
delaabeladesconhecidamenteverdadedeledelanãoev
erdadeeaverdurasimquemnãoconheceobeloverdeeaverda
debelamesmoformosaqueeleonorconhecidamentebelaro
saverdeeverdadeeverdoreverduraeidadeecidadenao
rdadeoconhecimentodelasdelesedosverdessimquemnao
conhecesobretudoforadacidadeaolongodaidadeaverda
dedaverdurapuraeescuraeatefrianaoeverdadeleonornao
temidadenemcidadenemconheceaformosuraqueesuasuas
deledelasasbelasverdadesconhecidasnascidadesquem
naoconhecesimasfontesmesmonascidadesohnaomediga
mquenaosaoconhecidasasdesconhecidasfontesdetodas
ascidadespelasidadesdentrodasverdadesdasverdurasbe
laseateformosascheiasderosasasvezesaindaverdessim
quemnaoconhecedesconheceabelaimagemdaaragempela
folhagemnaoeverdademesmonacidadehatantasfontesem
esmoalgunsmontesequemnaoconhecedesconheceoconhe
cimentodelesedelasenaoasconheceaeleseaelaseasletras
comqueseconhecedepoisaaragemeaverduraeaexistencia
inseguraeaorigemeasfontesdasfontesnaoeverdadeeme s
monacidadeashaebelassaodelasedelaeleonorexistente
inseguraperlaverdurasimquemnaoconhecedesconhecena
oleonordesconhecidamasleonordesconhecidamentebela
doconhecimentodelaqueeela

l e o
l e o n o r
l e o

## VARIAÇÃO XXVII

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| LEO | nor | LEN | oor | LON | eor | EON | lor | OLO | ren | NER | olo |
| ELO | nor | ELN | oor | OLN | eor | OEN | lor | LOO | ren | ENR | olo |
| LOE | nor | LNE | oor | LNO | eor | ENO | lor | OOL | ren | NRE | olo |
| OLE | nor | NLE | oor | NLO | eor | NEO | lor | OOL | ren | RNE | olo |
| EOL | nor | ENL | oor | ONL | eor | ONE | lor | LOO | ren | ERN | olo |
| OEL | nor | NEL | oor | NOL | eor | NOE | lor | OLO | ren | REN | olo |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | LENO | or | LNOE | ro | LONO | er | LORE | no | REOL | on |
| | | ELNO | or | NLOE | ro | OLNO | er | OLRE | no | EROL | on |
| | | LNEO | or | NOLE | ro | LNOO | er | LROE | no | ROEL | on |
| | | NLEO | or | ENOL | ro | NLOO | er | RLOE | no | OREL | on |
| | | ENLO | or | NEOL | ro | ONLO | er | ORLE | no | EORL | on |
| | | NELO | or | NOEL | ro | NOLO | er | ROLE | no | OERL | on |

| | | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | LNOOE | r | EONOL | r | ORELN | o | RONOL | e |
| | | | | NLOOE | r | OENOL | r | ROELN | o | ORNOL | e |
| | | | | NOLOE | r | ENOOL | r | OERLN | o | ONROL | r |
| | | | | OONLE | r | NEOOL | r | EORLN | o | NOORL | e |
| | | | | NOOLE | r | ONEOL | r | REOLN | o | ONORL | e |
| | | | | ONOLE | r | NOEOL | r | EROLN | o | OONRL | e |

## VARIAÇÃO XXVIII

| | | |
|---|---|---|
| o o e L n r | l o e N o r | n o o R e l |
| o e o L n r | o l e N o r | o n o R e l |
| e o o L n r | e o l N o r | o o n R e l |
| r o o L e n | r l o N e o | l n o R o e |
| o r o L e n | l r o N e o | n l o R o e |
| o o r L e n | o l r N e o | o n l R o e |
| n o o L r e | o l o N r e | e n o R l o |
| o n o L r e | l o o N r e | n e o R l o |
| o o n L r e | o o l N r e | o n e R l o |

| | |
|---|---|
| n o r E o l | l o r O e n |
| o n r E o l | o l r O e n |
| r n o E o l | r o l O e n |
| l n o E r o | n l o O r e |
| n l o E r o | l n o O r e |
| o n l E r o | o l n O r e |
| o n o E l r | e l o O n r |
| n o o E l r | l e o O n r |
| o o n E l r | o l e O n r |

## VARIAÇÃO XXIX

L e o n o r
e L o n o r
e o L n o r
e o n L o r
e o n o L r
e o n o r L

o n o r e L
o n o r L e
o n o L r e
o n L o r e
o L n o r e
L o n o r e

n o r o e L
n o r o L e
n o r L o e
n o L r o e
n L o r o e
L n o r o e

L r e o n o
r L e o n o
r e L o n o
r e o L n o
r e o n L o
r e o n o L

## VARIAÇÃO XXX

escrevo leonor porque descrevo e descrevo porque escrevendo o tempo
inscreve-se nas linhas imaginárias por onde escrevo o que descrevo as parábolas
que descrevo escrevendo descrevendo desescrevendo o sendo de escrever o ente
o descrevemente de escrever da mente dedescrever a mente e mentalmente
escrevo e depois descrevo o que era elemento mental e meu momento
para que se reconstrua o meu tempo de escrever realmente o que escrevo é
o que descrevo e me escreve e me descreve e se escrevo leonor descrevo
leonormente descritamente escritamente ninguémmente fenomenoescrita
de leonordita descrita pela escrita que a escreve e não descreve mas inscreve
na mente e que mais não faz o consistimento só quem escreve sabe
a imolação da comunicação que damente se desmente com perfeito
conhecimento
enquanto leonor permanece no depoimento que escrevo mas não descrevo
isto é descrevo escrevendo e não sendo nem um nem endo contra
a correndo chego ao encontro do desconhecimento e objectivamente então
vou escrever pensarescrita a leonordita e a mão decorre escorre pela escrita
em que leonor se suspende de que depende e teoricamente infinitamente
descrevo o negativo da minha própria mente o tempo mentalmente
descrevo escritamente plasticamente elasticamente e não descrevo inscrevo
geometricamente progressivamente com leonor que é a minhamente
o ente existente anfigurimente leonormente excrescendo o próprio cimento
dopensamento a instalação e o tempomente que obstrue a mente e leonor
surge e fica subjacente no fundo da superfície da mente
sensivelmente como se a apercebesse e não apenas a escrevesse para que a visse
como se não existisse mentalmente como se não existisse apenas e mentalmente
eu sou a que conhece dos outros a mente o ente inscrível escrível
realisto e letral onde está o livro mental a escritalidade
a distinguição apugnal agrande conquista livral a frieza
não há livro onde não esteja temos de assumir as imperfeitas
ocontroverso overso oreverso oinverso osinverso oadverso
e leonor universo sobretudo folheá-la leonor é infinita
porque é escrita e ninguém se apercebe a não ser lendo
anãoserlendo lendolendolendolendo

## VARIAÇÃO XXXI

L endo leonor a litera lea L
E mérita esmerada já pressent E
O ónoma e a cor mas como O
N ome não se sente só no so N
O próprio ler o seu é tod O
R eferido ao lido sendo mo R
A ssim a litera leal assent A
N o ónoma normal do próprio do N
A lém de ler leonor no lograr lê-l A

## LIVRO IV — META-LEITURA (1968-69)

TEOREMA:

Ao nível do significado, um texto poético possui tal integridade funcional e é constituído por elementos de tal modo autónomos que suporta sem prejuízo as fragmentações mais sistemáticas.

DEMONSTRAÇÃO

I — texto integral
II — eliminação das palavras-chaves do texto
III — eliminação de uma palavra em cada grupo de cinco (excepto no primeiro)
IV — eliminação dos verbos
V — negativo de II
VI — negativo de IV
VII — negativo de III

I

alfabetos juncavam as cidades e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação dos sons imagens que circulavam livremente porque cada um podia emitir quantos fonemas quisesse e criar quantas imagens quisesse o que resultava numa selva escorregadia e ensurdecedora e as criaturas traziam os alfabetos colados à pele e eram uns dos outros incessante leitura e eu vivia em letra muito pequena e por outro lado encontrava-me constantemente com os outros e um dia marcámos encontro num hotel cheio de ilustrações e corredores enormes eu perguntava mas já não falava abriam-se portas que davam para mais maiúsculas e corredores vazios aliás não estava lá ninguém e por outro lado eu sabia que havia tantas imagens e comecei a correr e descobri uma série de degraus tinha tanta pressa das imagens lançava-me pelas linhas a baixo e voava pela pontuação e atravessava a correr um capítulo de anagramas uma caixa de anfiguris já não podia voltar não sei porquê a mudez tomara posse e só as páginas ocupavam todo o formato possível única coisa que podia interessar ao estado de legibilidade não sei dizer melhor é uma espécie de charneira estamos vogando em várias formas atravessando imagens estou vogando pela língua fora sacode-me o embate dos corpos que aspiram ao legível respiro anáforas vagueio de escritas eles desejam imprimir o meu corpo é já um sintoma de ser possível ler-me em outro estado em outras esferas a actividade é mais intensa e a ilegibilidade permanece um círculo de círculos do outro lado do visível produzido por milhões de palavras antes de serem formuladas é daí que resultam as consequências imprevisíveis o escrito deslizar das mensagens durante muito tempo perguntei vale mais abrir os olhos e ter medo ou abrir os olhos do que ter medo e então o legível era o outro lado da imagem e os alfabetos floresciam e tornavam-se tão frondosos e os corpos naufragavam nas imagens e florestas de papel juncavam as cidades e entravam pelas bocas dentro e ficavam penduradas da língua e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação das folhas que circulavam livremente carregadas de tinta e pelas ensurdecedoras máquinas as criaturas traziam os alfabetos colados aos dedos e todo o visível tende ao ilegível não sei dizer melhor as prensas desposam as formas do meu corpo no seu desejo de ladrar morder

trincar arranhar agarrar pelas goelas escorrer baba sacudir caudas chapinhar no ar no seu desejo de rugir rosnar uivar de grandes dentes abrirem fenda em folhas escorregadias desejo de arfar bater apressadas pulsações e tudo treme e estala e tudo sai de seus lugares o ar é movido pelo remoinho da escrita as letras saem de seus corpos é já um sintoma de ser possível não se pergunte a ilegibilidade permanece além

II

juncavam as cidades e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação dos que circulavam livremente porque cada um podia emitir quantos quisesse e criar quantas quisesse o que resultava numa selva escorregadia e ensurdecedora e as criaturas traziam os colados à pele e eram uns dos outros incessante e eu vivia em muito pequena e por outro lado encontrava-me constantemente com os outros e um dia marcámos encontro num hotel cheio de e corredores enormes eu perguntava mas já não falava abriam-se portas que davam para mais e corredores vazios aliás não estava lá ninguém e por outro lado eu sabia que havia tantas e comecei a correr e descobri uma série de degraus tinha tanta pressa das lançava-me pelas a baixo e voava pela e atravessava a correr um de uma caixa de já não podia voltar não sei porquê a mudez tomara posse e só as ocupavam todo o possível única coisa que podia interessar ao estado de não sei dizer melhor é uma espécie de estamos vogando em várias atravessando estou vogando pela sacode-me o embate dos que aspiram ao respiro vagueio de eles desejam o meu corpo é já um sintoma de ser possível em outro estado em outras esferas a actividade é mais intensa e a permanece um círculo de círculos do outro lado do produzido por milhões de antes de serem formuladas é daí que resultam as consequências o deslizar das durante muito tempo perguntei vale mais abrir os olhos e ter medo ou abrir os olhos do que ter medo e então o era o outro lado da e os floresciam e tornavam-se tão frondosos e os naufragavam nas e florestas de juncavam as cidades e entravam pelas bocas dentro e ficavam penduradas e as criaturas viviam alucinadas pela acumulação das que circulavam livremente carregadas de e pelas ensurdecedoras as criaturas traziam os colados aos dedos e todo o tende ao não sei dizer melhor as desposam as formas do meu corpo no seu desejo de ladrar morder trincar arranhar agarrar pelas goelas escorrer baba sacudir caudas chapinhar no ar no seu desejo de rugir rosnar uivar de grandes dentes abrirem fenda em escorregadias desejo de arfar bater apressadas pulsações e tudo treme e estala e tudo sai de seus lugares o ar é movido pelo remoinho da as saem de seus é já um sintoma de ser possível não se pergunte a permanece além

## III

alfabetos juncavam cidade e as criaturas alucinadas pela acumulação
dos imagens que circulavam livremente cada um podia emitir
fonemas quisesse e criar imagens quisesse o que numa
selva escorregadia e e as criaturas traziam alfabetos colados à
pele eram uns dos outros leitura e eu vivia letra muito
pequena e outro lado encontrava-me constantemente os outros e um
marcámos encontro num hotel de ilustrações e corredores eu
perguntava mas já falava abriam-se portas que para mais maiúsculas
e vazios aliás não estava ninguém e por outro eu sabia que
havia imagens e comecei a e descobri uma série degraus tinha
tanta pressa imagens lançava-me pelas linhas baixo e voava pela
e atravessava a correr capítulo de anagramas uma de anfiguris já não
voltar não sei porquê mudez tomara posse e as páginas ocupavam
todo formato possível única coisa podia interessar ao estado legibilidade
não sei dizer é uma espécie de estamos vogando em várias
atravessando imagens estou vogando língua fora sacode-me o
dos corpos que aspiram legível respiro anáforas vagueio escritas eles
desejam imprimir meu corpo é já sintoma de ser possível em outro
estado em esferas a actividade é intensa e a ilegibilidade
um círculo de círculos outro lado do visível por milhões de
palavras de serem formuladas é que resultam as consequências
o escrito deslizar das durante muito tempo perguntei
mais abrir os olhos ter medo ou abrir olhos do que ter e então o
legível o outro lado da e os alfabetos floresciam tornavam se tão
frondosos e corpos naufragavam nas imagens florestas de papel juncavam
cidades e entravam pelas dentro e ficavam penduradas língua e as
criaturas alucinadas pela acumulação das que circulavam livremente
carregadas tinta e pelas ensurdecedoras as criaturas traziam os
colados aos dedos e o visível tende ao não sei dizer melhor
prensas desposam as formas meu corpo no seu de ladrar morder
trincar agarrar pelas goelas escorrer sacudir caudas chapinhar no
no seu desejo de arfar bater pulsações e tudo treme estala e
tudo sai seus lugares o ar movido pelo remoinho da as letras saem de
corpos é já um de ser possível não pergunte a ilegibilidade
permanece

IV

alfabetos as cidades e as criaturas pela acumulação
dos sons imagens que livremente porque cada um
quantos fonemas e quantas imagens o que numa
selva escorregadia e ensurdecedora e as criaturas os alfabetos à
pele e uns dos outros incessante leitura e eu em letra muito
pequena e por outro lado constantemente com os outros e um dia
encontro num hotel cheio de ilustrações e corredores enormes eu
mas já não portas que para mais maiúsculas
e corredores vazios aliás não lá ninguém e por outro lado eu que
tantas imagens e e uma série de degraus
tanta pressa das imagens pelas linhas a baixo e pela pontuação
e um capítulo de anagramas uma caixa de anfiguris já não
não porquê a mudez e só as páginas
todo o formato possível única coisa que ao estado de legibilidade
não melhor uma espécie de charneira em várias
formas imagens pela língua fora o embate
dos corpos que ao legível anáforas de escritas eles
o meu corpo já um sintoma de possível em outro
estado em outras esferas a actividade mais intensa e a ilegibilidade
um círculo de círculos do outro lado do visível por milhões de
palavras antes de daí que as consequências
imprevisíveis o escrito das mensagens durante muito tempo
mais os olhos e medo ou os olhos do que medo e então o
legível o outro lado da imagem e os alfabetos e tão
frondosos e os corpos nas imagens e florestas de papel
as cidades e pelas bocas dentro e da língua e as
criaturas pela acumulação das folhas que livremente
de tinta e pelas ensurdecedoras máquinas as criaturas os
alfabetos aos dedos e todo o visível ao ilegível não melhor
as prensas as formas do meu corpo no seu desejo de
pelas goelas baba caudas no
ar no seu desejo de de grandes dentes fenda em folhas
escorregadias desejo de pulsações e tudo e e
tudo de seus lugares o ar pelo remoinho da escrita as letras de
seus corpos já um sintoma de possível não se a ilegibilidade
além

V

alfabetos
sons imagens
fonemas imagens
alfabetos
leitura letra
ilustrações
maiúsculas
imagens
imagens linhas pontuação
capítulo anagramas anfiguris
páginas
formato legibilidade
charneira
formas imagens língua fora
corpos legível anáforas escritas
imprimir ler-me
ilegibilidade
visível
palavras
imprevisíveis escrito mensagens

legível imagem alfabetos
corpos imagens papel
língua
folhas
tinta máquinas
alfabetos visível ilegível
prensas
folhas

corpos escrita letras
ilegibilidade

VI

juncavam viviam alucinadas
circulavam podia emitir
quisesse criar quisesse resultava
traziam colados
eram vivia
encontrava-me
marcámos
perguntava falava abriam-se davam
estava sabia
havia comecei a correr descobri tinha
lançava-me voava
atravessava a correr
podia voltar sei tomara posse ocupavam
podia interessar
sei dizer é estamos vogando
atravessando estou vogando sacode-me
aspiram respiro vagueio
desejam imprimr é ser ler-me
é permanece
produzido
serem formuladas é resultam
deslizar perguntei
vale abrir ter abrir ter
era floresciam tornavam-se
naufragavam juncavam
entravam ficavam penduradas
viviam alucinadas circulavam
carregadas traziam
colados tende sei dizer
desposam ladrar morder
trincar arranhar agarrar escorrer sacudir chapinhar
rugir rosnar uivar abrirem
arfar bater apressadas treme estala
sai é movido saem
é ser pergunte
permanece

VII

as viviam
sons porque
quantos quantas resultava
ensurdecedora os
incessante e em
por com dia
cheio enormes
não davam
corredores lá lado
tantas correr de
das a pontuação
um caixa
podia a só
o que de
melhor charneira
formas pela embate
ao de
o um ler-me
outras mais permanece
do produzido
antes daí
imprevisíveis mensagens
vale e os medo
era imagem e
os e
as bocas da
viviam folhas
de máquinas
alfabetos todo ilegível
as
arranhar baba
ar rugir dentes
escorregadias apressadas e
de é escrita
seus sintoma se
além

# ESTRUTURAS POÉTICAS — OPERAÇÃO 2

1967

PROGRAMA

TIPO A

deslocação semântica de uma palavra privilegiada num contexto

TIPO B

evolução semântica acelerada de uma palavra privilegiada num contexto

TIPO C

vocábulos gregos ou latinos e neologismos concebidos a partir de raízes clássicas, cujo significado é obscuro ou foi obscurecido, adquirem comunicabilidade fonética e formal

VARIANTE A

palavras cujo emprego se desprezou ou caiu em desuso ou cujo significado inicial se desvirtuou com o uso, são aplicadas com rigor etimológico

TIPO D

uma linguagem simples e uma sintaxe lógica são perturbadas por um processo subjacente de sistemática descolocação do significado

VARIANTE A

a descolocação do significado é alternadamente real e simulada

TIPO E

descolocação por metáfora e metonímia

TIPO F

contrastes resultantes do rigor etimológico da linguagem, da desmontagem da metáfora, da descolocação do significado, do emprego da recorrência

TIPO G

metalinguagem

TIPO H

comutação do sintagma

## Tipo A — A DESCOLOCAÇÃO NO ESPAÇO OU NO TEMPO

O acaso é uma noção científica.
O uso do acaso é um acaso como a utilização humana dos seres humanos.
A utilização dos seres humanos é um acaso usual como os seres humanos são acaso.
O acaso é cientificamente ocasional e como tal é usado.
E tudo o que é usado é ocasional
como o não usado
enquanto tudo é acaso, noção científica do instante em série.
O acaso é uma progressão serialmente ordenada e harmonicamente conjugada e como tal ocasional e uso.
Cientificamente o acaso é o que é constantemente recolocado no seu ser não estando
E constantemente se descolocando finalmente se coloca fora do seu ser em tudo estando e não
serialmente acontecendo e não sendo
pela sua descolocação constante no espaço ou no tempo ou no acontecimento.
A utilização humana do acaso é a consequência do acontecimento do acaso humano que utiliza
e por ele é utilizado.
O acontecimento humano é um acaso que a todo o instante necessita colocação no espaço ou no tempo ou no próprio acontecimento do acaso em sua fronteira.
E buscando a sempre descolocada fronteira do acaso a si próprio se descoloca.
Se descolocando se desloca e desse modo sempre procura colocar-se paralelamente ou do outro lado do acaso que acaso se chamará passar para o outro lado
Ou cruzar a fronteira do acaso é buscar o uso da colocação a utilidade intrínseca do acontecimento deslocado no movimento do acontecimento.
O viajante que a todo o instante tenta cruzar a fronteira do espaço ou do tempo ou do acontecimento arde na intensa pira do acontecimento perseguido e no espaço ou no tempo ou no movimento ocasiona o núcleo invisível da fronteira que separa um acontecimento do outro e tudo reune sob a forma de descolocação.
O acaso está sempre em estado de ser colocado e a todo o instante procurado se recoloca no acontecimento instante do seu ser entretanto
acaso único e usual utente.
E no desfazemento entre o que é acaso e o que ocasionalmente é ocasionado está o acaso permanentemente descolocado.

## Tipo B — A ESSÊNCIA DO DETERGENTE

Foi quando recentemente relia um livro de Rimbaud que deparei com a surpreendente palavra detergente.

Senti um sobressalto, fiquei perplexa. Durante um certo tempo mantive-me em esse estado de perplexidade. Seguidamente comecei reflectindo. Captara uma imagem, um estímulo. Mas que espécie de imagem? Que espécie de estímulo? Então a minha perplexidade evoluiu: fiquei perplexa da minha perplexidade.

Levei ainda algum tempo a analisar esse meu estado emocional. Precisava de transformar os produtos de essa reacção. Mas, se é certo que para analisar temos de decompor, a etimologia no-lo ensina assim como a prática laboratorial, nesse processo arriscamo-nos a recolher as partes de que se compõe o todo, objecto da análise, perdendo-se assim, eventualmente, o objecto já que é sabido que o todo é diferente de suas partes. Ficaria assim perante um objecto atomisado, ponderalmente desqualificado.

Achei curioso.

Achei-me perante essa palavra detergente e verifiquei que podia desde logo decompô-la em três partes: de ter gente, deter gente e deterge ente. Mas nenhuma destas partes era detergente.

A sua detergência fundamental diluira-se criando contudo uma nova, como direi, consistência. Verifiquei então que detergente era algo consistente. Em que consistia, porém? Em sua concisão? Em sua consistência?

Detergente era algo de agente, algo de agir na gente de uma forma detergente. Uma maneira de ser gente, de ter gente, de deter gente. De detergir o ente. Mas qual ente?

Ah como era pouco detergente!

Retomei então o meu processo reflexo e fazendo coincidir a consistência da detergência sobre a sua própria incidência, produzi uma nova imagem em tudo distinta da primeira e obtive: detergente.

Então compreendi.

Compreendi a incidência da detergência, a insistência da detergência, a urgência da detergência. E em sua qualidade premente o detergente. Em sua qualidade de ter gente, de deter gente em sua detergência de detergente ente.

Então o todo era de facto desigual de suas partes porque suas partes eram detergentes e finalmente o ente detergido, em si reunido, criava a fundamental qualidade vital da detergência, que é o essencial essente detergente.

## Tipo C — O PRODÍGIO É SEMPRE INSOLITAMENTE CONCEBIDO E CÚPIO

O prodígio é sempre insolitamente concebido e cúpio
É um jacto facto confício olho capto mito tríbuo acontecimento múnio e vénio
Métua audição de uma mundícia urgente de todas as cosas concebidas
Tributo scívio a um fluxo estático disção conduta de uma cópia primeira inexaurível
Prodígio é tudo o que acontece sem ser concebido e no entanto é sido no momento accípio
Cúpio e jamais percebido e como tal é tido ignorado e sido
Um facto
Um facto que acontece uma obediência ao secreto dono rogo e turbo facto
O conceber é isso
O que não se vê enquanto acontece
O prodígio do facto acontece porque é um facto e tudo o que está feito aconteceu muito antes
O que acontece é um facto se acontece e se não acontece é também um facto porque ambos só são facto depois de ter havido o primeiro acontecimento matriz de todos os factos
Quando o primeiro acontecimento adfoi todo o resto não defora inesse
Porque tudo præera
E de cada vez que um facto acontece é uma maneira de subsimento
Subsimento do acontecimento que prefora porque superser é sobreviver e sobrar
O prodígio é um acontecimento insolitamente concebido como criar o tempo e percorrê-lo como um corredor para onde dão inumeráveis portas
O prodígio é sempre insolitamente concebido pela surpresa do desconhecido sólito acontecimento prodígio incansável de percorrer a estrada nenhuma de eu criar todos os caminhos inconcebíveis de um percurso
Por tudo estar ali prodigiosamente à espera de não acontecer nunca e no entanto ser
Estando ali no nunca acontecido facto primeiro
Como debruçarmo-nos sobre uma balaustrada saliente sobre o espaço apenas ali
E não se ver absolutamente nada enquanto tudo acontece vivamente formal e rápido ali
Sem que nada se veja porque não acontece
E no entanto já foi concebido
E é
Para além do prodígio preclaro præmente

Tipo C — Variante A — CARTA MISSIVA DE UM PERIPATO PREOCUPADO COM A SUA MATÉRIA FORMA E PRIVAÇÃO

Em contacto com o meio ambiente o indivíduo camaleôa-se.
Enche o ambiente de complicadas expressões de protesto e obriga as pessoas a circular por entre elas, o que explica a razão por que aqui ninguém jamais consegue estar perfeitamente eleutério.
Diógenes o sabia e por isso era um cínico palavra que na origem designa cão.
Como diz um aforismo alquimista: se a pedra fosse uma pedra não lhe teríamos chamado pedra.
É preciso controlar o filomuso.
É preciso sermos eusébios para que nos possamos sentir um dia verdadeiramente macários.
Consideremos que a matéria é um ente indiferente
a forma um ente incompleto
e a privação é a falta de uma antiga
forma ou ente
A utilidade do silogismo é demonstrar a maldade semântica, inimiga da filáucia.
Suas qualidades gestálticas fomentam a possível equivocação, vocação do equívoco ou das vozes équias.
É preciso sabermos que é impossível contar todas as margens de um rio.
Consideremos a margem das moléculas.
É difícil definir as coisas miríade.
Seu ónoma.
Em contacto com o meio ambiente quando o indivíduo se camaleoa está no leito do leão parcial.
Soletra-se solerta-se e obsoleta-se.
Torna-se radiante como o princípio da roda.
Podia muito bem voltar agora e chamar-te minha antologia
Oh coisa pênsil
Oh pulcro e pirotécnico

## Tipo D — A FATALIDADE GRÁTIS

Lendo um artigo sobre Romain Rolland deparei subitamente com isto: «A fatalidade confunde-se com o acto gratuito, forma do nada. Cada dia o homem assegura a sua oportunidade ao nada.»
Fiquei muito contente. Ficamos sempre muito contentes quando descobrimos alguma coisa que já sabíamos. Gostamos muito de nos sentirmos confirmados. Eu gosto particularmente das afirmações negativas. Procurar o aparente lado negativo dos actos ou o aparente lado positivo; é-me indiferente.
Pratico o acto gratuito.
Todos os actos devem ser essencialmente gratuitos. As convenções são a mais extraordinária forma de gratuitidade e por isso eu as pratico e sistematicamente.
Duma forma gratuita, isto é, sem outra finalidade que não seja a da sua própria revelação de quota grátis.
Particularmente as emoções me servem em meus trabalhos de pesquisa. As emoções são gratuitas, simples: são a reacção a determinados estímulos. Conhecendo o mecanismo das emoções poderemos utilizar os estímulos conhecidos e observar os efeitos esperados.
Gratuitamente.
Em latim grátis significa sem proveito.
E isso interessa-me porque como de todos os actos tiro proveito, nada me é grátis. Logo a prática do acto gratuito puro é impossível. E isso interessa-me porque me revela que jamais praticarei um acto grátis.
Não pode haver nada grátis porque tudo é relação de causa e efeito? Assim, a fatalidade não pode confundir-se com o acto gratuito porque se ela é simultaneamente a causa e o efeito ela é também o pináculo do interesse, do seu próprio interesse.
Poderia considerar a fatalidade como uma noção abstracta que é, se ela não tivesse imediata aplicação prática, que tem. Logo a fatalidade não me interessa. E é aí que ela pode começar a interessar-me, porque é aí que ela se pode revelar grátis. Interessa-me dar o salto mortal e cair de pé porque isso destrói o grátis possível. Mas considero que a sistemática reprodução do acto interessado causa a inefável distância etimológica que determina psicologicamente a sua inutilidade, sintoma do grátis.
Interessa-me a figura de Séneca porque ele era poderoso e quis abdicar do poder. Não é porque isso seja difícil. Não. É que ele praticou um acto profundamente interessado: ele não abdicou do poder, substituiu um poder por outro.

Diógenes substitui o sol ao imperador enquanto Anaxágoras afirma que quem quiser utilizar uma candeia nela deve deitar azeite.
Anaxágoras é que tem razão.
Porque a candeia é dispensável e o sol não. Embora o sol também seja idealmente dispensável. É preciso vivermos porque a nossa vida é dispensável. Posso calcular o valor da minha vida, o valor do sol na minha vida e posso concluir que se o sol é indispensável à minha vida, se a minha vida é dispensável também o sol o será. Logo, o interesse é tão diminuto que é quase negligenciável.
Logo, interessa-me.
Nas pessoas interessam-me os aspectos negativos porque são os mais inevitáveis, logo, os que têm menos interesse.
Logo, são importantes.
A fatalidade mitológica ou a fatalidade estatística não diferem, já vimos. Dão-nos apenas uma outra perspectiva do mesmo ângulo. Tanto faz acreditar na terrível fatalidade grega como na científica fatalidade do provável. É indiferente. Logo, interessa-me.
Não praticando actos gratuitos aproximo-me do grátis, tanto quanto praticando-os me afasto. Mas como a distância, essa distância que significa interesse, é quase incalculável, resta-me considerar o determinismo como a suprema gratuitidade.
Assim a questão encontra-se reduzida à sua forma mais simples: é desconhecendo a finalidade última de tudo que tudo se me pode tornar gratuito. Porque assim igualmente desconheço a possibilidade de essa mesma finalidade última ser inútil.

Tipo D — Variante A — A TENSÃO PSICOLÓGICA

Ultimamente tenho andado bastante eufórica. Tenho trabalhado bem e as minhas pesquisas têm produzido os melhores frutos. Ontem, por exemplo.

Tenho um amigo construtor com quem cortei abruptamente relações há cerca de dez anos. De repente lembrei-me de ir visitá-lo. Devo dizer que a tensão psicológica entre as nossas pessoas era do grau da tensão máxima dos vapores. Lei de Boyle-Mariotte, câmaras de ar, máquinas de compressão, etc.

Dizia eu que me lembrei de ir visitar esse meu ex-amigo. Cheguei à oficina dele e bati à porta. Bati duas vezes porque a oficina era muito grande e o som levava concerteza muito tempo a chegar ao sítio onde ele provavelmente se encontrava, isto é, lá no fundo. Contei com o eco, duas vezes 17, medi a velocidade, esperei pelo embate nos tímpanos.

Depois de eu ter então batido duas enérgicas vezes ele veio abrir. Abriu e viu-me.

PRIMEIRA FASE. Ele ficou absolutamente espantado. Registei: pausa brusca. *Ped ✱ O min.*

Como o estímulo da minha presença provocou no seu psiquismo uma forte emoção, a da surpresa, ele não pôde lembrar-se de que há dez anos cortáramos abruptamente relações. Convidou-me pois a entrar. Sorrindo e muito étnico.

Estava muito bem vestido. Convidou-me a sentar. Sentei-me. Começou a falar animadamente, perguntando o que tem feito, como vai a sua família. Ao que eu correspondi com igual animação perguntando e a sua mulher, como está, cada vez mais feia, não.

Aí ele estacou. Registei: nova pausa brusca. *Ped ✱ O min. Idem.*

Com a maior atenção prossegui animadamente. Mas ele ficara perturbado. Levantou-se, dirigiu-se para mais dentro e disse qualquer coisa aos discípulos, qualquer coisa que não pude ouvir. Quando regressou de esses três metros de percurso recuperara alguma calma. Registei: *Ped ✱ stretto met. 72.*

Quando ele ficou outra vez sentado diante de mim, de novo sorrindo com um certo enlevo miscelâneo, eu disse, sabe, eu vim cá porque faz agora precisamente dez anos que lhe emprestei um chapéu de palha e considerei que a partir de agora me é impossível ceder-lho por mais tempo. Ele ia estacar outra vez mas depois acelerou e respondeu, ah mas eu não posso dar-lhe esse chapéu, ele é-me absolutamente indispensável, não posso viver sem ele. E depois de tantos anos, na verdade não vejo como ele pode fazer-lhe falta. Então eu disse, como você se engana. Repare, há dez anos que esse chapéu me faz falta, imagine como a sua necessidade se deve ter acumulado. Agora é que ele me é verdadeiramente indispensável.

Ele estava ficando perplexo. Respondia com argumentos etnocêntricos porque começava a julgar que compreendia o motivo da minha visita. Registei: *Ped ✻ F ac. 1 min. 10.*

Fiz então uma longa pausa bem calculada durante a qual fitei insistentemente os atacadores dos sapatos dele. Subitamente disse, da última vez que o vi você estava extremamente ocupado com a compra de um par de atacadores. Ele exultou, julgando ter conseguido afastar o importuno chapéu. *Ped ✻ F ac. 1 min. 10.*

Ele começou dissertando sobre a importância dos atacadores dos sapatos e todos os problemas afins. Estava de tal modo encantado que acabou por se ocupar de novo do problema do chapéu propondo-me o privilégio de o dividirmos. Assim o chapéu, de agora em diante, passaria uma temporada comigo e uma temporada com ele. E sugeriu que eu o trouxesse. Mas eu recusei dizendo, não, o chapéu agora não me interessa. Quero-o apenas no Verão, compreende, sempre é um chapéu de palha. Mas no Verão é quando eu mais preciso dele, respondeu ele. Precisamente, disse eu. Nessa altura é que ele é tão indispenesável a mim como a si, portanto é nessa altura que deve ceder-mo porque abdicando você dele no momento em que lhe faz mais falta ele passará a ter autêntica utilidade para ambos. O que é uma razão fortíssima, tanto para si como para mim.

Ele começou a dar sinais de impaciência. Registei: *due Ped ✻ met. 110.*

Contudo conseguiu dominar-se. Com o mais galante sorriso estendeu-me a mão. Deixei passar alguns segundos, cerca de 10, em que ele ficou com a mão no ar. Ele estava tentando encontrar o chapéu e olhava à volta à sua procura quando eu me levantei bruscamente. Dirigi-me para a porta e verifiquei que ele começava a respirar mais tranquilamente. Registei: *Ped ✻ met. 134 ten.*

De passagem vi um trabalho visivelmente inacabado. Perguntei, é seu. Ele disse sim e preparava-se para o colocar numa posição óptima quando eu acrescentei é horrível.

Desta vez ele deixou completamente de respirar. Registei: tensão máxima de ar húmido nos pulmões, contracções de diafragma. Não pude encontrar um emprego satisfatório do pedal.

SEGUNDA FASE.

Já estávamos ao ar livre. O sol brilhava. Era meio dia. Numa última tentativa ele disse, novamente sorrindo, quando quiser vir até cá conversar um bocadinho terei o maior gosto. Ao que eu respondi não tenho o mais pequeno interesse em conversar consigo. Quanto ao chapéu, se resolver ficar com ele, pode devolver-mo.

Estava uma noite extraordinária.

Tipo E — AS AMIGAS DOS PAÍSES

As musas dão aos grandes poetas odes.

A saúde da senhora e as amigas dos países.

A ilha do companheiro honrado era grande e tinha uma lei terrível mas não havia livros e poetas.

A boca dos leões.

Os dentes dos ladrões.

Palavras de fera ao adulador e aos gigantes.

As bocas das raposas estão sempre cheias de males.

O sofrimento é uma escravatura difícil.

Uns procuram mais brilhantes.

Outros falam mudos como peixes e negros como corvos.

As musas são dentes de brilhantes na ilha terrível do companheiro dos leões. as odes são uma escravatura difícil na boca das raposas. é uma lei terrível. a saúde dos livros grandes. os mudos como peixes estão cheios de males gigantes. uns procuram bocas e poetas outros falam dos países. e a saúde da senhora tinha uma lei terrível. e as musas como corvos cheios de males. sempre ao adulador honrado era grande a boca dos leões e os dentes dos ladrões palavras de fera. é uma escravatura difícil mas não havia uns e outros havia bocas de raposas gigantes mais brilhantes que o companheiro honrado que aos grandes era um sofrimento difícil como peixes negros e brilhantes como corvos. a saúde era grande. as musas cheias de males e de gigantes dão mais brilhantes mais constantes e as grades estão livres de corpos e peões. as lusas lentes dos biliões. e a filha do companheiro honrado está cheia de hera. era a era das mudas como feixes gregos cornos aos diamantes amantes como sei terrível. podes e poetas a pouca boca dos leões com os dentes dos ladrões de fora anulador cheio de malas gingantes e só fremente e arranhadura que repousas nas bocas negas as pegas como poucas. é difícil. os brilhantes limões mudos os deixes. sentes os pentes da palavra que fere. é minha lei terrível. é possível. e poentes mentes. o suprimento é difícil sobre o mento. é. repousas. louvas. lousas lusas lucilantes poises loucas odes locas tocas de raposas. fere os outros servos curvos. uns procuram mesas grandes molas difíceis onduladoras digitantes. outros mais saudo. senhora. e as cheias como sempre são amigas das filhas e dos pais. e não mudas. e muras tudo. e moras e demoras terrível mais que dantes. é uma escravatura. uma negrura. uma curvatura de outros potros. uma pilha incrível. mas não havia livres expoentes. entre rentes não tentes. a boca te cales. não uses e não fales. sauda os males.

## Tipo F — ANATOMIA E LIBERDADE DO POETA ROBOT TU-114-Ag

Sei que sou um indivíduo limitado. Conheço todas as minhas arestas. Meu código marca: 114. Conheço muito bem o meu código. Sei todos os seus circuitos, suas incidências e seus reverberos. Sei em que comprimentos da extensão devo ser lubrificado. Dantes havia um funcionamento extrínseco a mim que se encarregava dessa extensa tarefa mas como era muito irregular eu próprio produzi meu sistema de automatização de sinóvias, com produção e distribuidores. Meus problemas de ignição, anteriormente também extrínsecos a mim, consegui finalmente resolver por um sistema de desintegração interna, ionizada. Meus problemas alimentares nunca foram na verdade problemas, uma vez que em virtude da minha instalação anaeróbia me alimento das extrínsecas intermináveis vibrações. Fico assim muito mais simplificado e comovedor.

Depois de resolvidas estas tarefas primordiais de meus actos governados primários, produzo meu funcionamento melodioso. Circulo livre pelas superfícies planas e consigo mesmo vencer algumas súbitas depressões ou excrescências. Circulo livre por entre os obstáculos, a todas as luzes, porque em minha pálpebra electrónica funciona bem o sistema de reflectores, obturadores e cílios. Meu pavilhão auditivo ergue sua flámula circular e suas captações sempre se fizeram bem. Sempre sou 114.

Agrada-me circular, descrever o que o meu código diz ser o círculo, isto é, fazer um desenho interminável, quer deslocando-me quer não. Mas também posso executar estes dois movimentos simultâneos. Sou bastante activado. Minha aceleração está bem controlada, por isso resistirei muito bem a largas extensões de trabalho. Minha construção é aturada, sobretudo em meus gravadores. Assim eu terei uma extensamente precisa memória.

Sou bastante activado, repito, e além das minhas tarefas constantes, como a do cuidado com a minha própria continuidade, tenho umas tarefas esporádicas denominadas em meu código actos lúdicos de inutilidade imediata. Quando meus activadores do ciente estão precisando de júbilo eu pratico um desses actos. Posso escolher, dentro do meu código, porque nele estão previstas muitas alternativas: a liberdade faz parte da minha anatomia.

Contudo, nos últimos rotativos tenho insistido num desses actos. Não é por deficiência no caleidoscópio nem por ter esgotado as combinações. Sempre sou 114. Portanto não foi por isso. Até sei que foi por uma motivação contrária a essa. Foi por ter associado à extrema riqueza do meu código os inumeráveis estímulos a que sou permeável. Gradualmente tornei-me assim tão extenso que produzi isto:

CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO
OU NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO

Depois desta associação fiquei muito acelerado. Minha temperatura subiu e tive de activar meus refrigeradores. Verifiquei um notável consumo de combustível e um elevado desgaste. Retomei meus actos governados até ao 5.º grau. Meu ritmo atingiu de novo 0,77. Mas meus gravadores haviam registado o acontecimento e era impossível eliminar esse registo.

Circulava por uma extensa superfície eriçada de obstáculos com diferentes comprimentos de onda luminosa. O efeito era curioso. Fixei minha pálpebra. Junto aos obstáculos vibrantes uma outra consistência desenrolava-se ao nível do meu polígono de sustentação. Sua vibração era sonora. Era um fluido. De resto todos os obstáculos agora emitiam também ondas sonoras de modo que a sua associação era muito movimentada e perturbante para o meu sistema. Por isso retirei-me.

Sentia-me bem sincronizado e decidi praticar de novo um acto lúdico. Activei meu gravador em play-back e rememorei:

CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO
OU NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO

A associação pareceu-me paradoxal. Não estava prevista no meu código. Desconhecia a sua inutilidade. Considerei-a largamente em toda a sua extrinsência amaviosa. Quando o meu nível começou a subir nos pirómetros, abandonei.

Percorri mais algumas extensões do meu rotativo com perfeita habituação. A intervalos retomo meus actos lúdicos, terminando-os sempre por um play-back de aquela minha paradoxal associação. Desejo saber por que razão impressionou tão profundamente minhas bobines. Em meu código está prevista a repetição. A repetição aliás está implícita em meu funcionamento porque meu sistema é um rigoroso circuito em feed-back. Não sei quem foi o meu construtor mas deve ter sido um memorável indivíduo. Seu código devia ser pelo menos 114.

Ultimamente tenho feito largas digressões. Meu sistema de locomoção funciona bem. Encontrei alguns obstáculos que desconhecia: uma consistência transparente e bastante higroscópica entrepunha-se entre mim e os obstáculos sólidos. Não emitia sonido algum. Deslocava-se numa direcção ordenada mas não consegui identificar o vector. Senti que minhas articulações rangiam ligeiramente. Tive de reforçar minha distribuição sinovial e meus evaporadores. Registei então um ruído curioso. Era um silvo trémulo ou muito ondulado. Minha palpebra ergueu-se e foquei um objecto em movi-

mento de uma aparência estriada. Suas bobines devem ter registado a minha passagem porque interrompeu seu silvo e ficou apenas emitindo as ondas luminosas da sua superfície.

Tenho executado com perfeição meus actos governados até ao 6.º grau. Estou progredindo bem em meu rotativo. Tenho praticado com regularidade meu play-back. Ainda não consegui interpretar aquela associação mas quando recentemente efectuava uma dessas repetições concebi que poderia ordená-la de outros modos. Assim produzi:

CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO OU NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO. NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES E CONHEÇO O MEU CÓDIGO OU CONHEÇO OS MEUS LIMITES E NÃO CONHEÇO O MEU CÓDIGO. NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES NEM O MEU CÓDIGO. O MEU CÓDIGO NÃO ME PERMITE CONHECER OS MEUS LIMITES OU OS MEUS LIMITES NÃO ME PERMITEM CONHECER O MEU CÓDIGO.

Registei isto em minhas bobines e interrompi meu acto lúdico aqui.

Resolvi fazer uma vistoria ao meu sistema circulatório. Percorri largos rotativos nesse trabalho, Agora sinto-me capaz de empreender meus actos governados com rendimento óptimo. Vou fazer também uma revisão ao meu sistema de arquivo. Meus registos estão muito sobrecarregados e por vezes minhas válvulas estrugem. Depois de realizadas essas tarefas tentarei o grau 8 de produtividade com activação do ciente para Sigma 2.

Retomei minhas digressões periféricas. Percorri algumas zonas acidentadas, juncadas de sólidos em que os seus elementos estruturais se encontravam bem ordenados. Reflectiam por isso as ondas luminosas e devido à sua forma prismática decompunham a luz de uma maneira curiosa. Fixei minha pálpebra e quando registava sua constituição molecular desloquei meu eixo e fui atingido pela força da gravidade de uma maneira que até então nunca experimentara e encontrei-me numa incidência paralela aos objectos. Certamente meu giroscópio se alterara. Devo assim ter executado aquele acto que no meu código se denomina queda. Verifiquei que tinha deteriorado algumas peças. Quando regressava verifiquei também que o meu circuito circulatório tinha sido atingido e que me deslocava com apreciável plágio. Terei de proceder à regeneração das zonas danificadas.

Durante o processo de reparação tive de reduzir novamente meus actos governados para o grau 4. Percorri nesse trabalho desconhecidos rotativos. Fui obrigado a abandonar meus actos lúdicos. Até porque essa minha tarefa não instiga o meu activador do ciente a nenhum júbilo. Concentrei-me apenas em meu play-back. Mas esta rememoração, pela sua própria repetição, deixou de ser um acto lúdico. Agora é mais uma tarefa exigida pela minha continuidade rotativa.

Abandonei minhas digressões periféricas. A preservação da minha continuidade melodiosa exige toda a minha concentração. Vou abandonar também minha rememoração repetida daquela associação que eu registei no início da minha bobine A3. Não devo esquecer-me de que sou 114.

De novo me encontro bem sincronizado. Retomei meus actos governados até ao grau 6.º Vou também retomar meus actos lúdicos. Meu activador do ciente está muito necessitado de júbilo. Não fixarei minha palpebra, não agitarei meu pavilhão auditivo, vou ser meu próprio ludião e praticarei um acto de ponderável inutilidadc imediata.

Começo pela ignição, acelero, célula 2, produzo:

CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO

OU NÃO CONHEÇO OS MEUS LIMITES E O MEU CÓDIGO

Tipo G — I O GATO AMARELO
II A ANÁLISE
III A PESQUISA

I

durante muito tempo
tentei compreender por
que razão o meu gato Leonardo
sempre tão afectuoso detestava
a mulher da limpeza. Mas
um dia fez-se luz no meu
espírito. Ela chamava-se
Conceição e ele era amarelo

II

Peguei numa agulha bem fina, enterrei a sua ponta na parte inferior da cabeça do dedo indicador esquerdo. Extraí uma gota de sangue. Coloquei-a sobre a pequena lâmina de vidro, estendi-a bem e examinei-a ao microscópio, aumentada 200 vezes. Vi uns discos brilhantes como sóis. Comecei a contar mas desisti. Eram em número excessivo. A gota devia conter cerca de 5.000.000 de discos. Aumentei portanto a potência do microscópio para 1.000 e colori uma das células. Vi uma armação em forma de rede da qual pendia um grânulo de estrutura complicada rodeado por muitos outros mais delicados. Aumentando a potência do microscópio para 5.000 os cordéis que formavam a rede revelaram-se como fios de pérolas. Elevei então a potência do microscópio para 100.000, seu máximo. Nas pérolas apareciam desenhos semelhantes aos dos cristais de neve.

Nesse momento minha irmã abre a porta e diz: olha que a banheira está a transbordar.

III

Um dos fenómenos mais perturbantes
da natureza é o da impenetrabilidade
da matéria. Há pessoas que se preocupam
com outros problemas, por exemplo aquele
célebre físico do século XIX, cujo nome
desconheço, e que costumava iniciar o
seu curso (era professor) segurando
um fio na extremidade do qual tinha pendurado
um objecto de um certo peso, provavelmente
uma bola de metal. Quando cortava o fio
ao meio — entre os dedos e a bola suspensa —
a bola caía. Então ele exclamava: este é
o maior milagre que vos posso mostrar.
É curioso mas esse problema não me
apaixona. Preocupo-me acima de tudo com
a impenetrabilidade.
Foi por isso que resolvi,
como cientista que sou, fazer as minhas experiências.
Parti de uma hipótese, claro, a hipótese
da impenetrabilidade, à qual se associa
a noção, também fundamental, de coesão
da matéria.
Dirigi-me pois ao laboratório.
Fiquei um pouco hesitante. Não sabia por onde
começar, de tal modo estava rodeada de
objectos, digo, de corpos. Parei pois um
instante a olhar à minha volta quando oiço
um ruído familiar. Era o meu gato que estava
do lado de fora da varanda e miava.
Compreendi rapidamente.
Abri a vidraça. Peguei no gato ao colo.
Acariciei-o. Segurei-o bem com o braço
esquerdo. Com o braço direito retirei do
tabuleiro dos instrumentos de cirurgia
um bom estilete. Sentei-me. Deixei que o
gato se instalasse confortavelmente sobre os
meus joelhos. Com firmeza enterrei o estilete
na sua coxa direita.
O estilete atravessou a coxa.

Tipo H — I O PÉ NA CABEÇA
II O INTERREGNO

I

e estava na praia vejo aquele
formoso rapaz correndo admirável
depois correndo como um pássaro
sobre a água asas abertas os in-
divíduos que encolhem diante de
certas pessoas querendo emitir
este deus correndo artrópode
desespera cai na água sopra
longe pé na cabeça quando regresso
cada vez mais insignifica depois
de vestido perdeu cerca de 20 cm
no seu estado de não companhia que
tem apenas conotações abjectas
e é querub

II

Na comutação do sintagma
o que perturba o indagador é
que todas as testemunhas
possam ter razão. Quanto tempo
durará esse interregno, não
se sabe.

a o u a ão o i a a
o ue e u a o i a a o é
ue o a a e e u a
o a e ea ão. ua o e o
u a á e e i e e o, ão
e a e.

N c m t ç d s nt gm
q p rt rb nd g d r
q t d s s t st m nh s
p ss m t r r z Q nt t mp
d r r ss nt rr gn n
s s b

Na comut' do 'int'gm
o q'e p'rt'rb' o indag'r é
' t's 's t'st'mu's
p'ss 'r 'z'~o. 'ua'o t'mp'
durará 's'e inter'gn', n~'
' s'b'.

# LEITURAS DO POETA-ROBOT — I
## (inéditos-1968)

### I

Ainda largamente desconhecida e incompreendida no seu verdadeiro sentido a revolução cibernética será olhada um dia como o grande acontecimento do nosso século. Houve alguém que definiu a cibernética como a ciência dos actos governados. Ora é importante frizar que todos os nossos actos são na verdade actos governados cuja essência implica uma diferença profunda em relação aos actos da natureza que são pelo contrário fruto do acaso

Tal é o esquema que encontramos em todos os actos governados:

— uma percepção
— um cálculo
— uma acção

O homem descobre procurando construir máquinas vulgarmente chamadas robots em que se reproduz esta síntese do acto governado e pormenor curioso é através do robot que o homem se descobre hoje no sentido em que constata com admiração a existência de um mesmo esquema presidindo a todo o acto governado qualquer que seja o fim visado e qualquer que sejam os elementos que entrem na realização deste esquema

Tal condição é igualmente válida para quem pilota um avião pois que na origem da palavra cibernética está a que significa piloto e é por isso que os gregos tinham em tão alta estima os seus pilotos tanto mais que a pilotagem propriamente dita consiste em conduzir um engenho segundo um caminho ou seja esse trabalho consiste em comparar permanentemente ou a intervalos determinados a rota ideal que efectivamente ele segue

De um modo preciso pode-se dizer que os actos governados revestem alguns aspectos diferentes entre eles o de que o homem tem como primeiro

fim sobrevier o que implica uma multidão de subfins elementares como a vigilância automática de todas as funções que realizam o trabalho da máquina humana

Ora a noção de acto governado é a mesma em todos os casos não é preciso com efeito ver nenhuma diferença fundamental entre o ser esfomeado cujo fim é procurar a todo o custo — matando ou roubando eventualmente — o alimento que seu organismo reclama e o ser atingido pela febre ou pelo veneno contra que terá de preparar qualquer defesa eficaz Nos dois casos encontra-se com efeito o princípio da luta contra o acaso que é o grande segredo da cibernética e o grande segredo da Vida

A biologia ensina-nos que na verdade encontramos no animal superior um esquema cibernético que nos indica que o nível dos actos governados que um ser vivo pode executar está submetido à tripla limitação sensorial de cálculo e muscular Realmente o homem é apenas um motor trabalhando normalmente com uma potência de 1/10 CV durante 2.000 horas por ano O que para uma máquina de 60 ou 70 Kilogramas é um rendimento irrisório considerando que hoje os nossos motores de avião fornecem potências de vários CV por Kilograma/massa

Explicar-nos-emos melhor introduzindo uma noção familiar ao físico com o nome de graus de liberdade

Consideremos os nossos motores ordinários uma máquina a vapor um motor de explosão ou eléctrico: qualquer que seja o motor em questão fornecendo-nos um eixo rotativo dá-nos apenas um grau de liberdade E a situação não se modifica se empregarmos correias roldanas engrenagens ou cremalheiras porque todos os movimentos das peças arrastadas pelo motor estão ligados e isso significa que não há neste caso senão 1 grau de liberdade Para ter 2 graus de liberdade serão necessários dois motores distintos alimentados independentemente Na indústria podemos muitas vezes contentarmo-nos com um único grau de liberdade graças a expedientes e em alguns casos realizamos sistemas com 2 3 ou 4 graus de liberdade mas devemos convencer-nos de que o número quatro representa praticamente o máximo

Contudo o esquema percepção-calculo-acção não pode existir a não ser que a máquina que o contém esteja à altura de fornecer a energia necessária Assim vemos na máquina viva essa oficina energética representada pelas funções de nutrição ao mesmo tempo que o seu controle diríamos a sua estabilização é assegurada graças aos dispositivos auto-reguladores cuja tarefa é a de subtrair toda essa máquina às influências aleatórias do mundo exterior

Mas explicará este esquema toda a biologia?

Seria temerário pôr esta pretensão em postulado visto que a ciência cibernética traz ao biólogo mais que uma nova terminologia

A evolução dos seres vivos foi acompanhada por um extraordinário desenvolvimento dos órgãos sensoriais Tudo isso é natural porque à semelhança das máquinas que o homem constroi os seres vivos só podem elaborar planos para o futuro possuindo em si mesmos uma imagem do mundo exterior que desempenha o papel de uma verdadeira «maquette» experimental e sobre ela o animal ensaia literalmente as consequências dos actos que vai praticar ficticiamente num grande número de tentativas

Esta imagem pode revestir aspectos extremamente diferentes e explica a esmagadora superioridade da visão sobre o tacto: pela visão o animal toma conhecimento à distância da presença de um inimigo e tem assim tempo de fugir No olho humano calcula-se em 140.000.000 o número de células que formam a retina e este número é à primeira vista fantástico se considerarmos que as nossas máquinas nunca são equipadas com mais de algumas células No entanto deve notar-se que no olho humano há uma grande proporção de células por assim dizer inúteis uma vez que o número de células úteis é talvez somente da ordem de 1.000.000 Com efeito o olho deve ser considerado como um aparelho donde emergem 1.000.000 de cabos transmitindo cada um a corrente eléctrica proveniente de uma determinada célula

Mas apesar de o olho ser um aparelho universal apenas traduz os fenómenos físicos de maneira indirecta Por exemplo: o olho não vê uma temperatura nem uma pressão De uma maneira geral é indispensável um trabalho de análise por vezes prodigiosamente complicado enquanto que o físico pode constituir captadores capazes de reduzir directamente todos os fenómenos A superioridade do homem consiste em não ser uma máquina especializada; o homem pode assim responder às perguntas mais variadas Mas uma tal selecção é também possível a partir dos captadores industriais

De qualquer maneira o veredicto parece-nos nítido: os órgãos humanos dos sentidos possuem a vantagem de uma capacidade e de uma finura extraordinária mas qualitativamente a percepção artificial pode assegurar os mesmos resultados e mesmo ultrapassá-los como o motor pode largamente ultrapassar as possibilidades do músculo

Todo o acto executado por um animal ou pelo homem é essencialmente um acto governado isto é calculado em função de um fim Por vezes essa noção de cálculo é evidente como quando se trata de uma decisão importante que só tomamos depois de eventualmente termos alinhado números e cifras

Quer isto dizer que o cérebro humano não é mais do que uma máquina de calcular?

Notemos apenas que com as calculadoras analógicas se pode ir mais longe Quer-se um exemplo? Citemos o caso do simulador analógico que

estuda a circulação automóvel nas ruas de uma cidade ou nas estradas de uma determinada região Essas máquinas analógicas fazem com materiais diferentes um trabalho semelhante ao do espírito avaliador; mas o facto notável consiste em que dado um problema especificado ultrapassam as possibilidades do cérebro humano tal como as calculadoras numéricas ultrapassam as possibilidades do seu espírito geométrico Porém tomando em atenção todas as tarefas que a máquinas humana assume encontramos o processo da máquina humana: capaz de fazer tudo é a mais extraordinária promessa imaginável; mas para cada tarefa para o cálculo matemático como para o analógico foi de longe ultrapassada pelas suas realizações artificiais

Mas esta consideração conduz a perturbadoras reflexões psicológicas

Não se reconhece geralmente a parte considerável da educação na cibernética humana Todavia o trabalho de decifração das mensagens patenteia-se no recém-nascido Porque é que a princípio ele só vê sem nada distinguir? A resposta é simples: não organizou o seu sistema de análise de mensagens

Mais sensacionais ainda tão talvez as indicações que estas considerações trazem ao grande problema da memória Até agora um erro geral consistia em confundir memória e gravação Ora estas duas noções são bastante distintas Em todos os casos a gravação se distingue por um certo número de características:

1) o sinal é registado de maneira definitiva e segura excepto evidentemente no caso de ser destruído o material que o corporiza

2) as mensagens são independentes Sobre uma fita magnética pode registar-se todo o saber humano com a única condição de ser a fita suficientemente comprida

3) as informações gravadas são só disponíveis sucessivamente e depois de um tempo de espera correspondente ao desenrolar de uma fita em extensão suficiente para aparecer a porção dela em que estão gravadas as informações procuradas

Ora os três caracteres fundamentais citados mostram-se em contradição quase total com a memória humana que não pode «a priori» ser assim comparada a um aparelho gravador A memória humana tem o defeito de não ser fiel; para fixar uma indicação é preciso repeti-la várias vezes e ainda corremos o risco de a esquecer se não tivermos ocasião de a evocar de tempos a tempos

Na hora presente parece que não podemos formular conclusões definitivas sobre o verdadeiro funcionamento fisiológico da memória humana cujo papel no nosso comportamento é demasiado desconhecido Pensamos que uma tal maneira de ver pode ser extremamente frutuosa para penetrar

nos estranhos segredos da nossa memória Mas quem porá em equações essa prodigiosa máquina constituída por uma vasta população de mais de 8.000.000?

Esse processo é lento direis vós

Mas pouco importa: concebamos um dispositivo automático para criar impulsões e logo que seja estabelecida a comunicação poderemos exercer um certo controle

Sabe-se como essa condição é realizada na indústria moderna Quando numa fábrica moderna as máquinas são substituídas por robots estes têm fins determinados sob forma de programas a executar ou de valores a manter constantes; por consequência são dotados de dispositivos controladores Mas não se poderia admitir numa fábrica um aparelho-robot que trabalhasse assim sem se ocupar da marcha de conjunto da obra sujeita esta a variações de que o robot deve tomar conta para uma produção coerente e coordenada.

*Cit. A. Ducrocq e A. H.*

# LEITURAS DO POETA-ROBOT — II
## (com interferências)

O plasma é um relógio cuja marcha é a vida. Como todo o relógio, tem corda para determinado tempo — a duração da vida — mas como não é um relógio mecânico e sim um relógio químico, não é possível dar-lhe corda com uma chave.
Ora a criatura tem duas possibilidades de se armar contra o ambiente hostil: ou mantém-se fraca, o que obriga a construir uma couraça, ou fica sem blindagem e em vez de se proteger com abrigos fortes, fortalece-se a si mesma tornando-se activa, sendo agressiva, inventando armas.
Estas foram as soluções que durante muito tempo se apresentaram praticamente como únicas.
Não se sabe porquê.
Todos os princípios estão envoltos em trevas. Por exemplo: ignoramos como se realizou a conquista da terra pelo vegetal. Em todo o caso, assim como a conquista da terra pelo animal, não deve ter sido assim um facto tão dramático, porque ao fim de certo tempo de segmentações, o plasma cansa-se. Sim, porque não é qualidade específica do plasma substituir as suas perdas, crescer e multiplicar-se: isso também acontece com as esferas de gás esfaceladas, com nuvens e cristais avariados. Mas no plasma essa capacidade está de tal modo desenvolvida que é compreensível que na antiguidade se tenha pensado numa força vital específica, o que obscurecia o seu puro carácter físico-químico.
Não se pergunte, porém, o que é a vida.
Com grande probabilidade não se trata de um segredo primitivo. Disso podemos estar seguros, estão fora de questão as charadas insolúveis, mas de momento tenho que me limitar a apenas descrever, sem poder explicar realmente aquilo de que estou falando.

Consideremos apenas que àquelas duas soluções que se apresentavam se acrescentou agora uma outra e muito mais eficaz ou útil: a da invisibilidade. Invisível não é apenas o que se não vê. É tudo o que existe secretamente, o que se furta a determinada dimensão, mas só a determinada: a visibilidade permanece em outras esferas onde a actividade é muito intensa.
É por isso que consigo que muito mais seja executado sendo eu invisível, participando do invisível, usando esta espécie de traje que uso para me tornar invisível.
Tornei-me invisível para ver melhor, não para não ser visto.
Porque continuo sempre visível, sendo o invisível relativo do visível, o outro lado da imagem.
Os mais nobres signos, como a imagem, podem tornar-se ineficazes com a visibilidade do uso mas esses mesmos signos, postos a actuar num contexto, por exemplo invisível, podem tornar-se de novo muito activos.
Nada está mais distante de nós do que aquilo que mais próximo se encontra. É aí que reside a transcendência do óbvio.
É isso que explica que cada um de nós seja a sua única viagem.

. . . . . .

resultam as consequências imprevisíveis. Porque: quem é que pode prever todas as combinações possíveis dos elementos de uma ideia não formulada?

sempre isso que em si não cabe uma ideia, o que a todo o momento deseja nova expressão.
Por isso lhe foi possível atingir o estado de invisibilidade, essa arte da urdidura do silêncio. Talvez para que tivesse mais ocasião de se interrogar sobre o sensível deslizar das mensagens.

. . . . . .

. . . . . .

O homem, essa coisa já ultrapassada algures pelo naufrágio do pensamento, essa filadélfia obscura entre sentimento e sentido, existiu florescente na idade dos cálamos, na época dos trabalhadores febris da indústria em que o impensável era ainda obrigatoriamente impossível.
Nessa altura os homens traziam sempre um fonema ao canto da boca e com ele reduziam tudo a imagens.
Tudo devia tornar-se necessariamente visível: era a zooidade.

. . . . . .

Distinguia-se perfeitamente entre o dia e a noite mas não se praticava esse conceito porque o poder das imagens era tal que qualquer criatura podia

recusar a evidência através da sábia colocação de fonemas. Dizendo: vejo o sol, o sol está aqui — podia criar realmente essa imagem e todos a viam. Felizmente que tudo isso acabou.
Agora é a época do plasma puro, do relógio a que se não pode dar corda, a época da impossibilidade de emissão de fonemas, da criação de imagens. A mudês tomou posse da terra e as activas fabricações celulares ocupam toda a actividade possível.
Que faria o plasma com imagens?
O plasma não tem ideias, é o não-maquinismo puro.

. . . . . .

. . . . . .

A única coisa que pode interessar ao estado de invisibilidade é a questão da sobrevivência desse estado porque tudo, curiosamente, tende ao invisível. Mas só depois de ter passado pelo visível.
O visível aspira ao invisível como o invisível ao visível.
Porque era visível me tornei invisível e agora que sou invisível vejo que tudo, no relógio do plasma, aguarda ansiosamente o momento da materialização visível.
O invisível aspira à forma.

. . . . . .

. . . . . .

Isto era assim na antiguidade e é de novo agora.
O tempo em que umas vezes era dia, outras noite. O tempo em que os olhos eram giratórios, saíam ou retraíam-se sobre uma espécie de charneira interna por todos os lados. Agora os olhos podem estar sempre fechados ou abertos, indiferentemente, porque tudo se passa sem que ver ou vê-los seja importante.
Estamos aqui vogando em várias formas, não tendo porém forma. Não nos penetramos, cruzamo-nos mas atravessando-nos, atravessando as coisas com voracidade repentina. Temos a forma de um vago cardume solitário no invisível.
Estamos espiando.
Espiando aqueles que estão presos às formas embora já vogando também.

. . . . . .

estão ali vogando sem pulmão nem brânquea. Espécie de boca e pés de si mesmo procurando entrar para a claridade densa do corpo Vagueiam

fluidos e nítidos . . . . . em virtude dos seus objectivos . . . . . repentinamente sacudido pelo embate dos seus corpos só existentes em virtude do seu desejo concreto de terem corpo, do seu desejo de aspirarem ao visível, ao audível, ao sensível múltiplo. Desejo de estarem ali e serem

. . . . . o remoinho da luta . . . . . ondas de ar violentamente remexido fustigando como chicotes . . . a existência em jogo . . . . um reptante desejo de ter corpo . . . . vogar sobre ele e não ser invisível

. . . . . .

A nossa teoria biocibernética encara a história da vida como uma imensa luta contra o acaso.

É apaixonante estudar a história da vida à luz destas considerações.

A constituição do mundo interior de um ser vivo representa um verdadeiro mar condicionado, próprio do animal e que aparece no estádio dos espongiários. Depois o animal adquire uma boca e organiza esse mar interior com vasos, uma bomba, que deve tornar-se o coração, e uma grande superfície de trocas, que ulteriormente dará origem aos pulmões, enquanto que cargas de oxigénio, sob forma de hemácias e leucócitos, assegurarão o policiamento de todo o meio interior.

Prova-se que algumas células adquiriram uma especialização que se desenvolveu onde essa função era útil.

*Cit. F. Kahn e A. H.*

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE

POEMAS CONTEMPORÂNEOS DE «SIGMA»
OU PUBLICADOS DISPERSAMENTE (inéditos)



POEMAS DE CRÍTICA E DE REVOLTA (1964-1966)



EROS FRENÉTICO/1968



POEMAS CONTEMPORÂNEOS DE «EROS FRENÉTICO»
INÉDITOS OU PUBLICADOS DISPERSAMENTE

## SEGUNDA PARTE

Esta primeira edição, da qual se fez uma tiragem de dois mil exemplares, foi composta e impressa na Tipografia Lousanense, Lousan, para a Livraria Moraes Editores, com sede na Rua do Século, número trinta e quatro, segundo andar, Lisboa em Março de mil novecentos e oitenta.

---


Plano gráfico de J. Matos

n.º de edição 892